

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS**

**A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DAS PRÁTICAS  
CORPORAIS ALTERNATIVAS**

**ALINE DA SILVA NICOLINO**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. LEILA MARRACH BASTO DE ALBUQUERQUE**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade – Área da Pedagogia da Motricidade Humana.

**RIO CLARO, SP  
2003**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS**

**A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DAS PRÁTICAS  
CORPORAIS ALTERNATIVAS**

**ALINE DA SILVA NICOLINO**

**RIO CLARO, SP  
2003**

## RESUMO

A cultura corporal alternativa, tema deste trabalho, expressa adaptações e criações de fontes diversas, combinando vários saberes e conhecimentos de forma aberta e original. O estudo tem como problema o universo profissional alternativo direcionado para as práticas corporais alternativas, compreendendo essa formação como manifestação de uma socialização secundária, que entende essas articulações como uma crítica aos conhecimentos científicos. Os procedimentos metodológicos se valeram do referencial teórico clássico das Ciências Sociais, da observação sistemática, com a descrição dos espaços visitados, além de questionário e entrevista, direcionados para a história de vida de algumas profissionais selecionadas. Os dados revelaram uma visão mais ampla do ser humano, com formas de pensar, sentir e agir mais livres, assim como fatores que sugerem um possível encaminhamento para um processo profissionalizante no universo alternativo, apontado por uma disputa interna. Além disso, o universo atribui um papel de destaque para a experiência prática e uma linguagem inversa do processo profissional da Educação Física, pois parte de elementos ignorados pela ciência, como o conhecimento prático, para buscar seu reconhecimento. Enfim, o universo alternativo apresenta elementos que atendem as características culturais da pós-modernidade, mostrando-se uma área emergente que se vale de variáveis distantes da modernidade, como carisma, prática e subjetividade, revelando-se inovador e único.

**Palavras Chave:** Cultura Corporal Alternativa, Socialização Secundária, Processo Profissionalizante.

## SUMÁRIO

	<b>Página</b>
INTRODUÇÃO.....	1
Hipótese.....	2
Objetivo.....	4
Justificativa.....	4
População e Instrumentos de Coleta de Dados.....	5
CAPÍTULO I. REVISÃO DE LITERATURA.....	8
Corporeidade.....	8
O corpo no Universo Alternativo.....	20
Socialização e Profissionalização.....	32
CAPITULO II. DESCRIÇÃO DOS ESPAÇOS ALTERNATIVOS DE RIO CLARO.....	39
Um Universo em Movimento.....	40
Outros Espaços e Eventos Alternativos em Rio Claro.....	83
Atividades Alternativas na Universidade.....	86
Atividades Alternativas I.....	86
Atividades Alternativas II.....	87
Observações Gerais.....	88
CAPITULO III. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	90
Perfil do Profissional Alternativo de Rio Claro.....	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS.....	115
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	120
APÊNDICES .....	121

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema a cultura corporal alternativa. Essa cultura, é descrita por Russo (1993, p. 111) "[...] como um campo cujos contornos externos são pouco nítidos e cujas demarcações internas parecem estar sujeitas a variações e deslocamentos". Além disso, manifesta-se composta de verdadeiras invenções, pois combina saberes oriundos de fontes de conhecimentos diversos de modo sempre original e dinâmico. Tais combinações, móveis e errantes, como mostra Albuquerque (2001a), certamente oferecem representações do corpo diferentes da científica ou mesmo daquelas definidas no processo civilizador. (ELIAS, 1990). Assim, essas invenções são possíveis graças à criatividade dos seus profissionais que, por meio de prática, leituras, cursos e oficinas voltados para o universo alternativo, constroem seus "mapas" do corpo (informação verbal)<sup>1</sup>. Tal processo pode ser definido como uma verdadeira socialização secundária, já que possibilita a entrada em mundos particulares e específicos da formação profissional. Berger e Berger (1977) descreve esse processo como uma linguagem repleta de interiorizações semânticas, decorrentes do seu caráter intelectual, isto é, a socialização secundária depende de méritos conquistados e adquiridos do corpo de conhecimento em questão.

Todavia, no caso da cultura corporal alternativa, tal processo aponta para a identificação de um modelo que represente um estilo e uma forma de reconhecimento cultural, diferente daquela já estabelecida por instituições

---

<sup>1</sup>Mapas do corpo é expressão sugerida por Albuquerque na formulação do texto, em Rio Claro, em outubro de 2001.

tradicionais (MARTINS, 1999), pois “[...] é frente ao ‘corpo civilizado’ que a cultura corporal alternativa ganha o seu sentido”, conclui Albuquerque (1999, p.5), ao analisar as novas gestões do corpo na contemporaneidade.

Assim, o problema desta pesquisa trata da formação dos profissionais voltados para as práticas corporais alternativas, entendendo-se essa formação como expressão de uma socialização secundária. Antes, porém, é preciso definir o que se entende por alternativo nesse estudo. Conforme Magnani (1999a, p. 12-13) “[...] a denominação ‘alternativo’, tributária ainda do movimento da contracultura, por denotar um caráter de contestação a valores dominantes”. Indaga-se sobre as escolhas e a articulação dos cursos feitos por esses profissionais e sua organização, como base para uma prática profissional. A apreciação da história de vida dos mestres e divulgadores dessas práticas em Ribeiro e Magalhães (1997) mostra em suas vivências, formação e profissão, componentes culturais de tempos passados e presentes. Enfim, pretende-se, através do estabelecimento e difusão da cultura alternativa na contemporaneidade, verificar as inovações e as gestões do corpo que estão sendo traçadas e entrelaçadas nesse processo.

### Hipótese

Mudanças na maneira de se pensar, sentir, relacionar-se com o mundo e consigo mesmo trazem conseqüências no campo da ciência, política, saúde e religião. Martins (1999) acredita que o grande crescimento da cultura alternativa e difusão de suas práticas, nas últimas décadas, tem relação direta com a insatisfação da classe média, sobre questões de ordem mental, física e espiritual, bem como acredita que essas práticas suprem a perda de confiança nas instituições tradicionais, como a “saúde” e a religião. Assim, esta pesquisa tem como hipótese que a mistura de saberes, tradições e crenças atribuída à cultura corporal alternativa revela um sistema inovador e aberto, que atende às características culturais da pós-modernidade. Roseneau (1992, p. 49-50) define a pós-modernidade como um desafio “[...] ao caráter absoluto das prioridades modernas: carreira, trabalho, responsabilidade individual, burocracia, democracia liberal, tolerância, racionalidade, idéia de progresso, razão crítica e experiência objetiva”.

Com base em Russo (1993), espera-se que a escolha dos cursos que compoem a socialização secundária desses profissionais expresse articulações que desarranjam as fronteiras rígidas de conhecimento, comuns no ensino científico e universitário. Além disso, espera-se também que essas articulações expressem um leque de possibilidades que iria da fidelidade a uma expressão da cultura corporal alternativa como matriz para a socialização, a um hibridismo que organiza os conhecimentos sem uma hegemonia pré-definida. (BHABHA, 1998 apud ALBUQUERQUE, 2001b).

Nesse contexto, o cidadão moderno adere ao “alternativo”, em busca de uma consciência crítica e contrária aos conceitos valorizados e privilegiados da cultura tradicional ocidental. Imbuídos de um “olhar” diferente, Soares (1994), Martins (1999) e Albuquerque (2001b) mostram que o leque alternativo é composto por visões que se expressam no âmbito da consciência ecológica (visão encantada da natureza), da volta ao Oriente em busca de uma visão holística, da espiritualidade e das terapias do “self” (encontro de si). Perante um corpo civilizado e contido, que a cultura corporal ocidental moderna constrói, a cultura corporal alternativa, como um novo meio de expressão e manifestação, ganha cada vez mais espaço na sociedade contemporânea. Nesse processo, o complexo alternativo abrange diversas práticas, que se misturam ou se manifestam simultaneamente, tornando-se intercambiáveis, de fácil acesso e de grande diversidade.

A idéia de totalidade apresentada pela cultura alternativa deriva de uma visão de cosmos que enfatiza o corpo/mente/natureza, sendo a energia o elemento central e fundamental no composto unificador homem/natureza, presente em todas as atividades do complexo alternativo. A natureza assume o papel principal (cosmos), que confirma e mantém vivo o caráter comunitário, em que o vínculo com o ambiente ecológico é necessário para se afirmar sua identidade. (SOARES, 1994).

### Objetivo

Em relação à imagem corporal, os conceitos de inspiração oriental quebram a concepção dualista, a dicotomia corpo/mente estabelecida pela nossa cultura e

responsável pela desvalorização do corpo perante a mente. Relacionado com isso, cada vez mais cresce o interesse de alunos do curso de Educação Física pelas práticas corporais alternativas. Eles buscam, fora da universidade, do ensino tradicional e institucional, o aprendizado dessas práticas e terapias (Acupuntura, Ioga, Massagem, Danças, Reiki, Florais, entre outras) que renovam a concepção corporal. Esse interesse se manifesta em direção a uma nova forma de pensar, sentir e agir com o corpo, de modo a estruturar um modelo divergente do tradicional. Assim, o corpo ganha um novo sentido diante do contexto alternativo, que se opõe ao autocontrole, à razão e à cientificação. Diante disso, o objetivo desta pesquisa é proceder a uma análise dessa fonte de conhecimentos sobre o corpo, a partir do seu aprendizado e profissionalização, isto é, da sua incorporação como socialização secundária.

Por fim, a abrangência que o movimento alternativo apresenta não se restringe apenas às insatisfações com os modelos vigentes, mas também engloba o resgate de sentimentos e expressões que foram sendo censurados pela civilização. Além de preservar detalhes, aborda saberes e exalta conhecimentos que foram esquecidos e enfraquecidos no decorrer da História.

A pesquisa se apóia em novas formas de vivenciar o corpo, diante de velhas estruturas que não respondem às necessidades atuais. Essa nova ordem de saberes apresenta o corpo em interação com o meio ambiente natural e social.

### Justificativa

A cultura alternativa, emergente no Ocidente nos anos 80-90, mereceu poucos estudos por parte dos cientistas humanos, no Brasil, apesar da sua ampla difusão em setores das camadas médias e altas na nossa sociedade. Além disso, os aspectos corporais dessa cultura configuram a fatia menos explorada nesses poucos estudos. Assim, com esta pesquisa se espera cobrir, em parte, essa lacuna, bem como contribuir para uma ampliação do entendimento da motricidade humana na contemporaneidade.

### População e Instrumentos de Coleta de Dados

Os dados foram colhidos na cidade de Rio Claro-SP que, em levantamento exploratório, mostrou-se apropriada para os objetivos desta pesquisa. Me vali dos procedimentos metodológicos clássicos das Ciências Sociais (ABRAMO, 1979; RUDIO, 1979): utilizei a entrevista com os profissionais, juntamente com a

observação sistemática dos seus locais de trabalho, como instrumentos para a coleta dos dados, que foi dividida em duas grandes partes: uma voltada para a descrição dos espaços, e outra, voltada para a história de vida profissional de alguns informantes selecionados. Vale dizer que, já na primeira parte da coleta, foram obtidas informações valiosas sobre o processo de profissionalização de vários informantes.

Para realizar uma análise detalhada dos ambientes que promovem práticas corporais alternativas, na zona urbana de Rio Claro, foram utilizadas muitas vezes os parâmetros de Magnani (1999a) e Pinto Junior (2000), que contribuíram para a classificação e caracterização sistemática desses locais. Com isso, foi possível enquadrar minhas observações, bem como adaptar aqueles parâmetros à realidade estudada, no sentido de melhor descrever os detalhes e manter fidelidade às nuances que os locais apresentam.

Em um primeiro momento, fui em busca de informações preliminares, como localizar os espaços<sup>2</sup> e as práticas corporais, de forma a delinear uma trajetória para a coleta de dados. Assim, realizei um levantamento através de anúncios em jornais (classificados), folhetos (distribuídos na rua ou nas casas), cartazes colocados em alguns locais específicos da cidade, como o restaurante Opção Natural<sup>3</sup>, cartazes expostos na Universidade (cantina, Bloco do Instituto de Biociências, Departamento de Educação Física e Biblioteca), em murais criados para divulgar os mais diversos assuntos, bem como alguns espaços que também contribuíram acrescentando informações sobre outros lugares que ofereciam práticas corporais. Além desses, a colaboração de amigos e colegas que sabiam do meu interesse pelo assunto foi também uma fonte de informação valiosa. Tais informações possibilitaram um levantamento inicial, ainda restrito, que se foi ampliando através de contatos com pessoas interessadas no assunto e me levaram a novos lugares, ampliando o universo de pesquisa. As palestras, conversas e depoimentos de pessoas integradas no meio alternativo foram

---

<sup>2</sup> O termo espaço tornou-se consagrado entre os usuários e profissionais do universo alternativo e foi assimilado pelos antropólogos e sociólogos que estudam esse fenômeno.

<sup>3</sup> O restaurante Opção Natural é um restaurante vegetariano, localizado na região central da cidade. Tem importante função como divulgador de vários eventos, tanto de práticas alternativas como musicais, funcionando como local de encontro entre praticantes e simpatizantes da perspectiva alternativa.

essenciais para uma maior aproximação com o tema, já que eu não tinha muita familiaridade com o universo alternativo.

Em um segundo momento, descartei os espaços alternativos que não tinham nenhuma relação com práticas corporais, como locais somente de venda de produtos naturais, livros, leituras de tarô, ou seja, que não ofereciam atividades corporais alternativas. Com isso, pude estabelecer um roteiro do universo alternativo para visitar, e assim observar as características de cada espaço.

Após recolher as informações necessárias e seguir para a pesquisa de campo, encontrei em alguns espaços a placa de “alugar”, outros simplesmente haviam se mudado sem deixar nenhum aviso. Depois de três meses, retornei a esses endereços, em busca de informações, além de realizar consulta em listas telefônicas antigas e recentes. Porém, tais tentativas não tiveram êxito, visto que nenhuma informação foi obtida com esses procedimentos. Em um desses locais, por exemplo, que oferecia trabalho voluntariado de Cromoterapia, deu parte de suas atividades encerradas definitivamente, mas como o espaço abrigava dois grupos, um se desfez e o outro deu continuidade ao trabalho em novo local.

Diante disso, constatei a grande mobilidade desses espaços pela cidade. Mudam com facilidade ou mesmo acabam fechando suas portas. Podem também ser encontrados casualmente, pelas ruas da cidade, principalmente pela área central de Rio Claro, onde há uma maior concentração deles. Aliás, procurando um espaço indicado por uma colega, parei em uma casa para perguntar, e descobri uma outra profissional que também trabalha com práticas corporais alternativas. Tal situação demonstra a facilidade de encontrar lugares e profissionais, bem como a dificuldade de abranger ou esgotar todos os espaços. Entretanto, existem locais que se mantêm com endereço e clientela fixa há vários anos, revelando uma outra face do mercado alternativo, que de certa forma retrata uma estabilidade e credibilidade social. Uma outra vertente a ser destacada é a expansão dessas práticas, já que, desde o início da pesquisa, notei a abertura de novos espaços, diversos cursos, workshops, palestras, feiras de divulgação, bem como documentários, reportagens e artigos cada vez mais freqüentes nos meios de comunicação, e o surgimento de novos profissionais atuando em suas próprias residências.

Observei, também, que alguns lugares eram mais bem estruturados e mais bem equipados que outros, possuíam uma maior organização, no sentido de oferecer salas separadas para práticas distintas, com secretária para atender os clientes, folhetos explicativos das técnicas oferecidas no local, comércio de objetos e roupas, promoção de workshops, vivências em outros ambientes (chácaras, por exemplo), cursos com profissionais de outra cidade, entre outros eventos. Enfim, trata-se de um universo versátil, onde cada espaço proporciona diversas possibilidades de consumo, podendo a venda estar voltada para a saúde, e/ou espiritualidade, e/ou estética, assim como para a autocura.

Cabe ainda registrar outras situações com que me deparei nessa trajetória, por exemplo, a desconfiança de profissionais quanto a fornecer-me informações, assim como a tentativa de valorizar o espaço, com a apresentação minuciosa de atividades e produtos oferecidos, sendo que alguns profissionais ativeram-se somente em responder o que foi perguntado, já outros forneceram informações adicionais. Além disso, em alguns espaços encontrei dificuldades em obter resposta ao que foi perguntado, visto que o informante muitas vezes dava um outro direcionamento para a questão, mesmo que insistisse no assunto. Relato, também, a boa receptividade da maioria dos profissionais em um contato inicial ou em outras visitas, assim como o não comparecimento do informante para conversa anteriormente marcada. Portanto, a diversidade de ambientes e sistemas de organização, bem como a disposição dos informantes, teve conseqüências para a maior ou menor riqueza de informações obtidas nessa etapa da coleta de dados.

## **CAPÍTULO I. REVISÃO DE LITERATURA**

Essa pesquisa se apóia no referencial teórico das Ciências Sociais. Albuquerque (2001a) mostra que o corpo é um objeto de estudo recente nessas ciências, e que ainda não existe uma tradição suficientemente consistente para tratar da corporeidade. Apenas recentemente estudiosos voltaram sua atenção para o estudo do corpo e suas concepções, bem como suas expressões culturais. Assim, a necessidade de recorrer a novos estudos dentro da abordagem social do corpo demonstra um cenário ainda em construção.

### **Corporeidade**

Rodrigues (1980), com um olhar direcionado a determinados códigos culturais, vê o funcionamento social regido por uma determinada lógica que se institui e se interioriza nas mentes, retratando no corpo seus contrastes. Portanto, o corpo representa características próprias de uma sociedade, onde a linguagem se manifesta por codificações de grupos sociais particulares. O autor revela o corpo inserido em uma função ideológica, no sentido de ser representante de outras classificações e simbologias compreendidas em delimitados contextos sociais. Assim, por meio da linguagem corporal, são abertas vias de acesso para estruturas sociais que expressam características peculiares de uma sociedade.

Em vista da necessidade de recorrer a estudos que ofereçam o contexto da História Ocidental, para melhor compreendermos nossas atitudes, gestos e sentimentos, Elias (1990) descreve o processo civilizador no sentido de conceituar a construção e o desenvolvimento da “civilização” no decorrer dos tempos. Como processo, a civilização foi pensada e imposta, inicialmente, para

as camadas dominantes e, mais tarde, esse modelo tomou forma e corpo nas demais classes sociais. Elias (1990, p. 67) retrata o processo civilizador e suas manifestações no decorrer da História e apresenta o conceito de “civilité” como um período de formação dos costumes ocidentais, “[...] constitui expressão e símbolo de uma formação social que enfeixava as mais variadas nacionalidades”. O mesmo autor afirma que toda manifestação corporal “externa” (postura, gestos, vestuários, expressões faciais) é inculcada nos indivíduos por meio de tratados, livros e poemas que descrevem “o que” e “como” deveria ser feito ou não, o que era certo e errado, como se portar, agir, sentar, andar, comer, expressar-se e, sobretudo, como conter os impulsos “naturais” do ser humano. Esses tratados trouxeram um novo olhar sobre o comportamento, inaugurando uma nova forma de relacionamento entre as pessoas e interação com o mundo. Nesse momento, novas concepções foram construídas e levaram ao desenvolvimento de sentimentos específicos dessa formação social como a vergonha, a repugnância e o nojo. Estabelecendo um novo modelo de relações humanas, “[...] aumenta a compulsão de policiar o próprio comportamento”. (ELIAS, 1990, p. 93). Assim, o controle das emoções e impulsos revela, nesses poemas, tratados e livros, o intuito de padronizar e modelar o comportamento humano por meio de uma valorização da razão.

A repressão de desejos é internalizada de tal forma que hoje isso nos parece um sentimento “natural” interno, que opera o nosso autocontrole, mesmo que seja contra nossos desejos conscientes. A razão lentamente modela os hábitos e instintos “primitivos”, fazendo com que o “[...] código social de conduta grava-se de tal forma no ser humano, que se torna elemento constituinte do indivíduo”. (ELIAS, 1990, p. 189). O privilégio da razão e das atividades intelectuais sobre o corpo dicotomizou o ser/homem em mente e corpo. Nessa divisão, a parte intelectual, a razão, é responsável pelo controle e domesticação do corpo, ou seja, pela construção do homem civilizado.

A história dos corpos é apontada por Porter (1992, p. 295) como uma “construção simbólica”. Assim, para entender o corpo, é preciso visualizar “[...] como ele tem sido vivenciado e expresso no interior de sistemas culturais particulares”. Com base nos valores da modernidade, o autor evidencia, dentro da cultura tradicional europeia, a divisão hierárquica do corpo, segundo o qual a

mente assume uma posição superior à do corpo físico. Tal relação de subordinação ganha reforço no cristianismo, visto que o corpo era um representante do desejo, portanto fonte de ação pecaminosa. A mente assumia a responsabilidade de controlar atitudes sem pudor. Desse modo, a ciência desenvolve neuroses e rotula comportamentos, oferecendo novas racionalidades e padrões de ações.

A introdução dos padrões de condutas e hábitos corporais contemporâneos surgiu com o Estado que tinha o interesse de controlar, vigiar e punir atitudes "não civilizadas", ou seja, não aceitáveis dentro de uma nova estrutura social e moderna. (ELIAS, 1990).

A contribuição científica, com seus mecanismos ideológicos utilizados para facilitar as relações de dominação e dominado, é descrita por Foucault (1990), por meio de recursos e técnicas de saber e poder. O autor afirma que, desde o nascimento, existe o controle exercido pela família, em seguida a escola, o trabalho, a instituição religiosa, as ruas, os momentos de lazer, etc., ou seja, é exercido um controle permanente.

A instauração e a contemplação do poder sobre o corpo podem ser introduzidas de várias formas. Algumas delas podem ser expressas nas ginásticas, na valorização de formas bem definidas da musculatura, na concepção de belo, ou seja, na inserção de padrões. Entretanto, inserido nessa lógica de imposição de poder, existe uma reprodução de saberes que sofre alterações no decorrer do tempo, tanto nos instrumentos utilizados como na intensidade de suas técnicas, porque esse corpo produz respostas, já que não se encontra num estado de morbidez, o que gera mudanças e indica outros caminhos. Contudo, novos mecanismos de controle são ativados e transformados. Foucault (1979) ressalta em seu estudo a importância desse poder ou das diferentes formas de manifestação no desenvolvimento de valores, símbolos, normas e leis no nosso contexto social. O autor retrata a transmissão desse saber-poder por meio de mecanismos que não estão explícitos, mas interiorizados e naturalizados dentro de cada um, fincados na cultura e presentes no movimento humano.

Na ótica de um corpo punido, Foucault (1975) mostra as diferentes táticas utilizadas para punir e repreender atos considerados não aceitáveis no convívio social, revelando a arte dos rituais e sua importância no nosso contexto social.

Antes o castigo era feito em forma de espetáculo: todos participavam dos suplicios que ocorriam em praça pública, e as marcas eram deixadas nos corpos dos culpados. Com o passar do tempo e a chegada da modernidade, tal comportamento passou a ser visto de maneira negativa, sendo considerado expressão da barbaridade humana. Desse modo, o processo de punição foi tomando outras formas, no sentido de se castigar sem tocar no corpo, sem deixar marcas, o que levou a uma nova conduta: a pena, a partir de certo momento aplicada no indivíduo sem que este sinta dores. Estabelece-se, portanto, um novo conceito moral de punição.

O corpo, como propício a excessos, tem que ser policiado por tempo integral, vigiado, controlado e manipulado, dentro dessa moralidade social imposta. Na intenção de assegurar a “ordem social”, o corpo se torna cada vez mais dependente de condutas punitivas e repressoras. Porter direciona seu estudo para as relações de poder, bem como Foucault, que também evidencia as sujeições dos corpos para um disciplinamento dócil, uma força de trabalho eficiente, mas ao mesmo tempo obediente, recalcado por valores punitivos. Ambos autores exploram a necessidade de uma ordem social instaurada no corpo para este ser dócil e eficiente.

O controle, segundo Foucault (1975), passou a ser exercido e vigiado, principalmente nos séculos XVIII e XIX, individualmente, por meio de códigos que operam sobre os corpos a todo o momento. Dessa forma, moldes de controles disciplinares foram implantados nas escolas, nos discursos pedagógicos, na permanente vigilância médica como partes integrantes de uma linguagem social manipuladora, como forma de impor hierarquias. De acordo com o autor, as famílias foram grandes colaboradoras para a reprodução de corpos submissos, repreendidos e fiscalizados. A microfísica do poder, termo utilizado por Foucault (1975) para definir as diversas relações de disciplina e eficiência expressas no corpo, visava à qualidade do tempo, como rendimento e obediência. Ou seja, um corpo disciplinado torna-se um corpo útil, dócil e obediente. Para o autor, os métodos utilizados para facilitar o controle são vistos com clareza nos exercícios de técnicas disciplinares para reproduzir dominações. Com isso, constantes punições e controles fazem parte de um processo inacabado de mecanismos de poder, que vê no movimento humano uma

dinâmica rica e fértil de sujeições e contribuições.

Sob a visão de uma dinâmica voltada para disciplinar os corpos, Foucault (1979) apresenta formas de modelar e adequar o movimento para uma determinada necessidade da época, quando os meios de produção eram os grandes responsáveis pela cobrança de um corpo disciplinado e contextualizado em relação ao sistema. Portanto, tais conceitos, introduzidos num determinado período histórico, têm a intenção de classificar, hierarquizar, distinguir e aumentar a produção, fazendo dessa vigilância uma linguagem social.

De fato, a repressão à emoção e o autocontrole foram algo construído historicamente, sendo que o processo civilizador, no sentido de controlar impulsos e moldar o comportamento humano, foi essencial para a modernidade. Por isso, a resistência à emoção, a repressão aos desejos e sentimentos, bem como as couraças interiorizadas são fatores fundamentais para a organização e desenvolvimento de amarras sociais, que constituem e permanecem atuando no sistema.

Ao destacar a importância do corpo nos diversos sistemas sociais, dentro da cultura tradicional européia, Porter (1992) revela significados presentes entre mente e carne, ou seja, a superioridade estabelecida entre mente e corpo, entre os valores morais, culturais e éticos estabelecidos entre as duas instâncias. Dentro da visão religiosa, Porter focaliza o cristianismo como o maior representante, o qual mostrava o desejo e o prazer como um pecado, portanto o corpo era visto como fonte de ação pecaminosa, e à mente assumia a obrigação de controlar atitudes sem decência. Contudo, ao corpo e à mente são atribuídos deveres cruciais “[...] para a avaliação do homem como um ser racional e moral no interior de sistemas e teologia, ética, política e jurisprudência, tanto teóricos quanto práticos”. (PORTER, 1992, p. 304). Dessa maneira, o corpo, visto como produto e produtor de emblemas culturais, estabelece significados múltiplos, facilitando a compreensão de diferentes meios punidores e repreendedores da linguagem corporal, no decorrer dos tempos em diversas culturas.

Pereira (2000) apresenta a posição vertical do homem como fonte de "qualificação e desqualificação", dividindo o corpo em duas partes: a parte alta, composta pelo tronco, cabeça e braços, possui uma conotação positiva, em decorrência da razão; a parte baixa, composta por órgãos sexuais e membros

inferiores, áreas consideradas sem pudor, possui significado negativo, já que mistura sexualidade e reprodução. Seguindo esse raciocínio, o autor faz uma comparação de partes mais valorizadas que outras em diferentes sociedades, dando o exemplo do Brasil, onde a bunda é o ponto mais alto dessa hierarquia e, nos Estados Unidos, os seios fartos. Essas construções simbólicas se estruturam em valores sociais, no caso do Brasil, ao erótico, distante do racional, pois a bunda se encontra na parte sul do corpo, e, no caso dos Estados Unidos, na parte superior, ligados "[...] à preservação da vida, via amamentação". (PEREIRA, 2000, p. 81).

Já Queiroz e Otta (2000, p. 23) exploram a fragmentação do corpo às associações de algumas expressões de animais a órgãos reprodutores feminino e masculino, como cobra e aranha. Com isso, a reprodução possui conotação de inferioridade, reforçando a "[...] associação entre reprodução e animalidade [...]". No entanto, a parte superior, a cabeça assume uma posição favorável, visto que expressa à marca, a razão, que nos diferencia dos animais. Assim, tanto Pereira, por meio da posição verticalizada do corpo, que se diferencia da postura dos animais, horizontal, quanto Queiroz e Otta, que fazem uma analogia de partes do corpo com animais, evidenciam a questão da segmentação corporal atribuída a uma visão depreciativa do uso do corpo, bem como uma valorização da mente, retratando a dualidade corpo/mente. Diante disso, "[...] o corpo simboliza a sociedade, e os poderes e perigos atribuídos à estrutura social". (QUEIROZ; OTTA, 2000, p. 23).

A discussão a respeito da repressão foi evidenciada por Foucault (1990), que aborda a questão da sexualidade. Essa seria controlada por diferentes tipos de mecanismos, utilizados tanto para estimular quanto para controlar. Assim, interesses políticos e econômicos estariam atuando no intuito de modelar o corpo de acordo com as necessidades de crescimento e de determinados interesses particulares.

A partir do século XIX, houve um incentivo na proliferação da espécie humana, quando se fundamentou o prazer na ação de reproduzir. Foucault (1990) revela formas de controle exercida pela ciência médica, família, instituições de ensino, bem como a religião, que desenvolveram técnicas disciplinares por tempo integral. Nesse momento, o autor descreve o surgimento de vários emblemas,

que instauraram no corpo um determinado padrão.

A ciência se torna importante fonte de controle, já que engloba as vontades, os desejos, os prazeres, as emoções de maneira global, explicando-os. Assim, diferentes manifestações ou inquietações eram respondidas como efeitos de uma patologia. Portanto, não pertencer a um determinado padrão imposto pelos moldes científicos é corresponder à "anormalidade". Por trás dessa linguagem "racional", estaria uma posição autoritária e totalitária da ciência.

Sob essa perspectiva, a indução do sexo conjugal, da construção de família, foi analisado por Foucault (1990) como meio facilitador dessa vigilância permanente, visto que o discurso girava em torno da reprodução para o desenvolvimento social. Com isso, foi criado todo um sistema de repressão e observação, tanto na dinâmica familiar como na didática escolar, que correspondiam ao discurso científico.

Tendo como enfoque povos que não se organizam sob o Estado, nem têm registro escrito, Clastres (1990, p. 131) descreve rituais iniciatórios, que se valem de tatuagens para imprimir a linguagem social sobre o corpo dos indivíduos. Desse modo, símbolos e regras são registrados por meio de marcas corporais, impressas pelo sofrimento, sendo a tortura um ensinamento para uma ordem social igualitária, "[...] e essa lei não separada só pode ser inscrita num espaço não-separado: o próprio corpo". Portanto, o silêncio no ritual da dor expressa pertencimento ao grupo, e as cicatrizes deixadas nos corpos são lembranças de uma identidade social.

O corpo, tanto nas sociedades primitivas quanto nas consideradas "civilizadas", é objeto de apropriação e dominação, as técnicas corporais utilizadas modificam de uma para outra, mas os significados impressos no corpo são coletivamente construídos. Nesse sentido, o controle permanente sobre os corpos, descrito por Foucault, expressa processos direcionados para o rendimento, exigência de uma sociedade moderna e industrializada, além de preservar interesses de um determinado grupo, desenvolvidos num sistema estratificado e hierarquizador.

As diversas dinâmicas desenvolvidas para controlar e vigiar o corpo revelam-se por meio da perpetuação da linhagem e da herança paterna, apresentada por Bourdieu (2000), que introduziu importantes conceitos na relação das

interferências e influências exercidas pela família e pela instituição escolar, já que ambas exercem um grande peso na tomada de decisão, podendo muitas vezes direcionar ou mesmo modelar de acordo com interesses particulares. Para tanto, ser um instrumento da vontade e desejo de outras pessoas pode gerar herdeiros sem história, anulando de certa forma sua identidade social. Portanto, a relevância da escolha profissional, bem como o reconhecimento e a aprovação social são fatores fundamentais para se compreenderem as direções seguidas pelos diferentes indivíduos que possuem diferentes histórias de vidas, visto a importância dos valores introduzidos durante sua formação.

No século XIX, o esquema de poder sofre mudanças, as transformações se fixam no movimento, portanto o que sofria a ação (o corpo), neste momento manifesta ações sobre os aparelhos. Em decorrência de uma nova ideologia de dominação, criam-se novas táticas disciplinares, que são interiorizadas e imbricadas no âmbito social de forma despercebida. Contudo, tanto o processo pedagógico que atua nas escolas quanto o discurso científico evidenciam, de maneira sutil, formas de controle, por meio de fixações mecânicas para corrigir a motricidade, conforme descreve Vigarello (1995).

Mauss (1974), no seu clássico e pioneiro estudo do corpo, apresenta a noção de técnica corporal, estilos e comportamentos reproduzidos em uma determinada sociedade, como fruto de um contexto social e histórico, ou seja, a cultura corporal desenvolve técnicas corporais no processo social. O autor define bem a maneira como as pessoas se utilizam de seus corpos, e as diversas formas de educá-lo, quando essas imitam atitudes de êxito, atos bem sucedidos. O seu estudo destaca as técnicas corporais tradicionais e eficazes, pois são essas que prevalecem na educação e se instalam na sociedade. Mauss (1974, p. 232) conclui que "[...] a educação fundamental de todas essas técnicas consiste em fazer adaptar o corpo a seu emprego". Desse modo, os corpos carregam consigo um sistema de montagens simbólicas expressas nas ações corporais.

Rodrigues (1999) retrata caminhos da História, através dos quais os corpos são construídos, descrevendo sensibilidades diferentes em determinados momentos históricos. No corpo medieval, a expressão de qualquer vontade era apresentada sem vergonha ou repressão, pois o certo e o errado tinham poucos limites e dimensões. Já na modernidade, com a organização de novas classes

sociais e o desenvolvimento de concepções burguesas, o corpo é apropriado por outras coerções, abordado como mecânico, como um bem de produção. Portanto, pensar no corpo medieval, contextualizado nas condições culturais da época, ou seja, aquele que expressa barulhos, exala cheiros, entra em contato com outros corpos, é classificá-lo como sem compostura. Contudo, ele era coerente com seu tempo em que “[...] nada se conhecia desta censura à informação e à comunicação entre os corpos”. (RODRIGUES, 1999, p. 84). A descrição do corpo medieval mostra que este não era regido por couraças musculares para conter sintomas e manifestações naturais do ser humano, diferentemente do corpo “civilizado” descrito por Elias (1990), que foi institucionalizado através de costumes e valores para reprimir e controlar os instintos naturais, e, assim, tornar-se racional e produtivo, ilustrando as mudanças de sensibilidades e apropriações que foram introduzidas no corpo durante a História européia.

Tanto a abordagem de Mauss, que descreve o uso dos corpos no decorrer dos tempos, através de técnicas corporais tradicionais, impostas socialmente, atribuindo um caráter de naturalidade ao comportamento humano, como a diversidade cultural, histórica e social dos corpos apontados por Rodrigues, que retrata o corpo como um meio condutor de símbolos e codificações pertencentes a um grupo particular, tendo a cultura como regente de uma determinada lógica social, apresentaram em comum a questão da relevância da compreensão corporal dentro do cenário social e do seu poder de linguagem e expressão.

Vigarello (1995), com um olhar voltado para os aparelhos “corretores” dirigidos à lógica social-política-econômica da época, revela a dimensão mecanicista ligada ao desenvolvimento das máquinas e, junto com elas, corpos trabalhados e manipulados para atuarem juntos, de forma a aumentar a produção e conseqüentemente o lucro. O autor faz uma leitura das aparelhagens corretoras de “defeitos” que atuam sobre os corpos. Muitas vezes o intuito não é apenas melhorar ou oferecer um melhor desenvolvimento físico, mas moldar esse corpo para melhor se adaptar à dinâmica do trabalho ou mesmo oferecer uma melhor aparência. Ou seja, outros interesses que não terapêuticos pairam sobre tais técnicas e aparelhagens, que tiveram seu início no século XVII. Nesse contexto, o aspecto pedagógico também teve a função de contribuir para o processo

modelador do corpo, atribuindo formas definidas e esteticamente impondo padrões.

Em vista disso, não podemos desconsiderar a relevância do processo civilizador, bem como a transmissão de técnicas corporais para a organização e evolução da prática educadora social. Nesta vertente, alertar para algumas amarras corporais é refletir sobre um corpo encarcerado em regras, normas e valores repressivos e autoritários, alienados em identidades pouco originais.

Pensar nas práticas corporais é refletir sobre as políticas do corpo que regem essa dinâmica. Sant'Anna (1995), ao descrever os valores e os métodos políticos e econômicos utilizados para introduzir o discurso científico nos padrões morais, éticos e culturais, cita o culto à beleza como sendo um importante instrumento, já que expressa modelos a serem seguidos, condutas de saúde e designa a auto-culpa pelo seu fracasso e sua manutenção. Em tal consideração, o médico assume papel fundamental para o tratamento e manutenção dessa beleza, pois a falta dela é tida como uma doença. Assim, feiura se associa à degeneração da raça, fruto de uma vida doente, sem cuidados e vaidades. Portanto, o bonito e o feio são construções científicas que associam o aparelho reprodutor feminino com preocupações de higiene e limpeza. Enfim, instaura-se uma nova consciência corporal, regida por um sistema padronizado, que necessita de consumidores.

Vale a pena citar a diferença entre a concepção de beleza dos índios brasileiros e a dos "civilizados". Segundo Viertler (2000, p. 179), em seu estudo sobre "a beleza do corpo entre os índios brasileiros", os critérios de valorização, como "[...] a mutilação, a pintura, a tatuagem, a ornamentação, a expressão facial, a postura de corpo e os gestos [...]". Assim, para se atingir o ideal de beleza são necessários vários "ingredientes", que devem sempre estar associados a atividades voltadas para o benefício coletivo, pois, "[...] além da aparência física e da fisionomia comunicativa dos indivíduos, envolve avaliação de competências e virtudes pessoais". (VIERTLER, 2000, p. 178). Portanto, quanto mais generoso e prestativo em atividades voltadas para sua comunidade, mais belo e atraente se torna, o que independe da idade.

As redescobertas do corpo embarcam em outras formas de manipular e controlar suas manifestações, direcionando e delineando seus comandos para

adequar produções e resultados que garantam a estabilidade de um determinado grupo. No entanto, a cada descoberta existe uma necessidade de cuidar de si mesmo e se policiar integralmente, sem descanso. Diferentemente da concepção indígena, o belo, para os “civilizados”, é designado pelo controle individual diário, que não traz nenhum benefício à sociedade, e, como está associado à juventude, se perde com o tempo.

As expressões do corpo podem ser expressas por meio de uma corporeidade liberada, prazerosa, um excessivo culto ao corpo, entre outras manifestações. Quanto à origem de uma cultura visual do músculo, Courtine (1995) retrata os “body-buiding” na década de 80: “atletas” que possuem um excessivo culto ao corpo, aos músculos e às formas bem definidas. Esse grupo, composto por jovens, que adquiriram sucesso material e reconhecimento social, pode ser facilmente identificado através do inchaço muscular e da excessiva exposição corporal. O autor acredita em alguns fatores desencadeadores desse novo estilo de vida, que podem estar vinculados à espetacularização do esporte na mídia, brinquedos, revistas, filmes voltados para a cultura do corpo, os quais exerceram forte influência para esse culto “desvairado”. Os valores e conceitos lançados com excessivo mercantilismo na sociedade tiveram efeitos inesperados, ou seja, o consumo sem controle gerou conseqüências. Tais manifestações apóiam-se no medo de envelhecer, morrer, amolecer, desfigurar, desinregecer, ou mesmo na descentralização da figura masculina devido à ascensão da figura feminina.

Sob a vertente de uma linguagem corporal, as atividades físicas e o esporte, durante o século XIX e XX, desempenharam um papel central nessa relação de imagens do corpo e um ideal da aparência corporal, fazendo do corpo um mercado lucrativo. De acordo com Courtine (1995), a ideologia puritana e a ascensão do modo de vida capitalista foram veículos-chefe na condução desses valores que induzem muitas pessoas, consumidoras e praticantes a aturarem a dor em prol de uma estética muscular rígida, dura, exposta e visível. A recompensa está tatuada em seu corpo, com a exposição de seus músculos, uma verdadeira roupagem passível de admiração.

Em decorrência das transformações sociais, as estratégias utilizadas para policiar os corpos adquirem outros formatos. Nesse sentido, um corpo liberado

pode se agregar com a ecologia e, ao mesmo tempo, com as inovações tecnológicas. Em seu estudo, Pinto Junior (2000) enfoca a natureza como sendo um refúgio para se encontrar o equilíbrio, uma escapatória da agitada e conturbada vida moderna. Essa busca de novos meios que ofereçam suporte para melhor suportar o estresse diário, a correria do dia-a-dia, é uma forma de adaptação a um novo ritmo de vida, de exigência, de trabalho, de relacionamento, de diálogo, de compreensão, já que em resposta a um sistema mais competitivo aumenta-se a velocidade e a performance imposta ao corpo.

Porter (1992), ao descrever a história do corpo, apresenta algumas manifestações sociais, geradoras de movimentos culturais, como revolução sexual, a contracultura dos anos 60 e o feminismo dos anos 70, que tentaram derrubar hierarquias, provenientes de complexos sistemas, criados para manipular o meio social. Contudo, diversas fontes de mudanças, pensamentos e estudos redimensionaram focos de resistência, o que levou algumas ciências a travar diálogos, inovar suas linguagens e simbologias relacionadas ao corpo. A complexa história do corpo denuncia mecanismos de controle, fazendo dele um elemento de comunicação. Portanto, ver o corpo nas suas impressões, a forma como ele se manifesta nas suas particularidades, bem como suas transformações e inquietações no decorrer dos tempos, gerou reflexões e contestação.

### **O Corpo no Universo Alternativo**

O movimento das práticas corporais alternativas vêm tomando forma e consistência no cenário social atual, ganhando espaço nos grandes meios de divulgação midiática, muitas vezes com tratamentos opostos. Matéria escrita por Alves Filho e Tarantino (2001), publicada pela revista ISTO É, retrata a importância do indivíduo na cura de doenças, bem como uma participação mais ativa deste no tratamento, mobilizando recursos interiores. A reportagem evidencia a tradicional visão médica, que descarta possibilidades e concepções de um paciente ativo, global e possuidor de emoções e sensibilidades. Além disso, também explora o sincretismo religioso brasileiro, em busca de diferentes fontes de saberes, sem que isso interfira na sua religiosidade. Já a revista VEJA (PINHEIRO, 2002), sob um enfoque depreciativo, teve como reportagem de capa

“Os riscos das terapias alternativas”, que levantou algumas considerações a respeito da validade ou não de algumas terapias alternativas que prometem milagre, bem como sua grande ascensão e procura no mercado. Questionou como identificar os profissionais tidos como não-sérios, assim como discursos identificados como propagandistas e sem nenhuma comprovação ou legitimidade. A matéria ainda traz a exploração da medicina alternativa, decorrente da falta de credibilidade na medicina tradicional, oferecendo uma nova visão de indivíduo global. E seu sucesso, de acordo com relatos apresentados pela Revista, provém apenas de uma confusão mental, em que os pacientes não sabem qual tratamento realmente foi eficaz (o convencional ou o alternativo), ou até mesmo a cura da doença por si mesma.

As duas matérias de Revistas de grande circulação nacional antes transcritas levantam discussões sobre o universo alternativo, sob as visões positivas e negativas do movimento. Para tanto, ambas exploram a questão do descontentamento com instituições tradicionais, saúde e/ou religião, onde o resgate do individual é o ponto fundamental da busca.

Esse fenômeno está intimamente relacionado aos movimentos sociais das décadas de 60-70, e, como o feminismo e a contracultura, trouxeram uma nova roupagem e evidenciaram novos símbolos para o corpo, de forma a possibilitar estudos socioculturais no campo acadêmico. Assim, pensadores discutem novos enfoques e reflexões sobre o corpo no âmbito social atual.

Estudiosos (ALBUQUERQUE, 1999; AMARAL, 2000; CAROZZI, 1999; RUSSO, 1993) mostram a origem do movimento alternativo na contracultura dos anos 60, estabelecendo uma relação de protesto e descontentamento com o sistema em vigor, havendo uma identificação com povos e culturas distantes da modernidade. Nesse sentido, vários movimentos foram desencadeados, revelando as insatisfações sociais, principalmente com o saber científico. Este, por sua vez, não pode oferecer respostas aos desafios que se lhe apresentavam. Assim, a expansão de crenças, técnicas, religiões e filosofias advindas do Oriente são as expressões mais evidentes da contracultura, bem como religiões indígenas e populares. Segundo Albuquerque (1999), o entrecruzamento dessas fontes de saberes deu origem a uma nova forma de pensar, agir e interagir no universo moderno ocidental. Deste modo, novas visões desafiam o corpo

civilizado e revelam novas gestões do corpo.

Na década de 60 e 70, as manifestações contestaram guerras, linguagens autoritárias, organizações hierárquicas, reivindicando um novo tipo de organização social, mais justa e democrática. O termo Nova Era, designado por Amaral (2000), é focalizado sob uma perspectiva histórica, no sentido de trazer em sua denominação algumas insatisfações com o modelo atual, o qual levou diversas pessoas a se posicionar de forma contrária ao sistema. Segundo Carozzi (1999), o movimento Nova Era tem no anti-autoritarismo e na autonomia as suas formas centrais de identificação. A autora descreve o macromovimento pós-sessentista como contrário aos princípios desenvolvidos na sociedade moderna.

Albuquerque (2001b, p. 5) identifica na linguagem da modernidade o dualismo mente x corpo. Este, por sua vez, expressaria outras oposições, tais como cultura x natureza, homens x animais, razão x emoção e homem x mulher, privilegiando os primeiros elementos dos pares. A autora explora a questão do dualismo oriente-ocidente como expressão de

[...] uma construção do processo civilizatório moderno, assim [...] o crescimento de uma visão encantada do mundo ao lado da orientalização reforça o argumento de que estamos tratando de um resgate ansioso de traços culturais pré-modernos.

Na vertente de uma linguagem moderna, as práticas provindas do Oriente buscam fundamentação no corpo de conhecimento científico, adaptando saberes orientais com a realidade contextual ocidental. Contudo, Magnani (1999b) revela que a idéia de ciência ocupa posição secundária no contexto alternativo, pois ela vai contra o irracionalismo, visto que o discurso da Nova Era se apropria da tradição como um meio de legitimar-se.

Poucos contextualizam o movimento Nova Era. Amaral (2000), Carozzi (1999) e Magnani (2000) concentram seus estudos na geração universitária, em pensadores e nos profissionais liberais dos anos 60 vinculados com os acontecimentos políticos da época. Portanto, apresentam um lado mais politizado do movimento. As diversas manifestações abrangeram as expressões de artes, música, cinema, teatro. Nesse sentido, a grande difusão e estabelecimento de universos alternativos não instituíram a Nova Era, já que essa nasceu de uma efervescência política e cultural dos anos 60-70. Porém, o que realmente marcou

a busca de outro estilo de vida foram as comunidades rurais, contrariamente a uma sociedade urbana e consumista. Com o passar do tempo, direcionando para um público maior, a busca por diversos derivados alternativos se focaliza mais na procura de um “estilo de vida” que pode ser integrado aos centros urbanos, ao contexto capitalista, diferentemente das concepções anteriores que levaram as pessoas a fugir do sistema. Dessa forma, o que antes queria sair do ambiente urbano, tenta se enquadrar, adequando-se aos modelos já existentes.

As práticas corporais alternativas revelam também uma história própria, devido às mudanças nos estilos e o grande aumento, durante a década de 90, aumentando sua intensidade, delineando um perfil diferente de tempos passados. Na década de 80, o caráter esotérico era bem marcante, predominava em relação ao terapêutico, porém atualmente a maior parte dos espaços são vinculadas a terapêuticos. Tal mudança de perfil retrata uma situação financeira abalada pela crise dos anos 80, no sentido de dividir salas, podendo a aplicação ser na casa do profissional ou do próprio paciente/cliente (TAVARES, 1999).

Diferentes autores denominam o fenômeno social como Nova Era, Conspiração Aquariana, Movimento do Potencial Humano, Era de Aquário, Nova Consciência, etc (MAGNANI, 1999a). Essa pluralidade pode estar ligada tanto aos recortes específicos de cada estudo como à novidade desse objeto de estudo. Para Russo (1993, p.113), o complexo alternativo abrange diversas práticas, que se misturam umas com as outras, e se manifestam simultaneamente. Suas principais características são “[...] a indeterminação de suas fronteiras e o entrecruzamento de domínios habitualmente vistos como separados pelos saberes científicos tradicionais”. Nessa vertente, Amaral (2000) também aponta como sendo um rearranjo de elementos, que anulam as fronteiras, visto que possui características pós-modernas. Como tal, resgata o aspecto sensível e valoriza a subjetividade, além de contestações e críticas direcionadas para a modernidade, que se encaixam dentro do rol de contestações, tanto Nova Era como Pós-moderna.

O estudo de Rondinelli (1999) trata do fenômeno alternativo como uma resistência à racionalidade moderna, oposição à ciência, já que seus participantes e praticantes se compõem de pessoas que buscam viver e experimentar outros padrões de comportamento. A busca de amparo fora do

contexto moderno, o descontentamento com uma visão burocrática da realidade, a valorização dos laços grupais esquecidos no tempo contribuem para essa nova busca, assim como soluções para seus problemas físicos, psíquicos e sociais. A “Nova Era” caracteriza-se também pela busca do "self", ou encontro “consigo mesmo”, pois nesses espaços as barreiras são diluídas.

Ao apontar alguns fatores que levaram ao crescimento e desenvolvimento das práticas corporais alternativas, Magnani (1999a) descreve: crise da dominação masculina, crise do paradigma científico cartesiano, nova epistême, perda da eficácia da instituição cristã-católica tradicional, bem como a desorganização da sociedade do trabalho. Enfim, o autor evidencia diferentes conhecimentos e saberes que ganharam consistência, validando uma nova filosofia de vida do bem-estar.

A busca de novas sensibilidades, valores que enfatizam o feminino, a valorização do eu interior, o convívio comunitário e a preocupação com o meio ambiente são aspectos enfatizados por Albuquerque (1998, p.9), os quais considera refletirem ideais do universo alternativo, como meio de levar o ser humano a se conhecer. Nesse processo, a emoção e a intuição se mostram como componentes indispensáveis. Conforme a autora, nas práticas corporais alternativas, “[...] o auto-conhecimento se mostra como a meta primordial a ser atingida” .

Quanto aos novos parâmetros desenvolvidos no fenômeno Nova Era, Amaral (2000) aponta a busca pela harmonia energética, como manutenção da “cura” que depende de um equilíbrio conjunto. A autora coloca a doença no Oriente como sendo um sintoma derivado de alguns fatores, que envolvem a espiritualidade, a mente, o corpo e os campos energéticos. Portanto, pensar no movimento Nova Era é analisar um espaço que se constitui de “diversão”, “consumo” e uma linguagem mais espiritual e totalitária. Nesse sentido, esse consumo retrata não somente a possibilidade de sobreviver num sistema capitalista, “[...] mas também como forma de reproduzir valores e significados, espirituais e morais”. (AMARAL, 2000, p. 124).

Com o mesmo intuito, Pinto Junior (2000) aborda o contexto urbano de Juiz de Fora, analisando um possível fenômeno Nova Era. Segundo sua análise, a valorização do eu interior, de forma a manter equilíbrio pessoal, bem como seu

desenvolvimento, parte de uma busca individual. Além dessa autonomia, o estudo também identifica a presença do sagrado nesse meio, elevando a figura do homem, de modo a aproximá-la de uma posição divina, antes medida somente pela Igreja Católica.

Outros recortes da Nova Era no Brasil apontam para os aspectos emocionais e da tradição cristã, concentrando seu foco de atenção nessas insatisfações.

As mudanças de paradigmas defendida por Amaral (2000) e Martins (1999) refletem desde as insatisfações religiosas até uma descrença na medicina tradicional, na sua extrema especialização e falta de um olhar mais total do ser. Assim, queixas e indignações dirigidas a uma ciência que usava de seu poder para destruir vidas humanas, colocando-se à disposição do poder a qualquer custo, são contestadas em diversos movimentos. Nessa vertente, a análise da cultura corporal alternativa revela um corpo distante dos ditames da modernidade, carente por mudanças ideológicas e institucionais. (MARTINS, 1999).

De acordo com Martins (1999), a busca de algo mais vai além dos conceitos dimensionados para o corpo até hoje, já que a demanda por novas experiências contribui para uma linguagem mais ampla, que envolve o físico, o psíquico e o espiritual. Para o autor, as terapias alternativas vêm preencher ou mesmo oferecer respostas não dadas pela medicina tradicional, ou seja, um tratamento diferenciado inserido em uma visão mais holística, global do ser humano, tornando o corpo um veículo de emancipação reflexiva. Trata-se de uma concepção distante da visão mecanicista e autoritária imposta aos corpos por uma tradição cartesiana, visto que a ideologia Nova Era busca libertar os corpos do imaginário punitivo tradicional, bem como incorporá-lo ao estilo de vida moderna, adequando-o e introduzindo-o no universo alternativo.

A Nova Era apresenta novos saberes e conhecimentos que têm uma linguagem ampla e que englobam diversos conceitos, centrados no homem. Além disso, não tendo nenhum tipo de cobrança religiosa, esses podem circular livremente no âmbito sagrado. Portanto, Nova Era

[...] seria a possibilidade de transformar, estilizar, desarranjar ou rearranjar elementos de tradições já existentes e fazer desses elementos metáforas que expressem performaticamente uma

determinada visão, em destaque em um determinado momento, e segundo determinados objetivos. (AMARAL, 2000, p. 31).

Em sintonia com os desafios expressos na modernidade, Amaral (1999b) aponta a influência da religiosidade, bem como suas diversas tendências desenvolvidas para se adaptar ao sistema vigente, em particular a cultura brasileira, que se mostra com bastante mobilidade e diversidade, no sentido de suprir perdas sociais, como a crescente urbanização e a industrialização. Em vista disso, essa religiosidade errante nasce não de uma falta, mas de um excesso do sagrado. As trocas acontecem por meio de vários encontros, palestras, cursos, as pessoas entram em contato com diferentes universos sagrados e outras crenças, porém ao mesmo tempo resgatam apenas aquilo que convém. Existe, portanto, total liberdade para buscar em outras religiões novas perspectivas, as portas estão sempre abertas para novas procuras.

Em função dos aspectos apresentados, Russo (1993) aborda a cultura corporal alternativa como um substrato ideológico de uma consciência ecológica, uma volta ao Oriente e à espiritualidade. Tais elementos se opõem à forma de racionalidade que sustenta os saberes científicos tradicionais e se voltam para a busca de novos valores, estes enraizados na contracultura dos anos 60, caracterizados pela crítica, ao dualismo (corpo/mente, razão/emoção) predominante no pensamento científico, bem como no estilo de vida produzido pelas sociedades capitalistas. Assim, do ponto de vista das práticas e terapias corporais, Martins (1999) destaca a reação cultural por uma nova concepção de saúde menos supérflua que a do corpo malhado, o qual faz parte de um complexo mecanismo de poder assegurando a individualidade e a singularidade, como compromisso social.

Em outras palavras, dentro das práticas alternativas existe uma diversidade de conhecimentos e linhas de pensamento, que

[...] compartilham uma visão de mundo, em que se destacam os cuidados com a “espiritualidade”, a “natureza” e a “harmonia” entre os homens, e com a recuperação de um equilíbrio corpóreo, psíquico e cósmico perdido. (SOARES, 1994, p. 199-200).

Conclui ainda esse autor que a energia é uma linguagem comum a todos os alternativos, pois é ela que faz a interação corpo/mente/alma. A energia é a cura, a prevenção e a proteção. Nesse sentido, pensar e manipular o corpo como

conjunto de condutos energéticos e processos de deslocamentos de energia corresponde ao reconhecimento da indissociabilidade entre as três pontas do tríptico temático alternativo: corpo, espírito e natureza.

Em meio às transformações das décadas de 60-70, da contracultura, das tradições vindas do Oriente, junto com seu aspecto místico, Tavares (1998) destaca um novo perfil, que coloca o indivíduo no centro, como manifestante, ator principal da dimensão religiosa. O indivíduo trabalha no seu interior, desenvolve a plenitude de sua própria pessoa. Por conseguinte, para essa autora, o fenômeno religioso vem constituir o cerne das discussões em torno desse novo momento. Já que a busca espiritual não está relacionada apenas ao descontentamento religioso, tal questão não se manifesta no âmbito interno, mas em outros elementos de outros contextos sociais. Ou seja, Tavares (1998) tenta investigar se as práticas terapêuticas se relacionam com as demais formas de manifestações do movimento Nova Era, pois, dentro desse ambiente terapêutico, a procura pelo equilíbrio energético compreende corpo-espírito-ecologia, que são vivenciados de forma interligada pelo indivíduo. Nesse sentido, elas podem ou não estar acopladas à idéia do auto-aperfeiçoamento religioso/espiritual. O estudo identifica uma “espiritualidade terapêutica”, como uma procura espiritual, sendo a cura consequência dessa conquista, um resultado desse esforço pessoal.

A valorização da emancipação corporal como forma de se diferenciar de um contexto social extremamente individualizado caracteriza as práticas e técnicas corporais como um sistema de cura baseado em tradições orientais e ocidentais, como descreve Martins (1999), ou seja, que buscam científicidades diferentes para adotar padrões de validação clássicos, como o campo médico. Portanto, novas formas de sintetizar o sagrado contribuem para integrar a dimensão imposta pelo sistema e ao mesmo tempo adaptar a racionalidade moderna ou que condizem melhor com as necessidades racionais.

Featherstone (1996, p.113) trata a pós-modernidade pela via da cultura e pela perda de confiança no projeto da modernidade. Apresenta a pós-modernidade como parte de um processo globalizador, responsável pela fragmentação e pelo colapso cultural das hierarquias simbólicas, “[...] apontando para o descentramento da cultura e a introdução da complexidade cultural”. O

autor identifica o efeito do pós-modernismo no sentido de destruição das imagens unitárias e coesas da modernidade a partir dos centros, no Ocidente, visto que os hibridismos e os sincretismos são muito mais a regra do que as exceções num universo rico em diversidades e complexo de linguagens.

Silva (1999) defende a idéia de pós-modernidade como um meio de se questionarem os princípios do pensamento social e político estabelecidos e desenvolvidos na modernidade. Questiona a ciência como ela vem sendo conduzida, agregando novas formas de ver a realidade. A pós-modernidade pode, então, ser vista como uma ação reflexiva sobre o projeto da modernidade, e sua análise como uma virada de direção, uma reorganização das relações entre o presente-passado, pois ela sugere a coexistência de outros conhecimentos, além do científico. (MOREIRA, 1997). As motivações para essa mudança de rumo do projeto são expostas por Roseneau (1992, p. 85), que centra sua análise na ciência: "[...] existe uma necessidade de uma ciência gentil que fugisse do perfil da ciência moderna com seus assuntos irrealísticos, mas reteria sua integridade e estima para a pesquisa rigorosa". Portanto, sua formulação ainda está para ser concluída, ou seja, a pós-modernidade se apresenta em construção, em processo.

Apoiando-se em vários autores, Roseneau (1992) apresenta a pós-modernidade como emergente de uma necessidade de contestar as fundamentações epistemológicas e as convenções metodológicas da ciência. Assim, através da oposição à fé e da idéia de progresso e racionalidade discutem-se ideologias diferentes. A autora divide em duas linhas de pensamento a pós-modernidade: os céticos (caóticos, negativistas, entendem o mundo como fragmentado) e os afirmativos (acentuam a riqueza da diferença, concentram-se no particular, propõem um aprendizado holístico do conhecimento). Nesta última concepção, na linha afirmativa, é que o movimento Nova Era se expressa, visto que exalta as diferenças, as particularidades individuais e uma visão global do ser humano.

Seguindo o mesmo perfil, Magnani (1999b) descreve o movimento das práticas corporais alternativas de forma positiva, percebido como gerador de comportamentos coletivos, no contexto urbano. Em sua lógica, revela uma movimentação tamanha, que gerou tantas diversidades de comportamentos,

expressando uma dimensão que vai além de um modismo passageiro. Portanto, o autor mostra uma clientela detentora de bom poder aquisitivo e escolarizada, no sentido de buscar uma melhora na qualidade de vida e se sentirem seduzidos por novas formas de filosofias de vida, de corpo, de religião, de natureza, de alimentação... . Enfim, pessoas que buscam uma identidade própria, sem modelos impostos.

Soares (1994) reconhece a falência do modelo moral e religioso tradicional para as camadas médias intelectuais que expressam uma nova consciência religiosa, em resposta às condições de vida na modernidade. Assim, para ele, a falta de base no âmbito político de uma tradição liberal favorece a construção de uma democracia frágil que busca refúgio em modelos alternativos. Sob o mesmo ponto de vista, Magnani (1999a) também acredita que o movimento tomou forma nas insatisfações promovidas pela classe média, que via falhas e defeitos no sistema vigente, principalmente na área da saúde, anteriormente associada somente à doença. Atualmente, evidencia-se a qualidade de vida, o prazer em viver bem, uma manutenção permanente para o bem estar “psicofísicosocial”. As práticas corporais contribuiriam para a cura biológica, o que desprende o corpo de vínculos tradicionais de culpa, de pecado, advindos do cristianismo.

Com relação à cura do corpo no movimento Nova Era, Amaral (1999a) analisa a atuação e responsabilidade atribuídas a cada um, durante os rituais, de forma positiva, visto o modo com que as vivências são conduzidas e manejadas, depositando nas pessoas a oportunidade e a capacidade de se auto-ajudarem. A dimensão psicologizante do movimento Nova Era abordado pela autora revela o caráter divertido reconhecido na capacidade dos mestres de conduzir seu paciente à cura. Para isso, esclarece ser necessário destruir o ego (as barreiras, estruturas, as expressões sociais) marcadas nos valores e expressões individuais, para fazer do corpo um instrumento de celebrações de vida em contínua transformação. Quanto aos instrumentos utilizados no tratamento alternativo, Tavares (1998) fez uma outra ressalva para o assunto, mencionando a responsabilidade atribuída ao indivíduo pela sua recuperação, já que alguns “profissionais” se utilizam desse discurso para negar qualquer tipo de comprometimento negativo no tratamento. Porém, se o contrário for verdadeiro, ele destaca seus poderes intuitivos para obtenção de bons resultados.

Tavares (1998) explora o ambiente do Rio de Janeiro e Niterói, estudando um movimento que se expande em diversas áreas e saberes, como: o lado místico, esotérico, função terapêutica, mas principalmente aborda a questão religiosa. Ao contextualizar o religioso, a autora apresenta um universo sem barreiras, repressões ou cobranças, onde os limites se revelam com flexibilidade bastante para ampliar o leque de opções. Com isso, suas variáveis, mutações e mobilidades encontram um novo campo inserido em uma cultura maior, um universo à parte, errante e sem definições, porém com acesso livre.

A autora também exalta a riqueza do movimento, a falta de fronteiras e delineamentos, e as diferentes faces que ele proporciona, além dos entraves decorrentes da relação religião e padrões sociais estabelecidos na modernidade, gerando novos desafios e rearranjos na imposição desses valores. Por isso, heterogeneidade das práticas e dificuldades interpretativas de constatar que diferentes práticas possuem contextualidade com seu foco de origem são dificuldades de delimitar fronteiras, do enfoque da modernidade, já que o estilo “Nova Era” se desenvolve na diversidade e heterogeneidade de suas atuações, bem como seus entrecruzamentos entre si. Portanto, pensar na cultura corporal alternativa é relacionar as dimensões tanto religiosa quanto científica que o movimento comporta dentro de si. Assim, conhecimentos tidos como antagônicos, para a modernidade, complementam-se no universo alternativo, sendo também um aspecto característico da pós-modernidade. (TAVARES, 1998).

Contraopondo-se à idéia de uma heterogeneidade sem uma organização, Magnani (2000) aponta para padrões e regularidades que o movimento evidencia. Em seu estudo, realizado na cidade de São Paulo, apresenta-o como uma forma de organização e manifestação no contexto urbano, a partir da sua maior concentração em bairros de classe média e média alta, e sua clientela composta de indivíduos pertencentes a essas classes sociais. Faz também uma classificação dos lugares “neo-esotéricos” com suas normas de funcionamento e o produto que cada espaço oferece. Nesse universo, Magnani (2000) traça um perfil dos frequentadores, constituído por uma clientela exigente, apresentando elevado grau de escolaridade e muitos deles herdeiros da contracultura dos anos 60. Para tanto, o que leva as pessoas a frequentar tais lugares são os valores, as

diversas visões e dimensões que as práticas oferecem. Portanto, o autor descreve a autonomia, bem como as novas nuances de expressar o sentimento religioso, experimentando outras sensações, novas oportunidades de se voltar para o lado emocional, físico, espiritual, de maneira integrada, como sendo o grande atrativo para essas práticas.

Albuquerque identifica regularidades no fenômeno da cultura corporal alternativa:

**Hibridismo cultural**, combinação de conhecimento científicos das áreas da saúde física e mental com conhecimentos provenientes de tradições antigas, orientais e ocidentais. **Nostalgia do antigo**, valorização do antigo, [...] como forma de legitimar, pela tradição, invenções recentes, remetendo a períodos do tempo distante [...]; **Orientalização**, combinar elementos das tradições orientais com conhecimentos próprios do Ocidente, científicos ou não [...]; **Holismo**, visão global e unitária que procura reintegrar corpo e mente, físico e psicológico, material e espiritual e homem e natureza, de modo a superar as categorias cartesianas de entendimento e explicação da realidade [...]; **Autonomia ou auto-monitoramento**, através da valorização de capacidades auto-reguladoras e regeneradoras, inerentes ao ser humano, espera-se garantir aos indivíduos autonomia na gestão do seu corpo e da sua mente [...]; **Reencantamento**: inserção num universo sagrado mais abrangente, o que se expressa através do resgate de mitos e ritos antigos, símbolos religiosos e divindades [...]. (ALBUQUERQUE, 1999, p. 36-38, grifo da autora).

Ao chamar a atenção para a dimensão que o movimento vem tomando, no sentido de sua proliferação e fácil acesso, não só de um pequeno grupo em específico, mas de uma boa parte da população, Tavares (1998) atenta para a gama de técnicas e procedimentos utilizados pelos profissionais dessa área, bem como para as facilidades de renovação e diversidade de técnicas. Estas, ao serem importadas do Oriente tradicional e inseridas em contexto cultural ocidental particular, adquirem novas formas de expressão.

Os esportes também se valem das práticas corporais alternativas: Betti (2001), ao caracterizar novos estilos, cobranças e critérios que atuam no contexto social, modelando no esporte de rendimento uma outra dimensão ou pelo menos diferente da conceituação dada ao fenômeno décadas passadas, revelando diversas influências que agem e interagem no discurso esportivo, expressando um novo estilo cultural. Assim, críticas ao esporte tradicional evidenciam novas

formas de trabalhar os movimentos, de forma a adaptá-los a uma outra realidade social. Portanto, as práticas corporais alternativas foram sendo incorporadas ao universo esportivo, nas últimas décadas, devido à diversidade de técnicas e práticas exploradas e adaptadas, no intuito de aumentar o leque de opções, para obtenção de melhores resultados. Como reforço ao modelo competitivo, Moller (2001) apresenta técnicas e práticas alternativas inseridas no contexto esportivo, como meio de aumentar o rendimento e a performance do atleta durante as competições, assim como a diminuição do impacto físico, psíquico e emocional, enxergando o atleta dentro e fora das quadras, aumentando a dimensão a ser trabalhada.

Além do contexto esportivo, Betti (2001) cita práticas corporais orientais, (Tai-Chi-Chuan, Ioga, Aikidô) e atividades terapêuticas como atividades que expressem necessidades de uma sociedade informatizada e ao mesmo tempo carente de emoções e particularidades. Disciplinar o corpo para ficar horas concentrado em frente a uma tela de computador, explica como exemplo.

### **Socialização e Profissionalização**

A história do corpo é também uma reflexão sobre as imposições e mecanismos que disciplinaram nossos corpos no decorrer da História. Todavia, a construção histórica dos corpos depende da interiorização dos modelos corporais. Essa “[...] interiorização constitui a base da compreensão de nossos semelhantes, da apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido”. (BERGER; LUCKMANN, 1976, p. 174). Os autores apresentam a formação do eu junto com o desenvolvimento do processo social, retratando a constituição do processo individual como um produto social, priorizando o contexto social na construção das individualidades.

Contudo, a interiorização da realidade se faz por duas vias, descritas por Berger e Luckmann (1976) como socialização. A primária, que é a base da estruturação da personalidade do indivíduo, dá-se no âmbito familiar ou pelo seu primeiro contato com a mundo; a secundária, de relevância para essa pesquisa, quando o indivíduo já socializado será “educado” para optar, escolher através das representações bem sucedidas, o seu campo de atuação na sociedade. Portanto, expressa as motivações que o indivíduo internalizou da sua experiência social

anterior. O processo acontece através da identificação de modelos já conhecidos, que tiveram êxito, e que tragam “legitimações” de natureza compensatória. Nesse sentido, a socialização secundária depende do status do corpo de conhecimento em questão dentro do mundo de símbolos e significados. Assim, a socialização secundária se dá somente após a primária, constitui-se dentro de uma personalidade já formada e um mundo interiorizado, sendo que o seu grau de envolvimento vai depender das motivações oferecidas para assimilar um novo conhecimento. Como afirmam os autores, “[...] o conteúdo da socialização é determinado pela distribuição social do conhecimento [...]”. (BERGER; LUCKMANN, 1976, p. 179).

Martins (1999) trata a questão da corporeidade como um processo desenvolvido na socialização secundária, de modo que enquadra o significado de corpo físico pertencendo a um conjunto de símbolos e padrões idealizados por um determinado grupo. O autor fala da necessidade de pertencer a algo que esteja fora das instituições tradicionais dominantes, de uma cultura corporal que contesta as amarras e repressões impostas pelo modelo social atual e se expressa por meios não tradicionais, mas originais de uma linguagem alternativa. Portanto, o status do corpo de conhecimento em questão dentro do mundo de símbolos e significados se vale de outros códigos, valores e linguagens próprios da cultura corporal alternativa, que valoriza perspectivas emocionais, espirituais e psíquicas do ser humano. Talvez tal fator seja fundamental para a compreensão de novas técnicas, terapias, cursos, palestras, entre outras manifestações que crescem e tomam a forma de uma profissão no universo contemporâneo.

Buscando questionar o processo profissional, Friedson (1998) parte do pressuposto do processo de institucionalização do conhecimento, visto que a profissão é um conceito popular de uma determinada sociedade, num certo período histórico. Assim, o tema é abordado sob um aspecto sociológico, propondo a não-conceitualização da profissão em seu sentido absoluto, visto que quem a constrói são as pessoas de um determinado contexto social, por meio de carências e necessidades proporcionadas pelo sistema.

A institucionalização do conhecimento formal, descrito por Friedson (1996, p. 153) em seu estudo sobre profissões, abarca tanto o saber gerado culturalmente quanto aquele desenvolvido em padrões acadêmicos e científicos. Esse autor

verifica que “[...] a posição de diferentes profissões e seus corpos de conhecimento e qualificação variam em diferentes tempos e espaços”. Friedson defende a idéia de uma profissão fundamentada cientificamente, pois questiona os critérios utilizados na aprendizagem ou treinamento de ofício, onde cada mestre ou instrutor tem sua capacitação e seu próprio método de ensino, contrapondo-se ao método utilizado para o ensino de diferentes profissões, que se apóia em bases acadêmicas e não comerciais.

Bonelli (1999, p. 308) analisa profissões e comunidades, expondo a homogeneidade do grupo, partilhando “socialização e valores comuns”. A autora, que centra seus estudos nas profissões brasileiras, nos últimos 30 anos, esclarece a importância da história social para o desenvolvimento de outros ramos profissionais, os quais se distanciam do aval científico. Em seu estudo, a autora deu destaque a grupos detentores de conhecimento, mas que não se enquadram no rol de especialistas, com base em um corpo de conhecimento científico. Bonelli também descreve a profissão no contexto burguês dependente da legitimidade do Estado e de uma validação social. Portanto, a profissão merece destaque no âmbito social, visto que gera status financeiro e méritos sociais. Assim, quanto mais especializado for o profissional, maiores serão seus méritos, bem como uma maior qualificação técnica do corpo de conhecimento especializado, maior monopólio científico e, conseqüentemente, sua autonomia. Por isso, as críticas que envolvem o processo de profissionalização são direcionadas para o poder acadêmico que exerce monopólio sobre o saber; a ciência assume a forma de dominação e interesses sociais e financeiros. Diante do exposto, ela apresenta outras formas de validação, que se fundamentam na diversidade de elementos que se convergem, substituindo a rigidez científica. Nesse caso, encontram-se os profissionais das práticas corporais alternativas.

De acordo com Barbosa (1993), o processo de profissionalização tem a função de atender e corresponder ao objetivo principal, implementar princípios fundamentais de organização e divisão da esfera social. A autora coloca o profissionalismo centrado no ensino superior, o qual poderá tomar duas direções: a continuação acadêmica, com a aplicação do conhecimento teórico, e a aplicação das formas práticas no contexto social. Além disso, classifica o processo profissional como monopolizador de determinados setores de trabalho,

devido a seu fechamento de mercado e protecionismo, que se torna um desafio às alternativas.

Várias questões que envolvem a profissão e suas diversas nuances no contexto atual, como a descrença em profissões tradicionais, no caso a medicina, levam cada vez mais indivíduos a procurar por outras formas de obter a cura. As práticas alternativas vêm dar sustentação às diferentes expectativas e carências sociais, produzidas por diversos acontecimentos sociais, que introduziram no contexto moderno novas formas de expressar o corpo, pensar e refletir sobre o sagrado, vivenciar de forma diversificada a espiritualidade, colocar-se no centro de suas conquistas e realizações. Portanto, essas transformações sociais exigem modelos profissionais com outros recortes, de modo a representar os interesses da sociedade mais ampla e não de grupos isolados.

Martins (1999) expõe a ansiedade produzida pela falta de oportunidade decorrentes de um mercado de trabalho, instável e inseguro, onde a profissão, antes tida como uma garantia de estabilidade a longo prazo, atualmente reflete um momento de grande mobilidade político-econômico, um novo estilo de vida, destacando a falta de estrutura do sistema social para comportar profissões institucionalizadas.

Já Russo (1993) concentra sua investigação no campo psicológico dos terapeutas alternativos, abordando a mudança de ascensão social relacionada ao prestígio conquistado por tais práticas no mercado. O enfoque dado por Russo (1993 apud BONELLI, 1999, p. 309) apresenta “[...] as disputas pelo poder de nomeação para estabelecer quem faz ou não parte da comunidade, concebendo-as como processo de transformação do campo profissional”.

Martins (2000, p. 15) introduz novas formas de “experiência trans-institucional” inseridas em novos modos de organização social. Assim, diferentemente do sistema tradicional de organização de carreiras e definição de profissões, “[...] a organização do sistema alternativo se expande, por meio de riscos e incertezas”. Inserido nessa estrutura com poucas regras de funcionamento, como exposto pelo autor, a “dativa” é o ponto chave, em que o terapeuta adquire e divide essa “energia” com outras pessoas, estabelecendo, portanto, uma “[...] nova subjetividade coletiva, que se apoia numa simbólica fundadora e numa nova mitologia sócio-histórica” .

Com respeito ao universo esotérico, Tavares (1998) revela conflitos e críticas mútuas, acusações de charlatanismos, de pessoas que prometem logo a cura e que ganham muito dinheiro com isso. Especificamente quanto à forma como estes profissionais se tornam terapeutas, isso é entendido como uma manifestação natural. Depende, porém, de uma ruptura com o passado, quando o indivíduo estabelece uma separação da sua prática anterior, no sentido de desvincular-se totalmente do seu modo de vida anterior. No centro desse processo, estaria um “poder intuitivo”, concebido para poucos privilegiados. Com relação aos saberes adquiridos, estes são conquistados, por meio de conversas com pessoas mais experientes, leituras, cursos, vivências, práticas, especializações, aperfeiçoamento profissional. Estes últimos levam o profissional a méritos internos, ou seja, tanto dentro do campo de trabalho como para clientes. As práticas e técnicas de intervenção são guiadas pelo respaldo técnico-científico, o que desvia seu discurso do esotérico, porém enquadrado numa visão holística da saúde, revelando o efeito curativo do processo. Neste contexto, sua propaganda se vale de sua prática, da sua experiência profissional, além da constatação e comprovação experimental, por meio da linguagem cósmica, holística, que se sustenta por si mesma, sempre aproximando à linguagem científica desses procedimentos.

Nessa vertente, é entendido como profissional sério aquele que coordena e transmite os conhecimentos corretamente, aplica as terapias de forma a mostrar sua competência, incorporando em seu discurso conceitos holísticos e critérios de avaliação médica tradicional. Portanto, a história de vida desses profissionais, mostrada por Tavares (1998), é composta por escolhas, elaborando trajetórias particulares, no sentido de vivenciar o desconhecido, o novo, práticas que levam a um auto-descobrimiento de si mesmo, sensações de descobrir-se, de revelar-se, uma nova consciência de todas as suas relações (consigo, com os outros, com o mundo).

Deve-se lembrar que, para esses profissionais, o termo Alternativo tem o sentido de “à margem”, com uma conotação negativa, excludente e imprópria para o tipo de trabalho e conhecimento que realizam. Preferem o termo “Medicina Natural”, como relata Tavares (1998). A questão da nomenclatura, no sentido de legitimar a imagem terapêutica, retrata uma figura “forte”, confiável, passando

uma boa imagem, de segurança, impondo respeito. Em vista disso, há preocupação de aproximar-se de termos empíricos, aumentando cada vez mais a necessidade de se especializar, aperfeiçoar seus conhecimentos. A autora sugere o encaminhamento para uma possível “profissão”, quando verifica o distanciamento das práticas terapêuticas do universo religioso. Com isso, deixam de se apropriar de uma nomeação mais ampla (holístico) para se auto-definirem em campos específicos (Terapeuta Floral, Fitoterapeuta...), no intuito de se legitimarem no meio social.

Venuto (1999) estuda a profissionalização da Astrologia como um contra-exemplo das teorias sobre profissão. Nessa vertente, a profissão se manifesta como controladora e manipuladora de um determinado corpo de conhecimento, gerador de status e hierarquia (posição social). Assim, outros conhecimentos e saberes não têm valor nenhum, já que a base científica se esgota em si. O estudo rompe com algumas barreiras científicas que fundamentam as análises sobre profissões, e que colocam em segundo plano toda uma dinâmica social que envolve a construção desse saber. Venuto defende que o conhecimento científico dentro de uma profissão não é o único responsável pela aquisição de poder e autoridade. A dinâmica social nessa construção também é fundamental para consolidar e revelar a necessidade da profissão. Diante disso, ocupações que tentam legitimar-se, utilizam-se de estratégias para estruturar seus conhecimentos dentro dos moldes e padrões profissionais científicos já existentes e valorizados socialmente. A autora descreve três grupos distintos dentro do campo da Astrologia, que evidenciam esse caráter, de modo a disporem de uma dinâmica particular. São eles:

[...] **Grupo Moderno**, manifestam grande preocupação com a criação de critérios universalmente válidos de treinamento e socialização profissional, capazes de controlar e garantir a competência de seus membros e limitar a atuação de leigos no mercado. O **Grupo Elite**, também chamado de ‘grupo status’ acredita que [...] o saber astrológico é de tal modo específico, abrangente e multidisciplinar, que seria indesejável, senão impossível, tentar encaixá-lo no modelo de padronização e treinamento formal característico das profissões, já institucionalizadas. E o **Grupo de Práticos** que se [...] caracterizam pela estreita vinculação com o campo religioso-esotérico e a quase inexistência de treinamento ‘formal’ nas escolas de Astrologia. (VENUTO, 1999, p.11-17, grifo da autora).

A autora apresenta as convergências de regras e princípios entre os grupos, bem como a falta de organização interna em processos já institucionalizados. Portanto, ela chama a atenção para “[...] a forma como os indivíduos e os grupos trabalham no sentido de tornar real o potencial de inserção desse conhecimento específico no campo profissional institucionalizado” (VENUTO, 1999, p. 25) e não para o caráter científico em si.

## **CAPÍTULO II. DESCRIÇÃO DOS ESPAÇOS ALTERNATIVOS DE RIO CLARO**

Retomando o que já foi mencionado na metodologia, para obter informações realizei um mapeamento inicial dos espaços que oferecem práticas corporais alternativas, onde passei por dois momentos. O primeiro, quando fui para campo coletar dados preliminares, onde contei com o apoio de profissionais e colegas. O segundo momento, ao retornar a alguns espaços, descartar outros que não ofereciam práticas corporais alternativas, ir a novos, bem como participar de algumas vivências e palestras, a convite de alguns profissionais. Durante a pesquisa, também participei de palestras, feiras relacionadas ao tema que aconteciam concomitantemente à minha coleta de dados. Além disso, mantinha-me informada por meio de jornais, cartazes ou propaganda "boca a boca". A minha intenção, ao vivenciar esses eventos, sempre munida do meu caderno de campo ou gravador, era de me familiarizar com as linguagens e expressões do contexto estudado.

Assim, descrevo neste capítulo os espaços visitados, apresentando a dinâmica dos locais que oferecem as práticas corporais alternativas, na área urbana de Rio Claro. Para melhor visualizar a estrutura de organização dos espaços, segui um esquema geral para todos, obedecendo a uma ordem de descrição, como: localização, origem, especialidades e funcionamento, descrição do espaço, aspectos caracterizadores, clientela e meios de divulgação. Além de uma organização na disposição dos temas abordados, estruturei a seqüência dos espaços seguindo uma distribuição de suas características, de forma a iniciar com os espaços que oferecem diversos profissionais e práticas alternativas, ou seja, os que apresentam uma estrutura comercial. Em seguida, os espaços onde atuam

vários profissionais e práticas. Depois, locais com apenas um profissional ministrando diferentes práticas, e encerrando com trabalho voluntariado. Com isso, espero fornecer subsídios para compreender parte do contexto em que esses profissionais estão inseridos, bem como evidenciar suas condições de trabalho, detalhando o local do seu desempenho profissional.

## **Um Universo em Movimento**

### **Espaço I**

Encontra-se no bairro central da cidade, em funcionamento desde 1998, relatou a informante. Porém, teve sua origem em um outro endereço, no bairro Santa Cruz, onde se manteve em funcionamento durante seis anos. O antigo dono vendeu o estabelecimento para a atual proprietária que, na época, era apenas consumidora e admiradora de tais práticas. Tendo ela um imóvel desocupado, achou melhor ocupá-lo, transferindo o espaço para o seu estabelecimento.

Esse espaço possui alguns atendimentos permanentes que são oferecidos por profissionais fixos do local, como: Ioga<sup>1</sup> (de responsabilidade de uma professora de Ioga e Massoterapeuta), Tai-Chi-Chuan (de responsabilidade do professor desta arte), Dança do Ventre (professora, Agrônoma, com conhecimento em Contabilidade e especialidade em Práticas Corporais), Magia Celta e Astrologia (professora de Música, Publicitária, especializada no nível três do Reiki, e nível dois em Karuna, Iridologia, Numeróloga, e cursando Medicina Ayurvédica). Portanto, o espaço é ocupado por quatro profissionais, que se dividem nos horários e salas. Entretanto, outros profissionais que atuam no local têm maior mobilidade, no sentido de não serem exclusivos do espaço, de forma a trabalharem por locação de salas. Esses profissionais oferecem os seguintes cursos e atendimentos: Meditação Tibetana, Reiki e Karuna (ministrados por uma enfermeira, Massoterapeuta que também trabalha com Florais), Massagem Ayurvédica (Massoterapeuta Ayurvédico), Radiestesia e Jogo da Transformação e apenas curso Florais de Bach (Terapeuta Holístico e Radiestesista).

---

<sup>1</sup> De acordo com os dicionários Aurélio (1986) e Houaiss (2001) da Língua Portuguesa, a palavra Ioga é escrita apenas desta forma: Ioga, porém alguns dos instrutores dessa prática no Brasil optaram por grafá-la com “y” e pronunciá-la com “o” fechado.

Além dos cursos descritos, o espaço oferece outros, como: Seitai, Cristais e Meditação, Tarot, Radiestesia, Toque Terapêutico, Runas, Astrologia e Magia. Tais práticas são realizadas por profissionais convidados, conforme relatou a informante. Desse modo, alguns cursos já realizados nesse espaço podem não constar nesta lista, que descreve apenas conferências ministradas nos anos de 2001 e 2002, em decorrência da grande variedade e diversidade de práticas oferecidas pelo local. O espaço também fornece aplicações de Reiki, onde um grupo de Terapeutas Holísticos, que já fizeram curso de Reiki ou mesmo profissionais de outros espaços aplicam voluntariamente em pessoas com os mais diversos sintomas, desde uma doença terminal até estresse do dia-a-dia. Esse atendimento acontece uma vez por semana, visto que o espaço pede uma ajuda de dois reais para quem puder contribuir, devido ao uso de material, entre outros gastos.

Deve-se ressaltar que esse imóvel possui características de uma loja. Na entrada, há um estacionamento para clientes, com duas vagas para carro e uma placa ilustrativa do espaço. Ao entrar, um balcão apresenta vários objetos expostos para a venda, como: CD's "New Age" e "New World", panfletos explicativos e anúncios de propaganda. Uma secretária fornece informações aos que chegam ao local. Nesse ambiente, são comercializados produtos, como incensos, CDs, objetos místicos, de modo que se encontram utensílios esotéricos pendurados na parede, em cima de estantes, mesas, prateleiras ou mesmo no chão. Em uma sala ao lado, segundo a informante, adaptada para vender roupas e outros artigos, há um provador para uso do cliente. Nesses dois ambientes descritos, existe grande variedade de objetos esotéricos pendurados e espalhados pelos cômodos, proporcionando um aspecto misterioso e esotérico ao lugar. Na direção contrária, tendo como base a sala de entrada, um corredor leva a duas outras salas. A primeira, menor, contém prateleiras na parede com livros à venda, a respeito dos mais diversos assuntos que envolvem o fenômeno Nova Era. A segunda sala foi toda reformada e adaptada para aulas e práticas alternativas, ou seja, uma das paredes é toda espelhada, o piso é de carpete de madeira, no canto tem colchonetes e um aparelho de som. Nesse mesmo corredor, há uma outra porta que leva aos fundos do imóvel, onde está uma outra sala, utilizada para aplicação de massagem e Reiki, que possui o piso

encarpetado, u'a maca, cortinas brancas e alguns colchonetes, porém, de acordo com informações da proprietária, a utilização dessa sala somente acontece quando a outra está sendo ocupada. O banheiro de uso coletivo se localiza fora da casa, em um cômodo independente, depois de um quintal aberto também nos fundos do imóvel.

Conseqüentemente, o espaço possui um total de cinco salas, sendo que duas delas são utilizadas para aplicação de práticas corporais alternativas e as outras três são mais comerciais. Assim, pode denominar-se como um Espaço Holístico, já que oferece diversas práticas corporais em um mesmo espaço.

Quanto à sua clientela, a informante diz ser diversificada, composta por pessoas informadas e não-informadas a respeito do universo alternativo. Tal público se contrapõe ao do passado, que ela afirmou ser uma clientela mais esclarecida sobre o esoterismo e o ocultismo. Com relação a outros meios de divulgação, o espaço tem um "e-mail" que o público pode acessar, através da Internet, para informações a respeito de cursos e atendimentos.

## **Espaço II**

Encontra-se na região central da cidade, situado no centro comercial, estando há cinco anos nesse endereço. Para melhor compreender a trajetória desse espaço, obtive algumas informações com a proprietária do imóvel que explicou trabalhar com cosméticos há aproximadamente dez anos. Por isso, seu primeiro vínculo foi com produtos estéticos e, depois, introduziu técnicas corporais alternativas, no intuito de unir a visão holística para melhor cuidar do lado estético. Portanto, os resultados e serem obtidos estão voltados para a parte estética.

O espaço oferece cursos, demonstrações e aplicações, que também podem ser visualizados em cartazes colocados na porta de entrada. Os cursos ministrados são: Reiki, Aromaterapia, Harmonização, Maquiagem, Massoterapia e Depilação, com cursos individuais para outras profissionais. As demonstrações seguem as seguintes práticas: Depilação, Maquiagem, Massoterapia, Limpeza de Pele, Terapia Capilar e Tratamentos Faciais. No local também são oferecidas aplicações de: Reiki, Depilação, Maquiagem, Massoterapia, Aromaterapia, Harmonização, Terapia Capilar, Limpeza de Pele, Tratamento Facial, Drenagem Linfática, Terapia Ortomolecular e Maquiagem Definitiva.

Alguns dos cursos oferecidos pelo espaço são ministrados por um profissional que vem da cidade de Araras. Segundo a informante, ele é especialista em Massagem Terapêutica, como dores, desconstrutura muscular, entre outras modalidades e, no momento, está cursando faculdade de Fisioterapia. Os outros profissionais permanentes do espaço são vinculados ao Sindicato dos Terapeutas do Estado de São Paulo (SINTE), os quais ministram cursos e fazem demonstrações.

A casa, que foi reformada para oferecer tais práticas, tem uma placa ilustrativa em frente, e um portão de ferro, que separa da rua uma garagem interna. Antes de entrar no ambiente interno da casa, há uma escada com três degraus. Esse primeiro cômodo está mobiliado com um balcão de madeira, com prateleiras atrás, onde se expõem diversos produtos de beleza, como: cremes, hidratantes, esfoliantes. O local conta com duas secretárias, que atendem tanto a loja de produtos cosméticos como o agendamento e explicações a respeito das diversas práticas, aplicações e cursos oferecidos. Esse ambiente se caracteriza como comercial, visto sua função voltada para a venda. De acordo com a informante, os produtos comercializados são de uma marca pertencente à dona do espaço, assim como a composição química dos produtos. Porém, o laboratório que fabrica os cosméticos foi terceirizado, estando localizado em São Paulo. Ao lado, sem divisões de paredes, existe uma sala de espera, com um sofá e alguns objetos à venda, além de enfeites domésticos que clientes deixam à mostra. Nesse mesmo ambiente, há um painel com informações sobre cursos, viagens, roteiros de turismo, venda de produtos orgânicos, fotos, e uma prateleira com revistas, livros com matérias referentes às práticas corporais alternativas, e, por fim, uma Manicure que trabalha nesse mesmo cômodo, com seu próprio material, mesa e cadeira. Ao final dessa sala, há duas entradas laterais, sendo que uma leva ao escritório do espaço e a outra a um corredor, chegando a três cômodos: um banheiro e duas salas destinadas a aplicações e tratamentos, utilizadas por dois profissionais. Dentre esses, um se volta mais para a espiritualidade, trabalhando com Radiestesia, Ervas e “Spray” aromatizante. E a outra profissional, também proprietária do imóvel, dedica-se a Limpeza de Pele e Terapia Ortomolecular, de forma a terem sua própria sala e material. Ao sair de qualquer uma das salas, um pequeno corredor dá acesso a uma primeira porta,

lugar utilizado para estoque. Logo em seguida, uma segunda porta leva à cozinha. Ao sair da cozinha, vê-se uma sala maior que as demais, que antes era usada por um “Personal Trainer”. Nesse ambiente ainda se encontram dois aparelhos de musculação e cadeiras espalhadas, as quais são utilizadas para cursos ou reuniões. Logo ao lado há uma porta que leva para uma área aberta, com plantas, um pequeno jardim, que liga a uma outra construção. Esse imóvel tem três cômodos que fazem parte do espaço, o qual foi reformado recentemente. Esse local tem duas salas e um banheiro. A primeira é a sala utilizada para Depilação, aplicação de Reiki e Estética, e a segunda para aplicação de Massagem e Cromoterapia. Portanto, ao todo, o espaço possui quatro salas, que são utilizadas individualmente, sendo todas destinadas a práticas corporais alternativas.

A casa utilizada sofreu algumas reformas para adaptar suas acomodações, visto que cada sala tem que estar dentro dos padrões exigidos pela Prefeitura. Assim, cada cômodo é tido como para fins comerciais e tem o seu imposto próprio a ser pago, bem como um aluguel que cada profissional tem que pagar para a proprietária do imóvel.

As diversas práticas que o local apresenta são caracterizadas pela visão holística, relatou a proprietária. Assim, a Depilação também é considerada uma prática holística, já que, antes de a pessoa ser depilada, existe uma preocupação com o uso de produtos naturais, a região a ser depilada passa por uma Massagem inicial, a profissional orienta o cliente no uso de determinados produtos para serem usados em casa, bem como alguns cuidados com a pele. Com isso, revelam ter uma preocupação diferenciada com seus clientes, de modo a envolver não só aquele momento em que está sendo aplicada determinada técnica, mas em todo o seu desenvolvimento. Dessa forma, pensar a maquiagem como processo de uma rotina de beleza, sendo indicado um sabonete e um removedor de resíduos naturais, que podem ser usados antes e depois da maquiagem, apontar os pontos positivos do indivíduo, realçando o que este tem de bonito, é considerado terapia pela proprietária.

Diante do observado, a estrutura do espaço se enquadra nos moldes comerciais, com venda de cursos, produtos naturais, cosméticos, cremes, enfim, uma “[...] linha criada e desenvolvida especialmente para se ter uma harmonia

entre a beleza e a saúde”<sup>3</sup>. O Espaço II, diz a informante, não tem a intenção de tratar nenhuma doença, muito menos trabalhar com aparelhos, visto que sua estrutura é toda alicerçada em aplicações com as mãos, no sentido de equilibrar a energia do indivíduo e assim proporcionar uma melhora em sua qualidade de vida. Com base nisso, o espaço se denomina como Estético e Holístico.

A clientela do espaço, afirmou a informante, é constituída por um público especial, ou seja, conhecedor da visão holística que opta por uma linha de tratamento natural e global. O meio de divulgação mais utilizado é a distribuição de folhetos, não apresentando nenhuma forma de divulgação pela Internet.

### **Espaço III**

Encontra-se há quatro anos no bairro Copacabana, tipicamente residencial, das camadas médias e alta da cidade. Porém, teve seu início em endereço próximo ao atual, onde havia quatro profissionais que atuavam no espaço. Hoje o imóvel, reformado e adaptado em moldes de uma clínica, possui vinte salas individuais, contando com vinte profissionais de diferentes áreas. Todas as informações foram fornecidas pelas secretárias e uma profissional.

O Centro de Terapias Integradas oferece uma equipe multidisciplinar que conta com os seguintes profissionais: quatro Psicólogos, um Psiquiatra, três Dentistas, um Cirurgião Dentista, duas Fisioterapeutas (uma delas aplica RPG), um Fisioterapeuta (faz Acupuntura e Reiki), uma Terapeuta Floral (também aplica Reiki), uma Terapeuta Ocupacional, duas Massagistas (uma delas exerce em conjunto a Reflexologia e Florais), uma Reflexologista, uma Psicopedagoga (aplica Cura Prânica, Florais de Bach e Massagem Oriental), uma Fonoaudióloga e uma Educadora Física (trabalha com Massoterapia e Florais). A proprietária do imóvel faz parte da equipe profissional, sendo uma das Fisioterapeutas.

O local oferece vinte salas individualizadas, em que cada profissional paga à parte pela sua sala, e alguns profissionais dividem seus horários, no sentido de usarem a mesma sala quando possuem a mesma especialidade, como os Dentistas.

O espaço comporta um imóvel construído em dois terrenos, de forma a ter um amplo estacionamento em frente e o próprio nome da clínica escrito na

---

<sup>3</sup> Panfleto, 2002.

estrutura de concreto. Logo à esquerda, há um portão e, ao lado, uma placa, fincada no chão, com o nome das profissionais e suas especialidades. Ao entrar no prédio, uma ante-sala comporta um balcão, um computador e duas secretárias para atender os clientes. Ao lado, uma ampla sala de espera, tendo ao seu final duas portas, que dão acesso a dois banheiros, um masculino e um feminino. Nesse mesmo ambiente, um pequeno jardim interno ao canto e alguns quadros pendurados por toda a sala completam a decoração.

O espaço não possui decorações esotéricas, não vende nenhum tipo de objetos místicos, apenas Florais através de receita, dando um aspecto dínico ao local. Por meio de informações obtidas por profissionais do lugar, o que aglutina as pessoas é a visão holística e o aspecto espiritual, pois se trata de um ambiente sem competição entre os profissionais, voltando-se mais para a área da saúde.

Com relação à clientela do espaço, essa se mostra diversificada, já que o local possui diversos campos de atuação. Assim, crianças, jovens e adultos procuram pelos serviços oferecidos. O local não tem divulgação via Internet, somente cartões que podem ser retirados no balcão, contendo nome, telefone e especialidade de cada profissional.

#### **Espaço IV**

Legalizado pela Prefeitura do Município de Rio Claro em 1996, esse espaço localiza-se no bairro de Copacabana desde então. O bairro é predominantemente residencial, com moradores de elevado poder aquisitivo. Segundo a proprietária, anteriormente esse espaço funcionava em um quarteirão próximo de onde se encontra hoje.

O Espaço IV conta com duas Terapeutas Holísticas permanentes, que administram o espaço. Uma tem formação profissional em Advocacia, profissão que exerce no mesmo endereço, porém em uma sala particular. Ela é também credenciada pelo Instituto de Medicina Oriental (I.M.O.) e atual Delegada do Instituto de Medicina Oriental do Estado de São Paulo. Nesse papel, profere palestras por todo o Brasil, principalmente no Sul, onde está situada a sede do I.M.O., e ministra cursos no SENAC de Limeira e de Rio Claro. A outra Terapeuta

Holística afirma ser formada em Ciências Biomédicas e Medicina<sup>4</sup>, bem como ter pós-graduação na França em Hematologia.

De acordo com afirmações de uma das proprietárias, o espaço oferece cursos e atendimentos que tentam conciliar as práticas corporais alternativas à ciência, ou seja, conforme afirmou, os cursos oferecidos "não têm nada de místicos". Para tal, apresentam uma parte teórica, para a qual os alunos devem ter uma noção a respeito de Fisiologia, Anatomia, Patologia, e fazer alguns trabalhos. Posteriormente, passam para a parte prática e, no final, terão que realizar uma prova, como forma de avaliar sua apreensão e compreensão dos conhecimentos oferecidos.

Um folheto recente desse espaço divulgava os cursos de Aromaterapia, Massagem Holística, Floral de Minas, Reflexologia, Cromoterapia e Radiestesia. Além desses, a proprietária informou outros cursos oferecidos pelo espaço, como a Drenagem Linfática e a Auriculopuntura. Havia também alguns folhetos com informações a respeito de cursos anteriores, em que se mencionavam as seguintes práticas: Fitoflorais Líquidos, Reflexologia, Massagem Holística, Fitoflorais Cápsulas e Radiestesia Básico. Os folhetos incluíam também informações como: data, horário, valor e o grau de escolaridade exigido (segundo grau completo e/ou cursando), frisando, ainda, que as apostilas e certificados já estão inclusos nos valores descritos.

Todas essas atividades são desenvolvidas em uma casa alugada e adaptada para essa finalidade. Logo na entrada do imóvel, há uma garagem, onde se encontram duas portas de entrada. A primeira dá acesso a um escritório de advocacia, não sendo considerado pela profissional como parte integrante do espaço alternativo, pois, de acordo com ela, são ambientes com propósitos diferentes, e não têm nenhuma relação comercial. A segunda porta leva a uma sala de espera mobiliada com um sofá, uma mesa e um computador. Uma secretária atende as pessoas que chegam, dando todas as informações necessárias. Além dessa sala de recepção, o imóvel comporta outros cômodos. Assim, um corredor oferece acesso a diferentes ambientes, sendo que duas salas são específicas para cada profissional, onde se encontram os materiais, objetos

---

<sup>4</sup> Desligada do Conselho de Medicina.

de trabalho e computador próprios. Continuando pelo corredor, chega-se a uma sala que foi adaptada para a realização de cursos, mas também pode ser sala de espera, comportando entre treze a quinze pessoas, e possui um retroprojetor, um quadro branco para escrever com canetinha, e um computador. Acoplado a esse ambiente há uma cozinha, também adaptada, que possui uma estufa para esterilizar os materiais e guardar os instrumentos para manejo de florais, bem como florais já prontos. Por fim, também no corredor, há um banheiro de uso coletivo.

O espaço não apresenta objetos místicos expostos nos móveis ou paredes, de modo a evitar um aspecto esotérico no local, conforme os propósitos da informante. Sob esse enfoque, o espaço se denomina como de Terapias Alternativas e Estudos Holísticos, e, como já foi mencionado, as Terapeutas se preocupam com o aspecto científico que as práticas contêm, no sentido de estabelecer paralelos entre técnicas alternativas e ciência, evitando uma possível imagem mística e esotérica que tais terapias apresentam.

De acordo com a informante, a clientela se apresenta diversificada. No início, afirmou ser composta de pessoas com pouco estudo, como por exemplo, Manicures, pessoas que trabalhavam em casa, portanto com um perfil mais definido. Atualmente, procuram pelos cursos pessoas com formação universitária, Profissionais Liberais, Donas de Casa, mostrando uma clientela eclética. O local também tem convênios com diversas agremiações e associações da cidade, como a Associação dos Advogados de Rio Claro, a Associação dos Bancários de Rio Claro, o CPP, o CREA, os Funcionários do Hospital Santa Filomena, o Grêmio Elektro, a Funerária João de Campos, o Laboratório São Lucas, a Uniodonto e outros, o que permite uma redução no preço das atividades lá realizadas.

Para divulgar suas atividades, o espaço possui um “site” na Internet, que oferece consultas “on-line” e divulga cursos e práticas. Com relação a consultas “on-line”, a página apresenta informações como: duração do tratamento, tempo entre as consultas, local da consulta (no espaço ou, até mesmo, em casos extremos, na própria casa do cliente). Desse modo, o “site” contém explicações de como chegar ao local até descrições de como são as práticas, como são efetuadas e os benefícios de algumas práticas corporais alternativas.

## **Espaço V**

Encontra-se na região central de Rio Claro. Segundo o informante, o espaço atende nesse endereço há cerca de dois anos e meio. No entanto, teve a sua origem em um outro endereço, localizado no edifício São Lucas, centro da cidade, durante dois anos, aproximadamente. Depois disso, mudaram-se para uma casa alugada, em um bairro residencial, onde funcionou durante dois anos.

O espaço oferece seus serviços há seis anos em Rio Claro, tendo como idealizadores e sócios um Terapeuta Holístico e Acupunturista e uma Psicóloga, Psicoterapeuta e Sexóloga que, desde o começo, trabalham juntos. No início, o espaço contava com esses dois profissionais permanentes e uma profissional de fora. Os idealizadores, a Psicóloga e o Terapeuta Holístico e Acupunturista, são fixos do espaço. Uma Astróloga e Psicoterapeuta trabalhava eventualmente no local. Naquela época, ela oferecia as seguintes práticas: Psicotrãse, Curso de Massagem, Previsões, Sinastrias (análise de relacionamento), Orientação Vocacional e Astrologia. Com o passar do tempo, a profissional foi-se distanciando e, atualmente, não oferece nenhum tipo de atividade no espaço. Essas informações foram obtidas através de anúncios em panfletos mais antigos e pelo próprio profissional.

No primeiro semestre de 2002, o espaço contava com três profissionais permanentes e outros quatro eventuais, que trabalhavam no local por meio de locação de salas.

Espaço V apresenta uma peculiaridade em relação a outros espaços visitados em Rio Claro, que oferecem práticas corporais alternativas: comporta dois centros especializados em um mesmo local, sendo voltado para uma visão holística, e o outro, para a área dínica. Tal informação foi verificada em panfletos recolhidos no local, os quais faziam propaganda do mesmo espaço, porém com nomenclaturas diferentes. Assim, as Psicólogas chamam de "Clínica Amanhecer", que se autodenomina como sendo um lugar de Terapias Especializadas e o Terapeuta Holístico dá uma outra denominação, mais holística.

No momento, três profissionais trabalham com práticas corporais, dentro da linha alternativa. Um Terapeuta Holístico e Acupunturista, que oferece os seguintes serviços: Acupuntura, Fitoterapia Chinesa, Terapia Floral, Meditação, Massagem e Psicoterapia, trabalhando junto com uma Nutricionista. Além dessas

atividades, uma vez por semana, o profissional oferece a Vivência, Relaxando o Estresse, que envolve exercícios de Bioenergética, de Respiração, Meditação Ativa, Dança Circular e Relaxamento. Ele afirmou ser o profissional mais atuante na linha holística nesse espaço, visto que outros dois profissionais, um professor de Tai-Chi-Chuan e uma professora de Dança do Ventre, são eventuais, no sentido de trabalharem por locação de salas, em dias e horários combinados, pagando uma determinada quantia para os proprietários para utilizarem a sala maior, onde ministram suas aulas.

Quanto à área clínica, o espaço conta com quatro profissionais, sendo duas com formação em Psicologia, uma em Fonoaudiologia e uma em Nutrição. A Psicóloga, Psicoterapeuta e Sexóloga, também proprietária do espaço, oferece: Psicologia e Relacionamento, Terapia de Casal, Terapia Sexual, Terapia Cognitiva, Psicoterapia Transpessoal, Neotantra e Humanística. A outra Psicóloga e Logoterapeuta é, nesse momento, um dos profissionais permanentes do local, junto com os dois proprietários. Já a Fonoaudióloga e a Nutricionista trabalham no esquema de locar salas, pagando uma quantia por mês para os donos do imóvel, tendo horários mais flexíveis. Tais informações foram extraídas de um “folder” recolhido no espaço, em 2001.

As duas Psicólogas direcionam seu trabalho para a área alternativa, com o intuito de associar algumas práticas ao tratamento clínico, já que consideram um meio de enriquecer o trabalho, explicou o informante. Portanto, Regressão, Trabalhos com Bioenergética e Workshops intitulados “Despertar da Consciência”, realizados uma vez por mês, ou a cada dois meses, em uma chácara em Rio Claro, são práticas administradas pelas profissionais.

O espaço, que oferece diversas práticas corporais alternativas, tem logo na entrada um portão pequeno, um interfone e uma placa ilustrativa do espaço. No alpendre da casa, existe um espelho tridimensional, com formas arredondadas, mostrando para a secretária (que fica na sala de espera) a pessoa que está interfonando. Assim, ao subir alguns degraus, ao lado de um jardim, há uma primeira porta que dá acesso à sala de entrada. Essa sala é mobiliada com um balcão de madeira e dois sofás de alvenaria, aos quais está anexado um canto para revistas e livros. Nesse ambiente, fica uma secretária do espaço para atender os clientes. Logo ao lado, há um cômodo, maior que os outros, que o

informante afirmou ter diversas funções, como: palestras, eventos ou mesmo designado para fazer atividades em grupo. A sala tem um quadro branco para escrever, fixado na parede, colchonetes, almofadas, cadeiras, um tapete grande no chão, ventilador de teto, um espelho que pega todo o fundo da sala, um aparelho de som e janelas. As cadeiras somente são colocadas na sala caso haja necessidade de sua utilização. Ao retornar para a sala de espera, atrás do balcão há uma porta com acesso a uma sala, ocupada por um profissional. Ao lado do balcão, existe um pequeno corredor que dá acesso a dois banheiros, um feminino e um masculino, assim como para duas outras portas, também utilizadas por diferentes profissionais para um trabalho mais individualizado. Desse modo, cada profissional permanente tem sua própria sala. Porém, quando a prática a ser realizada é em grupo, como no caso da Meditação, sempre se usa a sala maior. Além dos serviços oferecidos no espaço, há, nos fundos do imóvel, a residência do profissional.

A casa, que foi comprada e reformada, com o intuito de adaptá-la aos moldes de uma clínica, não apresenta objetos místicos pendurados, nem mesmo a venda de utensílios esotéricos, mas somente a venda de florais para pacientes, sob prescrição e receita. A clínica, de acordo com cartazes expostos em frente ao espaço, "visa ao bem-estar e à qualidade de vida do indivíduo", ressaltando a saúde, o equilíbrio, a vitalidade e a longevidade como fatores fundamentais para atingir esse patamar (viver bem).

A clientela do espaço se caracteriza por pessoas que já procuraram todo tipo de tratamento convencional e não conseguiram resultados positivos, de modo a "arriscar" por um tratamento alternativo, afirmou a informante. Contudo, também existem aqueles que possuem uma vida estabilizada e querem fazer um trabalho de autoconhecimento, como relaxar, evitar o estresse do dia-a-dia ou mesmo levantar a auto-estima. Já houve estudantes que procuraram o espaço em momentos de grande tensão e estresse pré-vestibular, encaminhados pelos pais. Esses dois últimos grupos são minoria em relação ao número de pessoas que procuram por tais práticas, as quais normalmente estão sentindo dores e querem fazer aplicações de Acupuntura, ou pessoas que já tiveram derrame, enxaqueca, hérnia de disco.

Os meios de divulgação já utilizados no início foram: escrever pequenos artigos no jornal e dar entrevistas na rádio, de forma a obter um retorno interessante, porém muito lento e demorado, contou o informante. O anúncio na lista telefônica, nas Páginas Amarelas, também teve sua contribuição, visto que ainda é utilizado pelo espaço. No entanto, a maior parte das pessoas que procuram pelas práticas alternativas que o local oferece vem por indicação de alguém, ou seja, a divulgação "boca a boca". O espaço possui um "site" na Internet a respeito das práticas e tratamentos oferecidos. Ao entrar no "site" da clínica, descrito no panfleto do Terapeuta, verifiquei informações relacionadas somente ao seu trabalho com Medicina Tradicional Chinesa, bem como a presença de uma visão holística.

### **Espaço VI**

Localiza-se perto do "Shopping Center" da cidade, no bairro Cidade Nova, que tem moradores de médio poder aquisitivo. O espaço mantém suas atividades nesse endereço há dois anos.

Anteriormente, o lugar era uma casa de engenheiros, onde se guardavam grandes equipamentos. De acordo com informações obtidas pela secretária do espaço, o local foi desativado, e, há mais ou menos dois anos, criou-se o Espaço VI. A proprietária do imóvel, também profissional do espaço e esposa do Engenheiro, fez pequenas reformas no local.

A respeito das práticas corporais alternativas oferecidas pelo espaço, descrevo algumas contidas no folheto explicativo de 2002: Tratamento Integrado, Estética Médica, Florais, Self-Healing, Terapia Ocupacional, Terapia Ortomolecular, Tratamento Corporal e Tratamento Facial.

O espaço comporta três salas, onde são efetuadas as práticas, tendo seis profissionais regulares e uma eventual, num total de sete. Elas dividem as salas entre si e rateiam o aluguel mensal.

O imóvel apresenta logo na entrada um portão grande, que antes servia para a entrada de grandes máquinas no interior do local, onde ficavam em uma grande área aberta. Ao passar o portão, bem ao lado, há um jardim, em formato triangular. Em frente ao jardim, há uma primeira porta que leva a um pequeno corredor, que dá acesso a outros três cômodos. A primeira sala é utilizada apenas por uma profissional, que trabalha com Podologia e trabalhos estéticos nas mãos

e nos pés. Essa sala é mobiliada com uma cadeira parecida com a de dentista, uma estufa, entre outros aparelhos que são utilizados para os tratamentos efetuados. Uma segunda sala, mais ao final do corredor, é utilizada por três profissionais: uma Terapeuta Ocupacional e Doutora em Educação, aposentada pela UFSCar, especialista em Self-Healing, que oferece consulta individual, “workshop” e cursos para grupos; a outra profissional tem formação médica, aplicando Estética Médica Facial (Limpeza de Pele, Butoz, Piling); a terceira profissional, e também proprietária do imóvel, faz Limpeza de Pele, Higienização, Massagem, tendo formação em Terapia Ortomolecular. Dentro dessa sala, existe uma mesa com telefone, agenda e panfletos explicativos, duas cadeiras e, ao lado, u’a maca. Ao final do corredor, há um banheiro, de uso coletivo.

Ao retornar para o ambiente de fora, ao lado há uma outra porta que dá acesso somente à cozinha, com um pequeno sofá para algum cliente que eventualmente tenha de esperar. Ao lado, no ambiente externo, há um pequeno corredor de cimento que leva a uma outra porta, portanto são cômodos que pertencem ao mesmo imóvel, com entradas independentes. Essa porta leva a uma sala maior, com divisória interna, com um banheiro acoplado, e prateleiras fixadas nas paredes. Essa sala é utilizada por duas profissionais, uma Fisioterapeuta que trabalha com RPG, Ginástica (Alongamentos, Relaxamento e Respiração), e uma outra Terapeuta que aplica Terapia Prânica. Segundo a secretária, o local oferece serviços voltados tanto para a parte estética como para a saúde, porém a maior procura é pela estética.

Com relação à Terapeuta e Doutora, existe uma certa restrição de horários em decorrência do seu deslocamento de São Carlos para Rio Claro. Deste modo, seus atendimentos podem ser efetuados somente às quintas-feiras, com hora marcada. Por meio de relatos fornecidos pela secretária, há também uma profissional que apenas receita Florais e comparece com certa frequência ao local, dependendo do número de clientes a atender.

Em anúncios mais antigos, obtive algumas informações adicionais: o espaço tem patrocínio do núcleo de Pesquisa e Assistência em Self-Healing do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos, que também oferece um “site” com informações sobre bibliografias, explicações

sobre como são realizadas as pesquisas que estão sendo efetuadas e outras já concluídas sobre Self Healing.

A clientela, de acordo com informações obtidas no local, é composta em sua maioria por professores e funcionários da Universidade Estadual Paulista de Rio Claro, bem como um público masculino que procura tratamentos referentes a Podologia. Como forma de divulgação, o espaço tem um “e-mail” que pode ser acessado pela Internet. Além de folhetos que são distribuídos no local, esses são específicos de cada profissional, somente com seu nome e suas especialidades.

### **Espaço VII**

Localizado na Vila Alemã, antigo bairro residencial de ferroviários, esteve sempre nesse endereço, desde o seu início, há três anos.

Quanto à sua origem, o espaço foi criado por iniciativa da dona do imóvel, que se interessava por danças alternativas e pelo universo esotérico. Para tal, procurou por uma academia de dança, que na época era a única em Rio Claro, que diz oferecer tais práticas. A academia fechou depois de três meses que a profissional e sua filha iniciaram as aulas. No entanto, a maior parte das alunas tinham o interesse de continuar as aulas e terminar o semestre, assim a profissional prontificou-se a providenciar um lugar. Como havia em sua casa um antigo escritório desocupado, cedeu-o para dar continuidade às aulas e terminar o semestre. O grupo terminou o ano nesse local, que aos poucos foi sendo reformado e adaptado para outras atividades que a proprietária se propôs a promover.

A maioria dos profissionais que atuam no Espaço VII não são fixos, ou seja, também são professores em outros espaços, já que o lugar não oferece restrições de exclusividade. Durante sua história, um total de quatro profissionais de Dança do Ventre transitaram pelo local, sendo que duas dessas continuam dando aula. Quanto à Dança Flamenca, duas professoras deram aulas, sendo a primeira de Piracicaba, e a segunda, de Rio Claro. A proprietária do imóvel, também Reikiniana, é a única profissional permanente do espaço.

Com relação à história dos profissionais do local, a primeira professora de Dança do Ventre, teve de cessar suas atividades em decorrência dos altos custos, já que vinha de São Paulo para Rio Claro para dar aula, além do pouco número de alunas naquela época. No entanto, a proprietária do imóvel tinha

interesse de permanecer com as aulas, e procurou por outra professora que deu continuidade ao trabalho. Com o tempo, aumentou a procura pela dança, formando outras turmas, o que incentivou a proprietária a pensar em outras práticas, como Dança Flamenca e Dança de Salão. Assim, iniciou outras práticas no espaço, saindo à procura de novos profissionais. Conseguiu comunicar-se com uma professora de Dança Flamenca de Piracicaba e um professor de Dança de Salão, estudante de Educação Física, o qual já dava aulas em outras academias da cidade.

A professora de Dança Flamenca, que vinha de Piracicaba, ficou durante dois anos dando aulas no espaço. Mas a pouca procura, as desistências ao longo dos meses por parte dos alunos e os altos custos fizeram a profissional desistir das aulas. O professor de Dança de Salão ministra aulas no espaço desde a inauguração, porém, no de 2002, interrompeu-as, devido problemas particulares. Portanto, o local conta com três profissionais de dança, sendo duas professoras de Dança do Ventre e uma de Dança Flamenca, além de uma Reikiniana.

No primeiro semestre de 2002, existiam oito turmas de alunas, que eram divididas entre aulas de iniciação e intermediários de Dança do Ventre e Dança Flamenca, em diferentes horários e dias da semana, mas especificamente de segunda a sábado. O Espaço VII também oferece abertura para outros cursos, sendo acessível para qualquer outra atividade. Assim, Autohipnose e Karuna foram cursos já realizados no local, visto que o espaço se mostrou aberto para toda linha alternativa e esotérica, além de grupos de Meditação.

O espaço utilizado para efetuar tais atividades passou por algumas reformas. Assim, na frente da casa há um portão, com duas repartições, uma para a entrada de carro e outra menor. Logo a seguir há um jardim, com algumas plantas e grama na garagem. O espaço, que se resume em um salão, fica ao lado da casa, sendo um local independente. Uma porta de entrada leva ao interior da sala, a qual tem um banheiro acoplado. O ambiente tem um espelho, que abrange toda a extensão da parede, um tablado de madeira próprio para essas danças, um aparelho de som, colchonetes, e um pano grande, com desenho de mandala, pendurado na parede.

Segundo a informante, a clientela do espaço é flutuante. No começo do ano, há uma grande procura e, com o passar dos meses, ocorre uma dispersão,

principalmente no final do semestre. Atualmente, a maioria das pessoas interessadas nas práticas que o local oferece são de bairros distantes, como do centro da cidade, moças que trabalham e estudam, bem como mulheres casadas e até mesmo uma grávida, diferentemente de anos anteriores, quando a clientela era composta por estudantes da UNESP de Rio Claro.

O espaço não possui meio de divulgação pela Internet, divulga seus trabalhos através de panfletos ilustrativos, de que descrevo literalmente um trecho:

Estamos lhe convidando a fazer parte de um grupo de mulheres especiais, ESPECIAIS SIM!!!

Porque estão dispostas a se descobrirem, a resolverem seus problemas de tensão, stress, amor-próprio, consciência corporal, enfim, mulheres dispostas a se amarem cada vês mais e conseqüentemente serem mais amadas, mais felizes e assim transformarem o mundo<sup>5</sup>.

### *Espaço VIII*

**O Espaço VIII se encontra no bairro Jardim Kennedy, predominantemente industrial de Rio Claro, com moradores de poder aquisitivo médio e médio baixo, ainda que existam algumas chácaras localizadas nessa região. De acordo com a informante, o espaço está funcionando nesse endereço há seis meses, desde o início do ano de 2002.**

**O espaço, que possui uma história de vida recente, tem como idealizadora uma Massoterapeuta que o administra e ministra grande parte das práticas alternativas oferecidas no local. Assim, falar da origem do Espaço VIII é falar um pouco da história da profissional. Portanto, ela diz ter cursado um ano de Educação Física na Universidade Estadual Paulista em Rio Claro, no ano de 1989. Em virtude de problemas particulares teve, que abandonar o curso ainda no primeiro ano, indo trabalhar com sua mãe, como Manicure e Pedicure, durante quatro anos. Ainda quando trabalhava, resolveu fazer um curso de Massagem Estética em Campinas, e logo depois foi para São Paulo. Nesse período, trabalhou em uma clínica médica de Cirurgia Plástica, onde diz ter aprendido muito, além de fazer outros cursos na linha alternativa, para se especializar. Em 2001, voltou para Rio Claro,**

---

<sup>5</sup> Panfleto, 2002.

onde fez um curso de Instrumentação Cirúrgica. No mesmo ano, começou a trabalhar em uma Clínica Holística, Espaço V, situado na área central da cidade, onde trabalhou durante quatro meses, em uma sala alugada. Quando ainda estava trabalhando nesse espaço, foi fazer uma caminhada de costume no bairro onde mora, e, ao passar em frente a uma chácara, viu uma placa: “Aluga-se”, contendo o telefone de contato. Ao chegar em casa, ligou para a proprietária e logo alugou os dois terrenos que fazem parte da chácara. No início, foi morar na chácara durante algum tempo para limpar o terreno e reformar o imóvel que estava “descuidado”. “Havia muito mato”, lembra. Atualmente, a Massoterapeuta retornou para sua residência, que fica no mesmo bairro, deixando a chácara reservada somente para eventos, atendimentos, cursos e vivências.

As atividades realizadas no espaço contam com uma profissional permanente, a idealizadora e administradora do local, que oferece: Massagem Energética, Massagem Terapêutica, Drenagem Linfática, Shiatsu e Florais, de acordo com informações retiradas do cartão ilustrativo. Além dessas práticas citadas, outras como: Reiki, Reflexologia, Cromoterapia, Aromaterapia e palestras são ministradas por voluntários, portanto não são cobradas, estando aberta para todos, afirmou a informante. Porém, cursos e vivências realizados nos fins de semana têm uma taxa para quem quiser participar. Assim, Vivência Xamânica e Astrologia Com Todos os Sentidos foram alguns dos temas de vivências realizadas por profissionais convidados, normalmente de outra cidade, que são efetuadas no espaço duas vezes por mês, relatou a informante. Aulas de Consciência Corporal e Jogo da Transformação são práticas descritas em um folheto ilustrativo de 2002, mas que não foram mencionadas pela informante em nenhum momento da conversa, por isso não foram colocadas como integrantes das atividades regulares do espaço.

O lugar utilizado para a realização de práticas alternativas é uma chácara, que passa por algumas reformas e adaptações. Na frente, há um muro pintado de azul com um portão de madeira que esconde uma vasta área verde, com diversas árvores frutíferas no seu interior. Ao entrar, um caminho de cimento leva à casa, que fica nos fundos do terreno. Seguindo esse caminho, do lado direito há oito

caixas de madeira com apoios em suas extremidades, formando um octógono, onde serão plantadas ervas, simbolizando uma mandala, como afirmou a informante. À frente, há uma fonte de água construída no chão, de médio porte, com pedras, plantas e flores ao seu redor. Do lado esquerdo do caminho, ainda na entrada, havia uma garagem, que foi reformada nos moldes de uma sala, onde são realizadas algumas práticas como Reiki, Xamanismo e trabalho com Ervas. O salão possui janelas laterais de madeiras, piso frio, duas prateleiras de madeira fixadas nas paredes, com alguns objetos místicos de enfeite, colchonetes espalhados no chão, uma única porta e uma pequena varanda. Seguindo em direção à casa, há uma pirâmide colocada sobre um tronco de árvore cortado, o qual possui uma entrada, seis pontos cardeais e duas caixinhas em seu interior. Dentro delas há pequenos pedaços de papéis com nomes de pessoas escritos. O objeto que simboliza o equilíbrio de energia é utilizado para rituais. A seguir vem a casa, com uma ampla varanda na frente, um murinho para sentar, cadeiras de plásticos e uma mesa com telefone, agenda, folhetos e cartões, bem do lado da porta de entrada. Essa porta dá acesso a uma sala dividida em dois ambientes. O primeiro é a cozinha, com pia, bebedouro e geladeira, tendo apenas uma separação para o segundo ambiente. Esse se caracteriza como uma “sala de estar”, já que tem um quadro de Jesus Cristo pendurado na parede, com um suporte de madeira embaixo, velas enfeitando, uma estante de madeira do lado oposto, com diversos livros e anjinhos de enfeites, além de ser utilizada para a realização de algumas práticas. Desse ambiente se tem acesso a uma sala mobiliada com 1 maca, prateleiras de madeiras em suas laterais com materiais utilizados para algumas práticas e enfeites místicos. Há acesso também para um corredor, com duas portas. A primeira é o banheiro, e a segunda porta leva para uma outra sala, que tem uma janela, e é mobiliada com algumas cadeiras de plástico, uma cama diferenciada de madeira, com oito lados, inspirada na figura da mandala e, nas paredes, duas prateleiras de madeiras com enfeites místicos. Portanto, a casa tem duas salas destinadas somente para práticas alternativas, uma cozinha acoplada a um ambiente também utilizado para efetuar tais práticas e um banheiro de uso coletivo. Além disso, o terreno ao lado, separado por um muro, também faz parte da chácara. Esse terreno, por enquanto, abriga apenas um cavalo que pertence à profissional do espaço. Ela diz ter pretensões de fazer

desse local um “camping”, bem como um lugar para serem efetuadas algumas vivências.

Em vista do pouco tempo de vida que o espaço possui, algumas reformas já foram, feitas e outras ainda serão. A informante esclarece que outras obras serão realizadas no local, no segundo semestre de 2002, entre elas a construção de uma “cascata natural”, que funcionará como uma pequena cachoeira para se banhar, colocada entre a inserção dos dois muros. Ao lado, a construção de um “jardim japonês”, cercado de flores, além de bancos, que serão colocados nas trilhas de novos caminhos cercados de pedras, dando acesso à cascata e ao jardim.

De acordo com a informante, o espaço se caracteriza por uma busca de auto-ajuda, por meio de sensações como: desejos, alegrias, angústias. A informante enfatizou ainda que o local não tem restrições de crenças e credos, todas as religiões são bem-vindas, como também aquelas pessoas que não crêem em nada.

A clientela é composta em sua maioria por mulheres, muitas delas professoras da Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro, além de outros profissionais que já estão no meio alternativo ou têm algum conhecimento das práticas. No que se refere aos meios de divulgação, o espaço conta com uma “promoter”, uma profissional voluntária, encarregada de distribuir os folhetos pela cidade, ligar para as pessoas, ou seja, responsável pela divulgação. Entretanto, o meio de transmissão mais eficiente, é o “boca a boca”: as pessoas que já conhecem os serviços contam para as outras. O espaço não tem divulgação via Internet.

## **Espaço IX**

Situado na região central de Rio Claro, o espaço se localiza na área comercial da cidade, tendo uma história recente, já que foi inaugurado no ano de 2001.

A proprietária, e também profissional do espaço, explicou ter vindo de São Paulo para estudar em Araraquara, onde fez Faculdade de Letras. Contudo, no início de 2001, veio para Rio Claro, para ficar mais perto da sua família, que mora em uma cidade próxima, Corumbataí. A escolha pela cidade foi em decorrência

de um imóvel desocupado do seu pai no centro comercial, bem como o maior número de habitantes, comparando-se com Corumbataí.

Atualmente, o espaço oferece aulas de Dança do Ventre, Dança de Salão, Balé Clássico, Dança Mística, aulas de Russo e Latim Clássico, Tai-Chi-Chuan e Shows de Cítara Indiano. Ao todo, são cinco professores que estão dividindo os horários e os dias da semana, sendo que apenas três estão ministrando aulas no momento, em decorrência da pouca procura. A proprietária, e também professora de dança, é responsável pela maioria das práticas oferecidas no local, como Dança Mística, aulas de Russo e Latim e Cítara Indiana. Uma outra professora, que ajuda a proprietária nas aulas de Dança do Ventre, e um professor de Dança de Salão são os profissionais que estão trabalhando no primeiro semestre de 2002. Além disso, uma professora de loga e um professor de Tai-Chi-Chuan não estão dando aulas nesse período por falta de alunos. Conforme afirmou a informante, os profissionais do espaço têm liberdade para trabalhar em outros lugares, assim como para ministrarem outras práticas que, em decorrência da pouca procura, não estão sendo realizadas neste momento.

Em um folheto retirado no local, o Espaço IX descreve as seguintes práticas corporais, oferecidas pelo espaço: loga, Baby-Class, Balé Clássico, Dança Moderna, Dança do Ventre, Lian Geong e Tai-Chi-Chuan, Dança Mística (não é necessária a formação em Dança), Russo e Latim Clássico, Alongamento, Dança de Salão e Shows de Cítara Indiana.

No que se refere ao imóvel, a proprietária afirmou pertencer ao seu pai. Diante disso, ela diz morar no próprio espaço, para não ter que pagar aluguel, de forma a fazer algumas adaptações no local. Assim, o antigo escritório, que ocupava todo o espaço, e era um cômodo só, transformou-se em três salas. Para tanto, divisórias foram colocadas para separar as salas, bem como a colocação de um outro piso, espelho e barras, caracterizando o espaço nos moldes de uma academia de dança.

A entrada do espaço tem uma porta de vidro e um interfone que dão acesso a uma escada. Ao subir a escada, há uma outra porta, de madeira, que leva ao interior do imóvel. Nesse ambiente, existe um balcão de madeira, e sobre ele diversos panfletos. O espaço não tem secretária, de forma que os próprios profissionais atendem os clientes, explicou a informante. Ao lado, existe uma sala

com um quadro branco, com duas carteiras em frente, para a realização das aulas de Latim ou Russo, ou mesmo para alguma aluna esperar o horário da sua aula. Esse cômodo dá acesso a uma outra sala de grandes dimensões, com um amplo espelho, barras de ferro laterais fincadas no piso, coberto por um tablado de madeira próprio para danças, colchonetes, aparelho de som, amplas janelas de vidro e duas portas, sendo que a primeira leva a um quarto e a segunda ao banheiro, de uso coletivo.

Com relação à clientela do espaço a informante, afirmou ser a maioria composta por estudantes, pessoas que já tiveram um estudo ou cursaram uma faculdade.

Hoje, o único meio de divulgação é realizado por meio de folhetos. Entretanto, diz ter colocado uma vez anúncio no jornal de Rio Claro, na parte dos classificados, mas não teve retorno. O espaço não possui "site" ou "e-mail" na Internet.

### **Espaço X**

Localiza-se no bairro Vila Paulista, predominantemente residencial, com moradores de médio e baixo poder aquisitivo. O espaço encontra-se próximo ao Horto Florestal e do "Shopping Center" de Rio Claro. Nesse endereço, funciona desde o início de 2002, há aproximadamente sete meses.

Em sua recente história, o espaço deu seus primeiros passos em uma residência situada perto do Horto Florestal, porém no bairro Bela Vista. Nesse endereço, o local funcionou durante mais ou menos um ano, conforme relatou a informante. Durante esse período, foram desenvolvidas as seguintes práticas: Massagem Terapêutica, Doin, Shiatsu, Drenagem e aulas de loga. Tais informações foram obtidas por meio de cartazes colocados no mural do restaurante Opção Natural; um restaurante vegetariano. Entretanto, nesses anúncios constavam apenas o nome da profissional e suas especialidades, no caso, Massoterapeuta e professora de loga, de forma a não ter um nome para o espaço. Nessa mesma época, observei outros cartazes afixados no mural do mesmo restaurante, com informações a respeito de aulas gratuitas de loga ministradas pela mesma profissional, no Horto Florestal, aos domingos de manhã. Por isso, deixei a ocorrência registrada em meu caderno de campo, para

averiguar com mais cuidado posteriormente, já que na época não encontrei o endereço citado no cartaz.

Ao observar cartazes informativos nos murais internos da Universidade Estadual Paulista de Rio Claro, no início do ano de 2002, verifiquei um anúncio diferente, não visto antes, que informava os seguintes cursos: Meditação, Dança do Ventre, Ginástica Ioga Clássica, Massagem Terapêutica Do-In/Shiatsu, Terapias Holísticas (Palestras e “Workshops”), Agricultura Orgânica (Permacultura), Oficinas de Artesanato, Argila, Tear, Mosaico, entre outros.

Listei como sendo um novo endereço, diferente dos demais obtidos anteriormente. Porém, ao verificar no meu caderno de campo o número do telefone e as demais informações descritas, constatei uma coincidência entre os números de telefone desse novo espaço com um folheto mais antigo. Assim, ao conversar com a proprietária do imóvel, certifiquei-me de que as duas informações se referiam ao mesmo espaço, porém em outros endereços diferentes.

Com relação às aulas de ioga que eram ministradas gratuitamente no Horto Florestal de Rio Claro, essas cessaram no início do inverno, devido ao frio e conseqüentemente ao pequeno número de alunas, explicou a informante.

Atualmente, o Espaço X conta com três profissionais, sendo uma a dona do imóvel, que realiza a maior parte das práticas corporais. Uma segunda profissional ministra aulas de Dança do Ventre e Reiki, e há uma terceira que trabalha com Bioenergética. Ambas pagam uma determinada quantia para a proprietária, que aluga o espaço em determinados dias e horários.

Com relação às práticas corporais alternativas oferecidas no espaço, elas podem sofrer algumas alterações, já que a proprietária afirmou ser um espaço aberto para outros eventos, bem como para diferentes profissionais. Desse modo, se um profissional quiser dar um curso de final de semana e utilizar o local, ele poderá usufruir do espaço, pagando uma determinada quantia. Como exemplo da abertura do local para outras atividades, a informante citou uma roda de Capoeira, evento realizado no fim de semana por um mestre de Capoeira Regional.

A casa onde são desenvolvidas as atividades tem um pequeno portão e um interfone na frente. Ao entrar, um corredor leva à casa da profissional e também proprietária do imóvel. Seguindo em frente, nesse mesmo corredor, há uma

grande área aberta, onde estão plantadas bananeiras, árvores frutíferas, uma palmeira, além de outros cultivos. O espaço utilizado para as aulas fica nos fundos da casa, sendo uma construção independente. O local foi reformado e adaptado, visto que anteriormente era um barracão. Quanto à sua estrutura, o espaço possui colchonetes, que ficam em cima de tapetes, um aparelho de som, o chão é de cimento pintado de azul, e as paredes são todas pintadas em tons de azul um pouco mais claro que o chão, com pequenos detalhes em amarelo. O salão não possui banheiro acoplado ao ambiente. Alguns quadros pendurados com explicações, fotos de posições de loga e desenhos Indianos compõem o ambiente do local.

De acordo com a informante, a maior parte do público que frequenta o espaço é composta por estudantes da Universidade Estadual Paulista de Rio Claro, principalmente dos cursos de Biologia e Ecologia, que se dizem admiradores de tais práticas. Como forma de divulgação, o espaço conta com dois “e-mails” na Internet, além dos cartazes colocados em diferentes pontos da cidade.

### **Espaço XI**

Localiza-se no bairro Cidade Jardim, predominantemente residencial, com moradores classe média alta, estando em funcionamento há cinco anos nesse endereço. O espaço é uma unidade credenciada da Rede De ROSE em Rio Claro, que oferece somente uma prática, Swasthya Yôga<sup>6</sup>. Desde o início, sempre teve o mesmo nome, assim como a mesma profissional e proprietária administrando a unidade. No entanto, o primeiro endereço do espaço foi na área central, onde ofereceu seus serviços durante nove anos. Portanto, durante quatorze anos, o espaço esteve situado em dois endereços, um antigo na região central e o atual, situado em um bairro de classe média alta da cidade. Porém, a proprietária afirmou estar em construção uma nova sede, com salas mais amplas e bem estruturadas, em um outro bairro da cidade.

O espaço XI teve sua origem no interesse da profissional, que, antes de conhecer a Swásthya Yôga, trabalhava na linha estética em Campinas. Ela diz ter se apaixonado pela prática depois de ter tido seu primeiro contato, de modo a

---

<sup>6</sup> A forma escrita “Yôga” refere-se, especificamente, a Rede De Rose.

deixar a área estética e vir para Rio Claro, onde abriu uma filial da Universidade De Yôga. Desde o início, direciona seus serviços para práticas regulares, mas principalmente para a formação de professores de Yôga.

O local conta com uma profissional permanente e também proprietária do espaço, que relatou possuir formação em Yôga pela Universidade da PUC de Curitiba e pela Universidade de Yôga do De Rose em São Paulo, além de uma professora que dá assistência, e um profissional que vem de fora, credenciado pela mesma Rede, onde ministra algumas aulas. O local oferece apenas uma prática corporal, o Swasthya Yôga.

O espaço, situado em uma casa alugada, tem na entrada uma placa ilustrativa. Um portão, que fica aberto nas horas de funcionamento das atividades, dá acesso a um caminho de cimento, no meio da grama, terminando em uma área coberta. Nesse alpendre, existe um sino pendurado e uma porta de vidro. Ao entrar, há um pequeno corredor que bifurca para duas salas. A primeira é mobiliada com uma mesa, três cadeiras, uma estante de madeira, contendo objetos de enfeite que simbolizam o Swasthya Yôga, livros, CDs, uma televisão, vídeo cassete, fitas de vídeo. Na parede ao lado, há um espelho de tamanho natural, de modo a visualizar quem está na porta de entrada. Nessa sala, são feitas as fichas dos alunos, assim como a venda de livros, CDs, incensos, perfumes, medalha com o ÔM, sendo que todos os artigos à venda são da linha De Rose. A segunda sala é destinada para as aulas de Yôga, tendo um piso revestido por um material emborrachado azul, um espelho com a dimensão da parede lateral, uma parede de vidro, cortinas, um quadro de escrever, um aparelho de ar condicionado, um ventilador e um aparelho de som. Ao final da sala, há um outro cômodo, que os alunos utilizam para trocar de roupa, e um banheiro acoplado.

Com relação às características do espaço, a informante afirmou que, em todos os locais em que se trabalha com a Rede De Rose, existe um padrão a ser seguido. Assim, vender os mesmos materiais didáticos, ter o mesmo piso para efetuar a prática, apresentar a mesma música, cheiro do incenso, do perfume, as mesmas coreografias, o mesmo folder de propaganda, fazem parte de um modelo padronizado. Além disso, o profissional responsável tem que passar por um

processo de avaliação e aperfeiçoamento anual, realizado na sede em São Paulo. Trata-se, na verdade, de um processo de franquia.

O espaço tem uma filosofia de vida própria, que “[...] visa o autoconhecimento e auto-aperfeiçoamento do ser, por meio de um conjunto de técnicas corporais do universo iogue, como Mudrá, Puja, Prānayama, Kriya, Āsana, Yôganidra e Samayama [...]” (informação verbal)<sup>7</sup>.

A maior parte da clientela, de acordo com informações obtidas no local, é composta por jovens, saudáveis e de bem com a vida. A média de idade é de dezesseis a trinta e seis anos, aproximadamente, embora haja um cliente de cinquenta e seis anos. A baixa faixa etária pode ser em decorrência da atividade intensa que a prática exige do aluno, como flexibilidade e força, além dos livros paralelamente à prática, o que exige disponibilidade de tempo. A maior procura se dá por indivíduos do sexo masculino, como Universitários, Profissionais Liberais e Executivos. Como meio de divulgação, o espaço apresenta “folders” e um “site” na Internet. Porém, no “site”, constam somente informações gerais a respeito da Rede, portanto não há informações referentes ao espaço de Rio Claro.

### **Espaço XII**

O espaço utilizado pela Terapeuta é a sua própria residência, no bairro Cidade Jardim, em Rio Claro, tipicamente residencial, com moradores de alto poder aquisitivo. Nesse endereço, funciona há quatro anos.

A história da profissional, pioneira em Florais na cidade, tem origem em sua formação acadêmica, em Artes Plásticas, que afirmou ter tido maior interesse na história de vida dos artistas do que nas obras em si, durante o curso esse interesse a motivou a fazer várias pesquisas sobre o tema, bem como Teatro, com o que diz ter aprendido muita coisa sobre consciência corporal. Ao terminar o curso de Artes, iniciou o de Psicologia, em Ribeirão Preto, que frequentou durante três anos, tendo que abandonar para se mudar para Rio Claro. Já instalada na cidade, fez um curso de Sensibilização e Criatividade, voltado para estimular a criatividade do aluno, direcionado para professoras da pré-escola. A escola que hoje não existe mais foi uma escola “meio alternativa” que se mostrava diferente das demais. A informante relatou nunca estar preocupada com o produto, mas com o processo em si, sendo que uma atividade ia estimulando a outra.

---

<sup>7</sup> Expressão mencionada pela proprietária do espaço, 2002.

Nesse período, lembra ter passado por problemas de saúde, de difícil diagnóstico. Chegou a fazer vários exames, ir a vários médicos, mas nada se resolveu. Em um determinado momento, ouviu falar de uma moça que trabalhava com Florais, em Piracicaba, e resolveu ir atrás. Ela diz ter se apaixonado pelo tratamento e se curado. Portanto, sua abordagem com Florais teve início através de sua vivência, foi a própria cura que a levou a acreditar tanto. A partir de então, começou a fazer vários cursos em Florais, principalmente os mais tradicionais: Bach e Minas, sendo o primeiro em Piracicaba e os outros em São Paulo. Além desses, ela fez um curso de Psicologia Holística, com duração de dois anos, também em São Paulo, e um de Cinesiologia Aplicada, baseado nos princípios da Acupuntura, que diz ser um processo de harmonização corporal, porém não utiliza agulhas, apenas as mãos.

Após ter feito esses cursos, abriu uma loja de produtos naturais, localizada na área central de Rio Claro. Porém, contou que maior parte das pessoas entrava na loja mais para pedir algum tipo de aconselhamento do que para comprar e, como trabalhava com produtos rapidamente perecíveis, teve que fechá-la. Nesse momento, estava fazendo um curso de Psicologia Holística em São Paulo, de forma que passou a convidar algumas pessoas para irem à sua casa, não profissionalmente, mas para exercitar. E aquilo começou a dar certo. Logo abriu um consultório, onde dividia a sala com uma outra profissional, no centro da cidade. Essa tinha formação em Educação Física, também ligada às práticas alternativas. Posteriormente, resolveu que compensaria voltar para sua residência, já que começou a dar aulas de Inglês em uma escola na cidade.

A trajetória da profissional dentro da linha alternativa vem desde 1989, quando teve seu primeiro contato com Florais e, em seguida, já iniciou na área, além de vivências anteriores, durante sua formação profissional, quando trabalhou com Expressão e Conscientização Corporal no teatro e Sensibilização e Criatividade em cursos.

Atualmente, a profissional se utiliza da técnica da Cinesiologia Aplicada para indicar o melhor floral para cada pessoa, bem como uma conversa, que chama de Aconselhamento Psicológico, de forma a fazer uma anamnese anteriormente no cliente para tentar chegar à raiz do problema, na sua origem, para assim, indicar o melhor tratamento para aquele sintoma. Além dos cursos

feitos, a profissional se diz muito “cinestésica”, de modo a tocar em uma outra pessoa e perceber o seu “ritmo de energia”. No entanto, não aconselha de forma alguma seus pacientes a deixar o tratamento convencional, caso o estejam fazendo.

As atividades desenvolvidas pela Terapeuta são efetuadas em uma casa, onde tem um “consultório particular”, ou seja, uma sala somente para atender os clientes. Assim, o local, que também é residência da profissional, não possui placa ilustrativa na frente do imóvel, apenas um interfone e portões fechados. Ao entrar, há uma garagem, logo depois uma porta de entrada, que dá acesso a uma sala. Essa sala tem dois sofás, uma mesa central, alguns objetos de enfeite, como velas e anjos, e, ao canto, há algumas revistas da linha alternativa. Nesse ambiente, existem três portas, uma com acesso para a cozinha, a outra para um corredor e outra para o consultório. O espaço utilizado tem, no seu interior, u’a maca, um sofá, uma cadeira, um armário com diversas fragrâncias e florais, incensos, livros, velas de vários tamanhos, cores e cheiros, e alguns objetos “esotéricos” de enfeites. Portanto, o local possui um sutil aspecto esotérico, sem perder seu caráter clínico.

A informante afirmou ter uma clientela fixa, composta em sua grande maioria por mulheres de poder aquisitivo elevado, normalmente com nível universitário, as quais já ouviram falar de florais e de seus benefícios, mas não sabem ao certo como funcionam e por quê. O principal meio de divulgação diz ser o “boca a boca” de seus pacientes. Entretanto, já tentou fazer cartões, mas toda vez que fez mudou de endereço, perdendo a validade. Portanto, não faz mais, bem como não tem “site” ou “e-mail” na Internet.

### **Espaço XIII**

Localiza-se no bairro Santa Cruz, próximo ao campus da rua 10 da Universidade Estadual Paulista em Rio Claro. O bairro se caracteriza como residencial, no entanto possui um núcleo ainda tímido no comércio, sendo a maioria dos moradores de poder aquisitivo médio e médio baixo. O espaço se encontra nesse endereço desde a metade do primeiro semestre de 2002, cerca de cinco meses. Quanto à sua origem, deu-se há mais de oito anos, quando a profissional começou o seu trabalho com Massagem Terapêutica. Desde então, ela diz ter feito vários cursos e especializações em diferentes práticas

alternativas. Porém, ainda hoje, continua estudando e se especializando na área, afirmou.

Anteriormente, a profissional atendia em uma sala de um consultório, onde dividia as despesas com um Médico Homeopata. Depois disso, dividiu por um tempo com um Dentista, sendo os dois endereços localizados no centro da cidade, e os imóveis alugados. Segundo a profissional, as pessoas que trabalham com a área holística normalmente dividem salas ou mesmo prestam serviços em espaços que ofereçam vários cursos.

No espaço, existem três profissionais, sendo que apenas ela trabalha na linha alternativa, oferecendo os seguintes serviços: Massagem Terapêutica, Cromoterapia, Florais de Minas, Moxaterapia, um pouco da Aromaterapia e Reflexologia. A profissional também atua em outro lugar, em Três Lagoas, em Mato Grosso, porém lá ela trabalha somente com Florais. Entretanto, explicou não estar indo com tanta frequência, em decorrência dos compromissos assumidos em Rio Claro. A profissional diz já ter trabalhado em São Paulo, durante dois anos.

Com o passar do tempo, a profissional sentiu necessidade de trabalhar em um lugar calmo, tranquilo, sem barulhos e conversas paralelas na sala de espera, pois as pessoas que procuram pelo seus serviços estão normalmente com sintomas de estresse, em decorrência da correria do dia-a-dia, querendo relaxar, sendo uma clientela diferenciada. Portanto, trânsito para estacionar o carro, barulhos externos e conversas na sala de espera, foram situações que constatou serem prejudiciais para o tipo de clientela que procura seus serviços. Por isso, escolheu um bairro residencial, em uma região calma, onde não há trânsito freqüente de carros, bem como facilidade para estacionar.

A casa alugada para realizar as práticas alternativas é dividida com uma Esteticista e uma Manicure e Pedicure, não tendo secretária. Assim, logo na entrada há um interfone para identificação, um portão menor e um maior ao lado, para entrada de carro na garagem. Ao entrar na garagem, há uma porta que dá acesso à sala de espera, mobiliada com dois sofás, um computador no canto, um espelho em forma de janela, uma mesa, com livros e revistas sobre ela. O cômodo seguinte é uma cozinha, com uma mesa, cadeira e material usado pela Manicure ao canto. Seguindo em frente, há um corredor que leva para três

cômodos. O primeiro é o banheiro, o segundo é a sala utilizada pela Esteticista, e o terceiro é a sala da Massoterapeuta. Essa sala tem uma mesa ao fundo com cadeira, onde é realizada a conversa inicial com o paciente, ou seja, é feita uma anamnese, esclareceu a informante. Na parede atrás da mesa estão expostos, em quadros, os inúmeros diplomas dos cursos realizados pela Terapeuta. No centro, há u'a maca, tendo acima lâmpadas coloridas, para efetuar o trabalho com Cromoterapia. No canto, um lavatório, e, no outro extremo, um aparelho de som sobre um suporte na parede.

A profissional denomina seu trabalho voltado exclusivamente para a área da saúde, tanto na parte física como emocional, de forma a tentar resgatar informações a respeito do emocional dos seus clientes, caminhos que levem a respostas de onde, quando e como surgiu a dor do paciente. E, assim, detectar a natureza da dor que está sentindo naquele momento.

Quanto à sua clientela, afirmou ser diversificada. As mulheres vêm e vão, fazem por um tempo e depois vão embora, após um tempo voltam, ou seja, não apresentam uma constância. Já os homens se mostram mais fiéis, aparecem com maior freqüência, de forma a serem uma clientela mais estável e permanente. Assim, Profissionais Liberais, Médicos, Dentistas, Empresários, Gerentes de Banco, Analistas de Sistemas, Donas de Casa, Pintores e Músicos compõem o leque de indivíduos que a procuram por esse tipo de tratamento alternativo. O único meio de divulgação é feito através dos seus próprios clientes, que conhecem o trabalho e indicam para outras pessoas, bem como um cartão que pode ser retirado no local. O espaço não possui divulgação via Internet.

#### **Espaço XIV**

Localizado no bairro Copacabana, predominantemente residencial, com moradores de alto poder aquisitivo. Nesse endereço, encontra-se em funcionamento há aproximadamente dois anos.

A história do local envolveu uma fase difícil na saúde da profissional, que diz ter procurado por diversos meios convencionais, os quais não ofereciam alternativas, a não ser tratamentos que a tornassem dependente de medicamentos. Tal situação levou a profissional a procurar por outros métodos que não fossem tradicionais. Assim, leu vários livros, revistas, participou de palestras e fez vários cursos, todos na linha alternativa holística. Com base nisso,

afirmou ter iniciado uma alimentação balanceada, baseada em “filosofias orientais”. Nesse momento, teve a idéia de abrir um espaço voltado somente para uma alimentação natural. A venda era feita por meio do processo de marmitas, que funcionou durante alguns anos em Rio Claro.

O interesse na linha alternativa instigou a profissional a especializar-se em outras práticas. Desse modo, encerrou a atividade com alimentação e abriu um espaço, em outro endereço, com características diferentes. De acordo com suas informações, o local prioriza a qualidade de vida do indivíduo, através da alimentação balanceada e de um equilíbrio interior obtido por meio de tratamentos alternativos.

Em um folheto datado de 2001, encontrei as seguintes informações: nome do espaço, “[...] Encontre equilíbrio e harmonia dentro das técnicas chinesas através da alimentação, exercícios e terapias naturais”. O endereço que consta no folheto é o mesmo que o atual, porém, além da profissional, havia o nome de mais três profissionais, os quais tinham as seguintes especialidades: uma profissional que trabalhava com Auriculoterapia e Suplementos Nutricionais 100% naturais, uma outra que também aplicava Auriculoterapia, Terapia Energética e Suplementos Nutricionais 100% naturais e um profissional que, além da Auriculoterapia, trabalhava com Quiropraxia, Lian Gong, Tai-Chi-Chuan, Kung-Fu.

Em um outro folheto da mesma época, entregue nas casas, foram encontradas algumas informações que descrevo abaixo:

No anverso:

Massagens: as mais modernas massagens no combate aos males e dores do corpo;

Acupuntura: técnica moderna de combate aos males e dores sem medicamento;

Ventosaterapia: forma de se livrar dos males ganhando vida;

Moxaterapia: técnica para se livrar das mazelas ganhando energia;

Quiropraxia: técnica moderna para se livrar da dor realinhando a coluna.

**O QUE É QUE VOCÊ TEM?**

Cansaço, dor, muita dor, tristeza, vontade de chorar, vontade de morrer, medo, pavor, desânimo, insônia, muito sono, depressão, prostração, timidez, preguiça, mau humor, irritabilidade, ansiedade, inapetência, falta de memória, de concentração, dilatação abdominal, queda de cabelos, prisão de ventre...

**NÃO SOFRA MAIS.**

No verso:

DORES?

Na cabeça, nas costas, pescoço, ombros, braços, cotovelos, mãos, dedos, pernas, joelhos, pés, tornozelos, ciática, reumatismo, artrite, artrose, gota, etc, etc...

NÃO SOFRA MAIS<sup>8</sup>.

Atualmente, o espaço conta com uma única Terapeuta, também proprietária, que oferece: Acupuntura Auricular, Acupuntura Estética Facial e Corporal, Orientação Alimentar, Fitoterapia-Geoterapia, Ventosa-Talassoterapia, Moxaterapia e Massagens, conforme informações extraídas da placa em frente ao espaço e de um “folder” de 2002. A profissional possui formação adquirida na Escola Técnica de Reabilitação, em Ribeirão Preto, de acordo com um antigo cartaz afixado no portão de entrada.

O espaço funciona em uma casa alugada, tendo uma placa informativa em frente, com o nome do espaço, serviço oferecido, nome da Terapeuta e telefone para marcar a consulta, tendo direito a avaliação grátis. Logo na entrada, há um interfone para identificação e um portão de ferro fechado, eletrônico, com passagem para uma pequena área aberta com um jardim. Seguindo-se, há um alpendre e uma porta. Ao entrar no interior da casa, encontra-se uma sala de espera, mobiliada com sofá, mesa com livros, revistas e objetos de enfeite sobre ela, uma mesa de uso da profissional, cadeiras, um computador e mapas do corpo humano, ilustrando meridianos, chacras e também ilustrações do ponto de vista anatômico. Um corredor dá acesso à sala da profissional, à qual não tive acesso, mas que teria uma maca, instrumentos de Acupuntura, um lavatório e um aparelho para se trabalhar com Moxaterapia. O local possui aspectos clínicos, já que não há objetos ou enfeites místicos decorando o ambiente.

Segundo a informante, a clientela do espaço se mostra diversificada, normalmente pessoas buscando uma melhora na qualidade de vida, para aliviar o estresse do dia-a-dia, ou mesmo dores localizadas. Como meio de divulgação, são distribuídos folhetos nas casas, porém o método mais eficaz diz ser o “boca a boca”, com os próprios clientes indicando para outras pessoas. O espaço não oferece divulgação pela Internet.

## **Espaço XV**

---

<sup>8</sup> Folheto, 2001.

A sua denominação é utilizada para um espaço situado na residência de um Massoterapeuta Ayurvédico de Rio Claro, visto que ele também atende em outros espaços. A história desse profissional, que afirma ter formação em Ciências Sociais, ilustra a mobilidade e transitoriedade existente no universo alternativo. Formado há mais de dez anos, sem nunca ter exercido a profissão, explicou que o fato de ter estudado os grupos e os movimentos sociais, as relações sociais, bem como gostar de observar essas interações, contribuiu para uma aproximação com o fenômeno alternativo. Assim, logo após ter-se formado, foi trabalhar no comércio, onde fez várias coisas. No entanto, não se sentia satisfeito com o que estava fazendo, por isso resolveu dedicar-se a atividade relacionada com o que gostava. A partir de então, abriu um comércio dentro de um tema de seu agrado: comercializar artigos esotéricos e místicos.

Espaço I (descrito na p. 4), nome dado ao local, encontrava-se no bairro Santana em Rio Claro, onde funcionou durante seis anos nesse endereço. No início, o espaço possuía somente aspecto comercial, visto que era uma loja onde se vendiam artigos “esotéricos”, além da venda de livros dentro da mesma linha. Algumas pessoas que vinham conhecer a loja perguntavam a respeito de cursos ou atendimentos, porém na época não eram oferecidos no local.

Nesse momento, um professor de Antropologia da UNESP de Araraquara, que na época fazia pesquisa sobre Tarô, veio visitar a loja e indicou uma comunidade na Serra de Japi, onde eram ministrados vários cursos sobre diversas temáticas. Com isso, o proprietário do estabelecimento foi conhecer o local, de forma a chamar as pessoas da comunidade para virem a Rio Claro oferecer cursos no Espaço I. O informante lembra ter sido um período de grande procura por parte da comunidade, pelos cursos e palestras que estavam sendo ministrados no local. A divulgação era feita por meio de indicações, o famoso “boca a boca”. Nessa época, as pessoas que estudavam e conheciam as terapias alternativas se reuniam em suas próprias residências, em grupos fechados, ou seja, as informações ficavam restritas a pequenos grupos. O informante diz ter aberto o mercado da cidade para tais práticas, que anteriormente circulavam em pontos isolados, somente em reuniões fechadas nas casas dos integrantes.

O proprietário do imóvel participava dos cursos, palestras, lia sobre o assunto, conversava e aprendia com as pessoas que vinham ao espaço para

aplicar e ministrar cursos. Após seis anos, diz ter-se cansado de ficar fechado entre quatro paredes, como se fosse um empresário, e, a partir desse momento, resolveu vender o espaço e ser mais independente. Com isso, um casal que freqüentava o espaço se interessou em comprá-lo e abriu-o em um outro endereço, com as mesmas características e o mesmo nome, Espaço I, onde faz quatro anos que funciona sob outra direção.

Ao se desfazer do espaço, o profissional começou a fazer cursos e se especializar-se em várias práticas alternativas, de modo a criar um novo nome, Espaço XV, denominado apenas para atendimentos realizados em sua residência em Rio Claro. Além de atender em sua casa, o profissional faz aplicações, ministra cursos e profere palestras em outros espaços da cidade. Como não é exclusivo de nenhum espaço, trabalha por conta própria, atendendo clientes em algum espaço ou em sua residência. O profissional também atende em dois espaços, no bairro de Moema, em São Paulo.

Atualmente, o profissional oferece os seguintes atendimentos e cursos: Massagem Indiana, Massagem Ayurvédica, Massagem Tântrica (somente curso para casais ou algum tipo de orientação), Reiki e Magnified Healing. Tendo como maior preocupação e foco de busca o aspecto espiritual, o equilíbrio das energias, seu trabalho centra-se na espiritualidade, na emoção e na saúde. Entretanto, afirmou que, quando se trabalha com Massagem, naturalmente a pessoa fica mais bonita, já que ela se equilibra espiritualmente, trabalhando tanto a parte física como a estética, como consequência.

A clientela que procura pelos seus serviços compõe-se por pessoas esclarecidas, de nível universitário ou mesmo aquelas que, embora não tenham concluído o terceiro grau, estudam e estão sempre lendo a respeito do universo alternativo. O profissional diz ser muito difícil atender pessoas com dores localizadas, e, quando atende, normalmente essa pessoa não volta a fazer a Massagem, pois, segundo ele, quando o físico mostra sintomas de dores é porque alguma coisa no emocional não está bem e, ao trabalharem o emocional e se sentirem melhores, sentem medo.

Com relação aos meios de divulgação, o profissional explicou que as pessoas é que devem saber qual é a hora de procurar por um tratamento, não é ele que deve mostrar a necessidade. Assim, algumas pessoas já sabem o que ele

faz e, quando precisam, perguntam, tentam informar-se com alguém. Portanto, considera o meio de transmissão “boca a boca” o mais eficiente. Além desse, cartões espalhados por alguns espaços alternativos da cidade têm veiculado seu nome, telefone e as especialidades oferecidas. Divulgar no jornal foi uma tentativa de propaganda frustrada, pois não teve nenhuma resposta, conta. O “site” na Internet, ainda em construção, tem a intenção de divulgar seus cursos para outras cidades ou mesmos para outros estados.

### **Espaço XVI**

Encontra-se no bairro Copacabana, predominantemente residencial, com moradores de alto poder aquisitivo. O espaço funciona nesse endereço há sete meses, desde o início do ano de 2001. A sua história começou há sete anos, quando uma Massoterapeuta deu início ao seu trabalho com Massagem. Desde então, sua trajetória vem sofrendo algumas mudanças ao longo dos tempos, visto que a profissional que criou o espaço trabalhava somente com Massagem e, posteriormente, foi fazendo outras especializações e cursos em São Paulo, em diferentes práticas alternativas.

Quanto à trajetória do espaço, estive em um primeiro momento localizado no centro da cidade, e nesse endereço a profissional diz ter trabalhado sozinha. Depois disso, por um determinado período, fez sociedade com sua irmã, oferecendo práticas corporais alternativas e serviços de um salão de beleza, também na área central de Rio Claro, porém a sociedade durou pouco tempo.

Hoje, na metade de 2002, o espaço conta com uma profissional e também dona da idéia, que aplica as seguintes práticas: Massagem de Relaxamento, Massagem Terapêutica, Tratamento Estético Corporal, Aromaterapia, Drenagem Linfática, Depilação, Tratamento Capilar, Manicure e Pedicure, além de uma Massagista eventual que trabalha no local, por meio de locação de sala. Mas, como esta também faz aplicações em domicílio, utiliza com pouca freqüência o espaço.

O local apresenta uma grande placa ilustrativa na fachada da casa, um interfone para identificação e um portão pequeno de ferro. Ao entrar, há um jardim com uma árvore, que antecede o interior da casa. Na sala de entrada existe um sofá, duas poltronas, um móvel de madeira, onde se apóia o televisor, e alguns objetos de enfeite, além de alguns quadros fixados na parede. Nesse mesmo

ambiente, ao lado, uma porta de correr de vidro abrange toda a parte lateral da sala. No canto esquerdo, há uma cadeira de cabeleireiro para realizar os tratamentos capilares, uma mesa e uma cadeira utilizados para fazer serviços referentes a Manicure e Pedicure. Segundo a informante, na casa existe uma sala que é destinada somente para aplicação de práticas, tendo u'a maca grande, aparelhos para a realização da Drenagem Linfática, um lavatório, assim como cremes utilizados na parte estética. A casa alugada para efetuar tais práticas também é residência da profissional.

De acordo com a informante, o espaço, no princípio, tinha uma maior preocupação voltada para a saúde. Porém, com o passar do tempo, teve que direcionar os serviços oferecidos para o campo estético, em decorrência da maior procura, atendendo à demanda do mercado.

A clientela que procura pelos serviços prestados no espaço se caracteriza por pessoas do sexo feminino que trabalham fora, têm algum tipo de profissão, normalmente de classe média, as quais buscam em sua grande maioria cuidados estéticos. Os meios de divulgação são feitos através da lista telefônica (Páginas Amarelas) e por meio de panfletos. Entretanto, o meio de maior retorno diz ser o "boca a boca". O local não possui divulgação via Internet.

### **Espaço XVII**

A profissional atende em um salão anexo ao prédio do Centro Esotérico Comunhão do Pensamento "Eliphas Levy", que se localiza no bairro central de Rio Claro, próximo à área comercial, estando há nove anos nesse endereço. A profissional iniciou o aprendizado da loga aos cinquenta anos de idade, fazendo aulas com um professor que, na época, também Advogava. Ele fazia curso em São Paulo e dava aulas em Rio Claro nos finais de semana. Com esse professor ela fez aulas durante dois anos. Posteriormente, ele foi substituído por um rapaz, que deu aulas durante um ano e meio, mais ou menos. Depois disso, a profissional continuou praticando em sua residência e estudando por conta própria. Após um tempo, ela reiniciou as aulas com um grupo, na casa de um senhor, sendo que ele mesmo ministrou as aulas, durante aproximadamente um ano e meio. Porém, por motivos de doença, ele teve de cessar as aulas. Contudo, a profissional afirmou ter procurado outro local, onde continuou a fazer loga na casa de uma moça durante um ano e pouco. Em seguida, foi fazer durante mais

de um ano aula em uma academia tradicional de Rio Claro. E, por fim, a profissional deu início ao seu próprio trabalho com loga, no salão da frente do Espaço XVII. Portanto, seu contato com a loga soma um total de vinte anos de aprendizado, sendo que, durante onze anos, ela praticou em grupo ou mesmo sozinha em casa. Há nove anos dá aulas nesse mesmo espaço.

Em vista disso, nos dois primeiros anos, as aulas foram ministradas em um salão que ficava dentro do Espaço XVII. Posteriormente, foi construído um salão independente, nos fundos, para eventos promovidos pelo Centro. Por volta dos últimos sete anos, tendo como referência o ano de 2002, a profissional mudou-se definitivamente para esse salão que apresenta dimensões maiores.

O Espaço XVII, no ano de 2002, ofereceu somente aulas de loga tendo duas professoras. A primeira, e também pioneira com a loga nesse espaço, há nove anos, tem várias turmas formadas; a segunda professora, que só recentemente ofereceu loga no salão interno do Centro, trabalhou durante seis meses no local.

O espaço foi inaugurado em 1933, de acordo com informações obtidas em uma placa afixada na frente do local. Para se chegar no interior do salão, existe um portão próprio com entrada independente. Esse portão dá acesso a um corredor largo, que leva a uma única porta que dá acesso ao salão de prática de loga. Ao entrar, no canto esquerdo há colchonetes em cima de uma mesa, assim como uma prateleira de madeira, onde ficam as toalhas de alguns alunos, um bebedouro, três cadeiras, um quadro negro e um aparelho de som. O chão é coberto por grandes tapetes de carpete, existem alguns ventiladores, além de cartazes nas paredes informando sobre a prática de loga. Do lado direito, existe uma pequena entrada coberta por uma cortina que leva a dois banheiros, masculino e feminino. Logo em frente, há uma cozinha, separada do salão por um balcão, dividindo os ambientes, de modo a haver livre circulação de um para o outro, por meio de uma entrada lateral.

De acordo com a profissional, todos os objetos que estão no espaço foram colocados por ela, desde os colchonetes até os carpetes, e foram introduzidos no local para melhor estruturá-lo e adequá-lo à prática de loga. Dessa forma, o Espaço XVII fornece apenas o imóvel, cobrando uma determinada quantia por mês da profissional para utilizar o salão.

A prática de loga ministrada nesse local se volta para saúde, no sentido de proporcionar para as pessoas “paz, tranqüilidade e saúde”. Já que a loga, explicou a informante,

[...] trabalha o organismo por completo, as glândulas, os órgãos, o sistema nervoso, circulatório e respiratório, bem como os movimentos e as posturas que trabalham toda a parte interna do organismo, por meio da parte física envolvida, como respiração e relaxamento (informação verbal)<sup>9</sup>.

Quanto ao seu aspecto caracterizador, o espaço não possui posturas religiosas, a prioridade é direcionada para a saúde e o bem-estar do indivíduo.

A clientela do espaço se apresenta de forma diversificada, segundo a informante. Assim, jovens, pessoas que trabalham fora ou em casa, pessoas de terceira idade, em sua maioria mulheres, compoem a clientela do local, ou seja, vão com maior freqüência e permanência nas aulas. No entanto, os jovens não são considerados uma clientela fixa, já que eles fazem por um tempo e depois não dão continuidade. A profissional diz ser em decorrência de novos compromissos e responsabilidades a que essa faixa etária está sujeita, como vestibulares, o ingresso na faculdade, bem como novas propostas de emprego. O único meio de divulgação do espaço é realizado pelos próprios praticantes, através de conversas informais, o conhecido "boca a boca".

### **Espaço XVIII**

O espaço encontra-se no bairro central de Rio Claro, próximo à igreja Boa Morte, estando nesse endereço desde o começo do ano de 2002. A sua história iniciou com um profissional que gostava de ler a respeito das cores, sobre energia, passando essas informações para um amigo que acabou idealizando e concretizando a idéia de trabalhar com Cromoterapia. Esse trabalho começou há mais ou menos treze anos, porém em um outro endereço, no bairro Copacabana. A casa utilizada era propriedade do idealizador, e também coordenador do projeto.

Para tanto, foi montada uma equipe inicial cujos integrantes passaram dois anos estudando e se especializando para depois poder atender ao público. Diante disso, as pessoas que compunham o grupo fizeram cursos, leituras em conjunto, leituras individuais e aplicações. Segundo a informante, os próprios membros do

---

<sup>9</sup> Expressão mencionada pela profissional, 2002.

grupo ajudavam com uma determinada quantia todo mês para arcar com as despesas.

Naquele momento, haviam se formado dois grupos, um que atuava à tarde e um outro à noite, sendo que os tratamentos eram realizados sempre às quartas-feiras e os estudos às segundas-feiras. Assim, durante um pouco mais de dez anos, os tratamentos foram efetuados nesse endereço, sob a direção do dono do imóvel. Por motivos particulares, o lugar teve de ser desocupado, deixando o grupo sem um local definido para continuar o trabalho.

Em vista disso, uma Fisioterapeuta conhecedora do trabalho que estava sendo desenvolvido ofereceu uma parte da clínica que, na ocasião, estava desocupada. O local, também situado no bairro Copacabana, oferecia um amplo espaço, só poderia ser utilizado durante um ano, onde funcionou durante todo ano de 2001. A mesma Fisioterapeuta chegou a oferecer um outro imóvel para continuar o projeto, mas esse apresentava-se com poucas condições de segurança.

Nessa época, os profissionais que compunham o grupo da noite se dispersaram, encerrando definitivamente suas atividades. Portanto, daquele antigo grupo inicial, somente duas profissionais continuaram, sendo que uma era a coordenadora do grupo da manhã. De acordo com informações obtidas no local, a saída de alguns profissionais foi em virtude de trabalho, bem como pela própria mudança de cidade. Entretanto, outros profissionais, que não estão desde o início, mas que participam há vários anos do projeto, compoem um grupo consideravelmente conciso e entrosado.

O atual grupo, então, está composto por sete profissionais de diferentes ocupações, alguns integrantes de outros espaços que oferecem práticas corporais alternativas. São eles: Professoras, Donas de Casa, Psicóloga, Massagista, Terapeuta Prânico, Reikinianas, Terapeuta de Aromaterapia, Cromoterapia e Ortomolecular, sendo em sua maioria mulheres, além de outras três agregadas que já receberam o tratamento e hoje se dispuseram a ajudar. Assim, uma delas, denominada Suplemente, fica encarregada de abrir e fechar o portão; outra fica na mesa de entrada organizando as fichas, e uma terceira cuida da parte dos livros, da pequena biblioteca, sendo que as duas últimas são chamadas de Bibliotecárias, como relatou a informante.

Os profissionais que atuam neste projeto não recebem nenhum tipo de donativos ou arrecadação. Aliás, eles mesmos contribuem com uma determinada quantia todo mês para a compra de novos materiais, água, copos descartáveis, entre outros gastos.

No início do ano de 2002, o filho de uma das profissionais comprou uma casa, no centro da cidade, próximo à igreja Boa Morte, e cedeu uma parte do imóvel para a continuação do trabalho. O espaço cedido corresponde aos fundos de uma casa, ou seja, um imóvel à parte que foi construído pelo antigo dono. Portanto, tem uma entrada própria que independe da casa da frente.

No lugar onde se aplica Cromoterapia, existe um pequeno portão de entrada que dá acesso a um corredor aberto. Seguindo nele, logo há uma porta que leva à sala de entrada, mobiliada com uma mesa, cadeira e, ao lado, uma prateleira com livros em exposição, que ficam à disposição para serem retirados e lidos em casa pelo público. No ambiente ao lado, que não tem divisões, fica a sala de espera, ou a primeira sala em que se inicia o tratamento. De acordo com a informante, nessa sala são realizadas rezas, explicações sobre o tratamento, como será feito, o que é Cromoterapia, de modo que o tratamento começa a ser apresentado e vivenciado por todos já nesse ambiente. Por ser também um momento de oração, que revela o caráter sagrado da prática efetuada, a informante afirmou que no espaço não há qualquer restrição ou resistência a respeito de diferentes crenças, visto que todas as religiões são bem-vindas. Nessa sala inicial há uma porta que leva a uma outra sala de maiores dimensões, dividida por um biombo de madeira, separando-a em dois ambientes. O primeiro é mobiliado com uma cadeira, onde a pessoa recebe aplicação de Cromoterapia, e um móvel de madeira, utilizado para guardar o material necessário. No segundo ambiente, existe u'a maca utilizada para receber aplicação. Ao retornar para a sala de entrada, existe um pequeno corredor que leva a duas portas. A primeira é a cozinha, que foi adaptada para receber as pessoas, de modo a ser utilizada para uma conversa inicial ou entrevista. Seguindo em frente, há um corredor estreito que leva a um pequeno espaço, com apenas uma cadeira, onde também são realizadas entrevistas. No final desse corredor, existe uma porta que dá acesso a uma área aberta acimentada, que leva a um portão com passagem para um terreno arborizado, nos fundos da casa. A segunda porta, tendo como referência a sala de entrada,

leva a um banheiro de uso coletivo. Portanto, o imóvel apresenta uma sala de entrada, em que é feito o cadastro das pessoas e a retirada de livros, duas salas de tratamento, um banheiro, uma cozinha utilizada para uma conversa inicial e um pequeno espaço também ocupado para a mesma função.

No que se refere à conversa inicial, ela é efetuada somente por alguns profissionais do espaço, já que a informante diz exigir muito conhecimento e experiência, para preencher a ficha de tratamento que será efetuado no paciente. Além de ser extremamente particular, a entrevista é realizada entre o profissional e o paciente, em um local reservado.

O tratamento normalmente tem duração de dois meses, sendo que em casos especiais, como o de uma doença terminal, estende-se por tempo indeterminado. Com relação ao tratamento prescrito, a informante afirmou ser específico para cada paciente, portanto não existem duas fichas iguais. Dessa forma, existe um tratamento básico de que todos participam, realizado na sala de espera, com a presença e a participação de todos. Em um segundo momento, as aplicações são realizadas individualmente, seguindo as instruções particulares descritas nas fichas de cada paciente. Em casos extremos, o grupo vai à própria casa da pessoa para realizar o tratamento. Além do tratamento realizado no espaço, os profissionais orientam os pacientes para uma manutenção fora dele, de maneira que explicações a respeito da respiração, postura ou mesmo exercícios a serem feitos em casa fazem parte de uma mudança interior para refletir no exterior do paciente, e, assim, auxiliar no tratamento.

Quanto à clientela do espaço, a informante diz ser composta por indivíduos que apresentam estresse, algum tipo de problema relacionado com a saúde física, mental ou espiritual. Porém, pessoas portadoras de câncer, AIDS, crianças, bem como outros pacientes que estão em estado terminal de alguma doença têm prioridade sobre os demais, ou seja, não precisam ficar na lista de espera. Portanto, o espaço tem as portas abertas para todos, mas, em decorrência da grande procura, é necessário deixar o nome em uma lista e aguardar, pois somente nos casos relatados acima que essa regra não se aplica. O espaço não faz nenhum tipo de divulgação escrita (panfletos, cartazes ou pela Internet), sendo o único meio de divulgação realizado pelos próprios pacientes.

A reunião dos dados coletados nas visitas aos espaços apresentou um possível critério de organização desse universo. Assim, optou-se como critério de ordenação, pelo o número de profissionais e de práticas em cada espaço, visto que contempla características comuns a todos, mostrando-se o mais apropriado para o objetivo deste estudo. Porém, os arranjos de saberes e práticas dos profissionais são muito criativos e originais, permitindo que cada um fosse um caso particular, e o critério aqui escolhido não tem a intenção de ignorar suas peculiaridades. Além disso, o material coletado nos permite outras classificações, como: clínico/místico, tradicionais/emergentes, equipe/individual, classificar apenas pelo número de práticas ou pela estrutura oferecida (número de salas, secretária, banheiros, sala de espera), entre outros. Em vista disso, apresento a seguir o quadro com a ordenação escolhida:

<p><b>GRUPO A</b> - Vários Profissionais e Várias Práticas com ênfase comercial</p> <p>Espaço I Espaço II</p>
<p><b>GRUPO B</b> - Vários Profissionais e Várias Práticas sem ênfase comercial</p> <p>Espaço III Espaço IV Espaço V Espaço VI Espaço VII Espaço VIII Espaço IX Espaço X</p>
<p><b>GRUPO C</b> – Vários Profissionais e uma prática com perfil empresarial – "franchising"</p> <p>Espaço XI</p>
<p><b>GRUPO D</b> – Um Profissional e Várias Práticas</p> <p>Espaço XII Espaço XIII Espaço XIV Espaço XV Espaço XVI</p>
<p><b>GRUPO E</b> – Um Profissional e Uma Prática</p> <p>Espaço XVII</p>
<p><b>GRUPO F</b> – Trabalho Voluntariado Coletivo</p> <p>Espaço XVIII</p>

Quadro I – Ordem de classificação dos espaços analisados.

## **Outros Espaços e Eventos Alternativos em Rio Claro**

Os espaços e eventos descritos a seguir não foram incluídos no critério de classificação dos grupos, pois não passaram pelo mesmo processo de análise e entrevista. Como não havia informações suficientes para que eles pudessem ser inseridos na ordenação anterior, considero importante relatá-los para ilustrar alguns passos da pesquisa de campo, mesmo que não aprofundadas.

### **Espaço X**

A academia encontrava-se no bairro central da cidade, e funcionava em uma casa. No final de 2001, ao visitar o local, encontrei uma placa anunciando a venda. Ao ligar para o número do telefone divulgado no “folder”, ninguém atendeu. Procurei na lista telefônica da cidade, mas não encontrei nenhuma informação. Depois de passados oito meses, tentei novamente o número de telefone, onde se encontra uma loja de informática, que não tem informações a respeito da Academia. Uma nova busca na lista telefônica de 2002 e 2003 foi sem sucesso, já que não encontrei nenhum dado. As práticas oferecidas pelo espaço, de acordo com o antigo “folder”, eram: Dança do Ventre, Lian Gong, Terapia Corporal para senhoras e Flamenco.

### **Espaço Y**

Localiza-se no bairro central, na área comercial de Rio Claro. O espaço volta sua atenção para a venda de produtos orientais como, incensos, aromas, objetos decorativos, bijuterias, roupas indianas, CDs, livros, entre outros, revelando uma diversidade de produtos na linha alternativa. O estabelecimento, com proporções consideráveis em relação a outras lojas que vendem produtos esotéricos na cidade, caracteriza-se pela diversidade de produtos comercializados. Além da parte comercial o espaço oferece cursos, que são ministrados mensalmente nos fins de semana, pela própria proprietária do local.

De acordo com informações obtidas com a sócia da loja, os conhecimentos da profissional provêm do seu convívio no universo esotérico, de modo a não precisar se especializar ou fazer cursos. Assim, cursos de Wica e Regressão (Alfagenia) foram oferecidos em um final de semana pela profissional, no ano de 2001, além de atender para leitura de cartas do Tarô. Tais cursos, dependem da

procura para serem realizados. O espaço não possui nenhum tipo de informação via Internet.

Como o espaço se apresentou somente comercial, ou seja, não havia um local próprio para a realização de práticas, mesmo porque as práticas somente são oferecidas, caso tenha procura de seus compradores, ele foi descartado.

Merecem menção também outros lugares que não foram relatados, mas que atuam no cenário alternativo. O Encontro de Ufólogos e Místicos, realizado em Rio Claro, no mês de julho de 2002, na antiga Estação Ferroviária da cidade, mostrou a vastidão desse universo. Assim, por meio de cartões e folhetos recolhidos na feira, bem como informações obtidas no local, foram catalogados novos espaços e profissionais na linha alternativa. Descrevo as especialidades, o número de profissionais e os espaços encontrados, que ilustram, antes de mais nada, a expansão desse campo:

O espaço oferece diversas atividades, como mostra o folheto de 2002: Terapias Naturais, Consultoria em Radiestesia e Feng Shui, encontra-se na área central da cidade, possui atendimentos nas áreas de Cromoterapia, Terapia Floral e Fitoterapia, Reflexologia, Massagem Integrativa, Reiki, Tarô Cigano, Radiestesia, Feng-Shui, Auriculopuntura, Numerologia, Shiatsu, Do-In, Massagem Circulatória. Os cursos oferecidos são: Cromoterapia, Massagem Integrativa, Dança do Ventre, Florais, Ioga, Reiki, Magnified Healing, Radiestesia, Feng-Shui, Numerologia e Pintura. No anúncio, é mencionado somente uma Terapeuta responsável, bem como o número do seu CRT;

Em um outro cartão de 2002, consta o nome da profissional e suas especialidades, Reiki e Tarô para o auto-conhecimento, localizado no centro de Rio Claro;

O espaço que oferece Massagem Rítmica Harmonizadora conta com uma profissional, como descrito no cartão, 2002. A “[...] massagem envolve alma, corpo e espírito”;

Renascimento “[...] é uma técnica de respiração plena e consciente, que nos leva ao auto-conhecimento, à expansão da consciência e à tomada de poder, por liberar memórias traumáticas de experiências passadas”<sup>10</sup>. Além do

---

<sup>10</sup> Folheto, 2002.

esclarecimento sobre a prática, no anúncio vem descrito o nome da profissional e o telefone;

Em um outro folheto de 2002, consta o nome da profissional, sua especialidade, Reiki Master, e três números de telefones, sendo dois de Rio Claro e um de São Paulo, bem como uma frase: “Ultrapassado o tempo, tudo o que nos resta é agora”.

A feira, que tinha em sua programação vários tipos de eventos como, apresentação de danças, palestras, filmes, oficinas e show instrumental, contava com algumas tendas que abrigavam vários espaços alternativos, onde alguns vendiam produtos, outros davam atendimentos e aplicações, outros simplesmente divulgavam seu trabalho. O evento, que teve o apoio da prefeitura de Rio Claro, revelou o espaço conquistado pela área. O evento também contribuiu para identificar cinco novos espaços ou profissionais que atuam no universo alternativo da cidade, revelando um campo em crescimento e flutuante, cujos limites e barreiras dependem somente do mercado consumidor. Assim, uma descrição exaustiva se mostra impraticável.

### **Atividades Alternativas na Universidade**

As atividades alternativas, realizadas fora do universo alternativo, oferecidas por professores da Universidade, especificamente no meio acadêmico, também não participaram da ordenação dos espaços pelo fato de não serem a atividade profissional desses professores, ou seja, eles apenas trabalham com tais práticas, complementando seus estudos e atividades científicas. Portanto, não são profissionais alternativos, não fazendo parte do universo da análise do processo de formação profissional.

No meio acadêmico, a linguagem alternativa também vem ganhando espaço, visto que, na Universidade Estadual Paulista em Rio Claro o curso de Educação Física oferece uma disciplina, além de cursos de extensão, mini-cursos, oficinas, palestras sobre o tema, ministrados pelos próprios professores do Departamento ou convidados do meio alternativo. Além dessas atividades, a pós-graduação tem uma linha de pesquisa intitulada “Práticas Corporais Alternativas”. No entanto, alguns professores apenas se utilizam de outros saberes, vamos chamar de alternativos, bem como se apropriam de algumas práticas como complemento de

seus estudos e atividades acadêmicas, ou seja, o objetivo não é se tornarem profissionais alternativos. Assim, para melhor ilustrar cursos e projetos de extensão da Universidade inseridos em uma visão holística, descrevo duas atividades, que foram promovidas pela instituição no primeiro semestre de 2002 e oferecidas tanto para a comunidade de Rio Claro quanto para estudantes e funcionários da própria Universidade.

### **Atividades Alternativas I**

Projeto de extensão desenvolvido pelo Departamento de Educação Física da Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro, coordenado por um Prof. Dr. do Departamento de Educação Física, formado na área. Os encontros aconteciam uma vez por semana, durante mais ou menos duas horas. O local utilizado para as práticas era a sala de judô, localizada atrás do Departamento de Educação Física e do Ginásio de Esportes da Universidade. A sala, com janelas em toda sua extensão, tem um quadro negro no seu final, ventiladores em suas laterais e um piso de tatame, próprio para quedas.

Durante as aulas, o professor se utilizava de vários instrumentos, como um aparelho de som, colchonetes, bambus, bolinhas de tênis, de meia, de gude, bem como uma moldura de um esqueleto do corpo humano para melhor ilustrar as suas explicações durante as aulas. Tais informações fazem parte de uma observação pessoal, já que freqüentei as aulas durante cinco semanas, no primeiro semestre do ano de 2002.

De acordo com os alunos que freqüentaram todo o curso, as aulas se voltavam para o desenvolvimento da criatividade, expressão corporal, o movimento, a sintonia com seu corpo, mente, as barreiras a serem transpostas o envolvimento com a dança, com a música, consigo mesma. A linguagem utilizada durante as aulas se valia de uma visão acadêmica, expressa por nomes científicos, como membros, ossos do corpo e musculatura. Porém, dentro dessa linguagem, comparecia o discurso alternativo valorizando uma visão holística, de energia, de libertação, de corações, etc. A linguagem alternativa não estava presente apenas nos momentos de atividades, mas também escrita em cartazes informativos do projeto, como exemplo, o termo “investimento”, palavra muito comum no universo alternativo, utilizada em substituição à taxa de inscrição.

A clientela se caracterizava por estudantes da própria universidade, pessoas da comunidade interessadas na linha alternativa, profissionais de outros espaços alternativos, bem como professores do Departamento ligados a essa linha de pesquisa.

## **Atividades Alternativas II**

Curso de Extensão Universitária oferecido no final do primeiro semestre de 2002, contou com uma profissional de São Paulo. O cartaz colocado em diversos pontos de divulgação dentro da Universidade Estadual Paulista campus de Rio Claro continha as seguintes descrições: O título do curso, a focalizadora, o período (dois finais de semana), o material necessário, o “investimento”, a data de inscrição (realizado na Seção de Graduação da Universidade) e o apoio de um laboratório do Departamento de Educação Física desse campus.

A análise se limitou a apresentar expressões de uma instituição, localizada na cidade de Rio Claro; no entanto, outras instituições de ensino superior já vem oferecendo disciplinas que, juntamente com o conteúdo acadêmico, desenvolvem uma linguagem alternativa. Tais informações foram extraídas de alguns “sites” de faculdades particulares, onde constam na grade curricular, bem como relatos de colegas que ministram aulas dessas disciplinas no ensino superior.

Além desses, considero importante relatar outros eventos que aconteceram dentro da Universidade, evidenciando a expressão do universo alternativo, mas que não estavam ligados ao curso de Educação Física. Como exemplo, descrevo duas atividades que estavam na programação da XIII Semana de Estudos da Ecologia, realizada no segundo semestre de 2002 na Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro. Uma atividade foi o mini-curso de Ioga, com duração de quatro horas, e a outra, uma palestra sobre Acupuntura: História e Tratamento da Dor.

## **Observações Gerais**

Ao fim dessa descrição, quero lembrar que o universo alternativo não se limita ao interior dos espaços com práticas, terapias, cursos, palestras. As suas formas de linguagem também se expressam em ambientes abertos, como: praças; chácaras; vivências em contato com a natureza; nas residências, por meio de livros, revistas, emissora de rádio, decoração, alimentação; na

programação da TV, com reportagens e documentários; nos supermercados, na venda de produtos integrais, de frutas e verduras sem adição de produtos químicos; no aumento pela procura de médicos homeopatas, no crescimento de farmácias de manipulação; enfim, uma diversidade de possibilidades que já se constituem hábitos, construídos principalmente pela classe média.

Durante as entrevistas com os profissionais dos espaços visitados, percebi a tensão existente no universo das práticas corporais alternativas e sobretudo, nos freqüentes relatos a respeito do charlatanismo a que a área está exposta. A maior parte das queixas estavam direcionadas para a falta de seriedade e controle do campo profissional. Via de regra, as reclamações voltavam-se para o fato de qualquer pessoa poder fazer um curso no final de semana e no dia seguinte abrir um espaço para atender. Porém, um outro discurso também me chamou a atenção, já que alguns profissionais criticavam os seus concorrentes, de modo a super-valorizar o seu conhecimento naquele assunto, bem como a prática que oferecem. Algumas vezes o informante deixava explícito no seu discurso, que o resultado só seria positivo se aplicado por ele, enfatizando que, além do conhecimento teórico e prático, existe a importante questão da vocação natural. Essa não se aprenderia em cursos ou palestras, mas se nasceria com esse “dom”.

Enfim, fica evidente a impossibilidade de esgotar os espaços ou serviços oferecidos dentro do universo das práticas corporais alternativas, já que esse oscila a todo momento. Os profissionais que atuam nesse contexto sempre estão se especializando em outras práticas, deparando-se com novas vivências ou mesmo transitando entre os espaços. Assim, combinar algumas práticas corporais ou valorizar somente uma são características introduzidas que dão formas inacabadas ao universo alternativo, expressando a versatilidade da área em agrupar diferentes vivências, olhares e linguagens.

Sob esse enfoque, a estabilidade e a credibilidade da área se constroem em moldes diferentes dos alicerces ideológicos modernos e acadêmicos. Entre os alternativos, o movimento se encontra na liberdade de criar uma linguagem corporal própria, que pode estar buscando saúde, e/ou espiritualidade, e/ou autocura, bem como o cruzamento entre eles. Portanto, o mapeamento desses espaços, a participação em palestras, eventos, as conversas informais e contatos

realizados durante essa trajetória serviram para me mostrar a riqueza de um universo criativo, pouco explorado e em expansão.

### **CAPÍTULO III: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Na descrição dos espaços que ofereciam práticas corporais alternativas de Rio Claro, apresentado no capítulo anterior, foi evidenciada a dinâmica e estrutura de organização geral, além de sugerir um critério de classificação por grupos. A menção à uma ordem para os espaços, já apresentada no quadro, proporcionou um novo modo de organizar vários profissionais em uma mesma categoria. Para aprofundar dados relativos à construção da profissão no universo alternativo, foi selecionado um representante de cada grupo para participar da entrevista. Apesar de manter traços comuns com o grupo, não foram descartadas individualidades e diferenças de cada profissional no interior de cada grupo, mas justamente por serem originais e inovadores teriam que ser evidenciados como um caso único, o que se mostra impraticável, além de não ser o objetivo do estudo. Cabe ainda registrar informações coletadas nas visitas aos espaços, bem como depoimentos que sugeriram pistas da trajetória de construção da profissão do alternativo, de forma a serem incorporadas na análise.

Assim, aproveito esse primeiro momento para pontuar algumas informações extraídas na coleta da descrição dos espaços. A busca individual desencadeada por uma crise, doença ou problemas familiares esteve bastante presente nos relatos, bem como a curiosidade ao novo, à novas experimentações, que na maioria dos casos estava relacionada a saúde e/ou religião. Ou seja, conforme afirmaram, a pessoa teve algum problema de saúde, foi em vários médicos, fez diversos exames, tomou diferentes remédios e depois de ter quase saturado os meios convencionais de tratamento vai em busca das práticas ou terapias alternativas. Com relação à parte espiritual, muitas vezes a pessoa não

encontra respostas suficientes para suas indagações, nas orientações de vida tradicionais. Estudos como o de Martins (1999) e Amaral (2000) evidenciam esses aspectos de insatisfações religiosas e uma descrença na medicina tradicional. Assim, um olhar mais global do ser humano que envolve a mente, o físico e o espiritual, bem como conhecimento do seu corpo através de uma linguagem centrada nas necessidades individuais, são motivações apresentadas em outros estudos e que se mostram presentes nesse primeiro momento da coleta de dados. Porém, é importante mencionar que outras experiências que não ligadas a problemas de saúde e/ou uma insatisfação religiosa, como o simples fato de conhecer a prática por meio de uma amiga, por exemplo, também aparece nos relatos, e a partir dessa experiência positiva a pessoa continuou a freqüentar as aulas e depois com a prática e estudos passou a ensinar. Além desses, considero relevante citar, mesmo que em minoria, a valorização do curso superior como forma de mostrar continuidade e coerência na opção pelo universo alternativo como profissão. Como exemplo, menciono a Terapeuta Floral formada em Artes Plásticas que descreve ter despertado seu interesse durante o curso, por meio da história de vida dos artistas, a qual fez algumas pesquisas nessa linha e o Massoterapeuta Ayurvédico que conta que o fato de ter estudado os grupos e os movimentos sociais, durante o curso de Ciências Sociais, o motivou para observar as interações sociais e se aproximar do universo.

A trajetória profissional é um dado expressivo nesse primeiro levantamento, pois todos os profissionais relataram adicionar outros conhecimentos e saberes, complementando sua formação, de forma a criar suas próprias linguagens dentro do universo alternativo. Esse processo se deu por diversos meios: leituras, vivência prática, novas experimentações religiosas, realização de cursos e/ou especializações, participação em palestras e/ou eventos, troca de informações com outros profissionais, sendo que para cada profissional esses elementos, que podem estar agrupados ou não, ganham formas diferentes. Essa quebra de fronteiras, por meio do "entrecruzamento de domínios" antes definidos separadamente pela ciência é apontada por Jane Russo (1993) como característica marcante dos alternativos por ela estudados. Uma reorganização das relações entre o presente e passado, como descreve Moreira (1997), pois a pós-modernidade engloba outros conhecimentos, além do científico. Além disso,

tais aspectos também atendem características da pós-modernidade, como busca de individualidades e uma visão mais global do ser humano, fatores ignorados pela ciência moderna (ROSENEAU, 1992).

A visão global, composta do espiritual, físico e psíquico, aparece associada à estética no espaço II, onde todas as atividades oferecidas estão vinculadas à visão holística, até mesmo a depilação, que segundo a proprietária proporciona um tratamento diferenciado para os clientes. Embora a quantidade de locais que englobem serviços estéticos e práticas corporais alternativas, não seja significativo nessa amostra, em vários discursos a utilização do termo estético já vem sendo introduzido como uma consequência positiva de determinadas práticas: Massagem, loga, Dança do Ventre.

Uma outra informação também pouco expressiva, porém não menos importante, é a busca de especialização em uma mesma linha, no caso loga. Assim, tanto a profissional que ministra aulas de Swasthya Yôga, prática oferecida somente por espaços credenciados da Rede que tem um padrão imposto para todas filiais, tendo como exigência um constante aperfeiçoamento e uma avaliação anual do profissional, como para a professora de loga que há nove anos dá aulas e há onze pratica, somando um total de vinte anos de experiência, fazem parte desse processo de somatória de conhecimentos. Seguindo esse raciocínio, podemos classificar a existência de duas trajetórias profissionais no universo alternativo: a criacionista<sup>11</sup>, que combina várias práticas e saberes, criando sua própria identidade profissional e a especialista que apesar de se definir por uma única prática também pode congrega saberes de origens diferentes, como a ciência, o tradicional, o religioso, entre outros.

Sob o enfoque das escolhas profissionais, Berger & Luckmann (1976) apresentam a socialização secundária motivada por representações bem sucedidas e que tragam legitimações de natureza compensatória. Assim, a advogada e também terapeuta holística que exerce os dois cargos no mesmo local, porém em salas diferentes, e que afirma conciliar as práticas corporais alternativas à ciência é um exemplo dessa autonomia alternativa.

---

<sup>11</sup> Estou me valendo dessas duas expressões, criacionista e especialista, para caracterizar a composição evidentemente criativa dos profissionais alternativos nas suas montagens de práticas, saberes e técnicas.

Tavares (1998) descreve em seu estudo a mudança de estilo esotérico para terapêutico como consequência da crise econômica da década de 80, de modo a dividir salas, bem como a possibilidade do atendimento ser efetuado na casa do paciente/cliente ou do profissional. Nos espaços visitados em Rio Claro, tais características se mostram presentes, já que a maioria deles possui aspectos clínicos, próprios de locais voltados para a saúde, bem como uma linguagem muito próxima da científica, por meio de termos fisiológicos. Além de uma preocupação, nos depoimentos, em mostrar uma formação superior na área da saúde e ser associada a um sindicato. A menção de termos científicos também é descrita por Tavares (1998) quando sugere um provável encaminhamento profissional, ao constatar um distanciamento das práticas terapêuticas do universo religioso, assim como uma apropriação de uma auto-definição, Terapeuta Floral, por exemplo. Espaços que apresentam aspectos místicos foram encontrados em menor número, nessa classificação, visto que apenas dois se mostraram com essas características, sendo que um é comercial e o outro une aspectos espirituais com místicos. Existem outros espaços que são mais discretos na utilização de enfeites místicos, apenas para dar um toque sutil na decoração. Além destes, como se viu, outros espaços apresentam características peculiares de academias de dança. Enfim, uma síntese dos espaços não expressa com veracidade as características e nuances de cada um, no entanto, uma visão geral aponta para a predominância de aspectos clínicos e uma preocupação em conciliar conhecimentos alternativos com científicos, como mostram outros autores, Tavares (1998) e Martins (1999).

Quanto à clientela que busca os serviços alternativos, Magnani (2000) ao traçar o perfil dos frequentadores da cidade de São Paulo, verifica indivíduos com alto grau de escolaridade. Esse perfil também é constatado na cidade de Rio Claro, onde os dados mostram uma população composta em sua grande maioria por mulheres, que trabalham fora e com escolaridade elevada. Além destes, dados revelam uma procura significativa de pessoas que buscam por tratamentos alternativos devido problemas de saúde, bem como terapias alternativas para aliviar o estresse diário, as quais já tentaram outros métodos convencionais e não tiveram a resposta esperada. No entanto, a procura por jovens universitários, profissionais liberais, donas de casa, manicures se mostra expressiva, o que

denota uma pequena abertura do universo alternativo para outras classes sociais que antes não tinham acesso. Essa maior facilidade de transitar pelo universo alternativo, pode estar vinculada a diversidade de serviços oferecidos no mercado, atualmente. Já que o processo profissionalizante permite cursos com duração de algumas horas até cursos de vários anos, essa variabilidade também é repassada no preço, para quem consome esses serviços, relatam os profissionais. Conforme o investimento despendido na reciclagem durante a trajetória profissional, bem como a experiência profissional, os custos se elevam ou baixam. Como consequência dessa ampliação dos serviços oferecidos surgem acirramento da competição com classificação de profissionais com formação insuficiente e prática irresponsável. A seriedade profissional é discutida por Tavares (1998), em seu estudo, onde pontua conflitos e críticas mútuas, bem como pessoas que prometem a cura rápida e ganham muito dinheiro com isso. No entanto, essa discussão gera outros questionamentos como briga de mercado, status e autonomia profissional. Bonelli (1999) ilustra bem a questão do status profissional, ao estudar grupos detentores de conhecimento, que conquistaram prestígio e legitimidade social sem pertencer ao rol de especialistas com base no corpo de conhecimento científico, a qual verifica que o mérito profissional está relacionado à quantidade de especializações que possui. Além disto, é importante frisar que a experiência profissional, a prática, é valorizada tanto internamente, pelos próprios profissionais, quanto externamente para quem busca pelos serviços alternativos.

Vale a pena mencionar o uso freqüente de alguns termos usados pelos profissionais, como clientela diversificada, pessoas esclarecidas, estudantes universitários, profissionais liberais, no sentido de super-valorizar a condição social desses freqüentadores, conferindo de certa forma status ao profissional. Essa observação, extraída de algumas visitas aos espaços, a qual verifiquei, de modo assistemático, a procura, principalmente por cursos, de pessoas com baixo grau de escolaridade, donas de casa, manicures, cabelereiras. Porém, quando era perguntado para o profissional a respeito da sua clientela, não era mencionado esse perfil.

Nessa análise dos espaços, observo outro dado relevante, a distribuição geográfica dentro do espaço urbano de Rio Claro. Atualmente, a maioria se

concentra em bairros nobres e de classe média alta. No entanto, grande parte desses espaços estavam localizados na região central da cidade, os quais migraram para regiões mais afastadas. Esse deslocamento para bairros residenciais pode mostrar uma busca por ambientes mais arborizados, sem trânsito, onde as pessoas tenham facilidade para estacionar e que ofereça tranquilidade, ou seja, lugares calmos e com pouco barulho, coerente com o imaginário alternativo. Uma outra parcela, considerável, se encontra na área central. Porém, também foi notificado dois espaços em bairros residenciais de classe média baixa. Essa distribuição espacial em Rio Claro pode estar expressando uma estratificação social entre eles. O estudo de Magnani (2000) também apresenta uma maior concentração de lugares “neo-esotéricos” em bairros de classe média e média alta em São Paulo.

Enfim, uma análise dos espaços de Rio Claro pontua alguns fatores importantes desse universo, como uma tendência a mercantilização das práticas corporais alternativas associada a uma disputa de mercado, por meio de tentativas de legitimação social, como: utilização de uma linguagem científica, distanciamento do estilo esotérico para o terapêutico, aspectos clínicos no local de trabalho, vestimentas de cores claras, a busca de especializações, integração de vários saberes, vincular a estética como resultado final de atividades alternativas, denotar uma clientela "diferenciada", valorização da condição social dos frequentadores, bem como uma maior concentração dos espaços em bairros nobres. Tais informações fornecem o contexto mais amplo da cidade, onde é construída a profissão dos alternativos. Este aspecto, objetivo desta pesquisa, tem como base de dados as entrevistas.

### ***Perfil do Profissional Alternativo de Rio Claro***

Descrevo, neste momento, os dados relativos ao questionário que foi entregue para as profissionais selecionadas. As questões que foram abordadas: sexo, idade, estado civil, escolaridade, profissão e religião, apontam algumas pistas do perfil do profissional alternativo de Rio Claro. Ao todo, foram selecionados seis profissionais, onde cada um representa um grupo distinto. São todas do sexo feminino, apesar de um profissional, que foi requisitado anteriormente se mostrar inviável, diante de quatro tentativas de contato, durante

três semanas consecutivas sendo, portanto, descartado. Em seu lugar foi selecionada uma profissional do mesmo grupo.

A faixa etária, mais expressiva foi de 40 à 49 anos de idade, compondo metade da amostra, bem como uma de 30 à 39 anos, outra de 60 à 69 anos e uma com mais de 70 anos de idade. A idade adulta das informantes é um dado importante, pois em alguns casos significa a opção por uma segunda socialização secundária. O estado civil segue com a maioria casada, uma solteira e outra divorciada.

Com relação à escolaridade, metade das entrevistadas afirmam ter o terceiro grau completo, sendo que duas delas declaram possuir pós-graduação em nível universitário, as quais disseram buscar informações no corpo de conhecimento científico para introduzir em práticas corporais alternativas. Da outra metade, duas têm o segundo grau completo e uma o primeiro grau incompleto. Um aspecto interessante a ser considerado são os cursos superiores realizados anteriormente da opção de profissional alternativo, como a Terapeuta Holística formada em Educação Física, a Comerciante com duas graduações, Publicidade e Propaganda e Música e a Massoterapeuta que tem formação em Técnica em Contabilidade, conferindo um primeiro momento na socialização secundária, além de evidenciar áreas de conhecimento distantes, sendo apenas uma ligada a saúde. Essas três profissionais, durante a trajetória no universo alternativo, realizaram inúmeras especializações combinando diversos saberes, podendo ser classificadas como criacionista, pois apresentam identidades profissionais peculiares e autênticas. Dentre as profissionais que afirmam ter o segundo grau, uma é professora de Swásthya Yôga que relata ter o grau de docência, etapa de um processo de formação de 12 anos. E a outra é coordenadora de um trabalho voluntário de Cromoterapia, que já fez diversos cursos, participou de grupos de estudos e tem vivência prática de mais de 20 anos. E por fim, a Instrutora de loga que não tem o primeiro grau completo, conta com uma experiência prática de mais de 20 anos, além de buscar novos conhecimentos, relacionados a essa prática, em livros.

Em relação a religião, algumas profissionais se mostram reflexivas no momento de responder esse item, apresentando uma indecisão, "não sei que religião eu sou", citando várias religiões que já haviam procurado. Assim, se

denominam como sendo duas católicas, uma evangélica, uma espírita, uma espiritualista e uma não declarou. Todavia, dentre as que se mostraram indecisas para transcrever sua religião, as católicas não faziam parte, talvez por não se apresentar aberta para outras vivências sagradas, sugerindo apenas como hipótese.

Em suma, a análise do perfil profissional contempla algumas questões interessantes, visto que dentre as entrevistadas apenas uma tem 9 anos de trajetória profissional, todas as outras afirmam ter mais de 10 anos. Nesse sentido, a busca de novos saberes e conhecimentos resgatados de fontes não científicas e científicas, bem como uma visão total do ser, que contemple corpo, mente e espírito são expressões marcantes dessas profissionais que, além de inovar com suas escolhas, criam arranjos originais de trabalho, que marcam desde um espaço especialista em uma prática até profissionais que integram ao seu trabalho a parte espiritual, científica, fonte de saberes milenares advindos do oriente, conhecimentos antigos, populares e indígenas.

Quanto a opção profissional pelas práticas alternativas, os passos preliminares se deram por duas vias de acesso a esse universo, que podem ser enquadradas em problemas de saúde e oportunidade de conhecer essas práticas por meio de pessoas próximas. Dentre as três respostas que estão associadas a problemas de saúde, cada uma apresenta um motivo diferente. Assim, desgaste emocional e físico decorrente do trabalho, a perda de uma pessoa da família aliado a buscas religiosas que admitissem vida após a morte, bem como problemas físicos sérios que a medicina convencional não conseguiu encontrar respostas, são mencionadas como fatores motivantes para se procurar por novas possibilidades. Para melhor contextualizar cada situação, cito alguns trechos de relatos das profissionais, iniciando com a Massoterapeuta que conta ter trabalhado em uma empresa durante 9 anos sem tirar férias:

[...] foi passando o tempo eu tive enxaqueca emocional, dor de cabeça, por causa dessa situação que eu vivi, aí, eu fiz um tratamento com um médico Homeopata [...] eu sai desse trabalho e comecei a fazer Acupuntura com esse médico [...] ele me convidou para trabalhar de secretária dele [...] eu lia todos os livros de Acupuntura, de Fitoterapia, de tudo e perguntava muito pra ele [...] aí,

eu fui fazer um curso de Shiatsu [...] descobri que era isso que eu queria [...] aí, eu fiz mais um curso e mais um, mais um... e foi.

Já a Terapeuta Holística descreve uma busca espiritual em virtude da perda de um ente querido, o que a despertou para um outro olhar do ser humano, como afirma:

[...] sempre fui católica, e, aí, fui descobrindo outras religiões que admitem a vida após a morte [...] fui percebendo que existia um outro jeito de olhar o corpo, de olhar a vida da pessoa [...] foi através dessa busca, do que acontecia depois que a gente morria, e como tratar a doença de uma maneira não tradicional [...] fui descobrindo que existiam outros profissionais que não eram médicos, não pensavam ser médicos, e que podiam trabalhar de uma outra maneira, olhando o ser humano com mais respeito e com mais integridade [...].

E para finalizar, as respostas relacionadas a problemas de saúde, a Comerciante e Iridologista, relata não ter tido respostas positivas da medicina convencional, o que a levou procurar por outros meios:

“[...] embora eu tivesse feito exames e tratamentos em vários médicos [...] a gente não encontrava respostas para esse problema, e foi aí que eu comecei a minha busca, através deste problema que eu comecei a ter contato e conhecimento das Terapias Alternativas”.

Os três depoimentos expressam, então, situações de crise decorrentes de processos ligados a saúde ou buscas pessoais, havendo um distanciamento de suas antigas atividades, delineando um novo perfil profissional. Em outras palavras, embora nesses discursos tivessem presentes momentos de dificuldades, a partir de experiências positivas tidas no universo alternativo, acontece um encaminhamento para uma socialização secundária legitimada por uma vivência particular e apoiada em um campo profissional emergente socialmente. Assim, insatisfações pessoais no trabalho, novas formas de vivenciar e perceber o corpo, indagações sobre o universo sagrado, tratamentos que ofereçam uma visão global do ser humano, são necessidades que emergiram em decorrência de um descontentamento, tanto institucional, religioso e terapêutico, quanto de uma educação corporal contida, dicotomizada, decorrente de uma sociedade marcada culturalmente por um modelo racional. Elementos descritos por pensadores que estudaram o processo civilizador e suas muitas facetas. Como Nobeit Elias (1990) que mostra a nova estrutura social e moderna

carente de um padrão de conduta e hábitos corporais para controlar, vigiar e punir os "não civilizados", instaurando no corpo mecanismos de autocontrole sobre as emoções e desejos. Assim como Foucault (1979) que ressalta mecanismos não explícitos, mas interiorizados e naturalizados por cada um, fincados na cultura e presentes no movimento humano.

O disciplinamento do corpo moderno, tema estudado por Foucault e por outros estudiosos, Vigarello (1995) e Rodrigues (1999) que apresentam diferentes olhares sobre uma lógica social-política-econômica dimensionada no aumento de produção, fazendo do corpo o instrumento de maior apropriação e lucro. As representações interiorizadas no corpo contemplam a superioridade da razão, o controle do corpo físico, bem como os significados morais, culturais e éticos de uma linguagem que secciona para dominar.

A relevância de se contextualizar o corpo e as linguagens de dominação que foram introduzidas e adaptadas ao comportamento humano são fundamentais para compreendermos as contestações críticas da rigidez tecnocrática a modernidade de movimentos das décadas de 60 e 70 no ocidente. O macromovimento pós-sessentista descrito por Carozzi (1999) e Amaral (2000) está muito presente nas falas das informantes. Igualmente, a superação da linguagem dualista, identificada por Albuquerque (2001) como mente x corpo, razão x emoção, e seus privilégios, sendo apontado como uma preocupação do universo estudado, assim como a questão do encantamento oriental e o resgate do pré-moderno, também explorado por essa autora como uma nova forma de resistência ao olhar dicotomizado sobre o corpo.

A outra metade das respostas associadas a oportunidades de conhecer as práticas corporais alternativas através de pessoas próximas apresentam uma regularidade, emergiram da mesma prática, a loga. Das entrevistadas, duas permaneceram somente com a loga, ou seja, desde que tiveram o contato com a prática não se interessaram em conhecer outras atividades do universo alternativo. Exponho um trecho da entrevista da professora de Swásthya Yôga que expressa uma experiência positiva “[...] me apaixonei e fiquei, e, to até hoje, foi assim, amor a primeira vista mesmo”.

Albuquerque (2001) descreve a loga como uma prática clássica, sendo inaugural da contra-cultura, ou seja, uma prática que veio e ficou, diferente de

outras passageiras. A terceira informante, a Cromoterapeuta, relata que a loga abriu o caminho para novas práticas, como Tai-Chi-Chuan, a Macrobiótica, a Cromoterapia, entre outras.

Essa primeira experiência pessoal, e ao mesmo tempo altamente positiva, levou à opção profissional propriamente dita. As justificativas se apresentaram, principalmente, em torno de duas motivações básicas: realização pessoal e beneficiar de alguma forma outras pessoas. Todas as informantes afirmaram ter um contentamento pessoal muito grande em trabalhar no universo alternativo, sendo que três delas se pronunciaram motivadas tanto pela sua vivência, como em ajudar outras pessoas. Assim, descrevo a fala da Terapeuta Holística, visto que contempla outras respostas “[...] as técnicas alternativas ou técnicas holísticas, pra mim, como universo de trabalho, tem a ver com você se conhecer mais e oferecer isso pro seu paciente [...]”.

Essa nova forma de relacionamento, consigo e com os outros, é mostrada por Tavares (1998) em seu estudo sobre a história de vida dos profissionais terapêuticos alternativos, evidenciando experiências e sensações que foram reprimidas pela modernidade e que são valorizadas nesse universo emergente.

Assim, experiências que foram coibidas pelo processo civilizador, como a subjetividade, integra novas formas de "experiência trans-institucional" apresentada por Martins (2000) e que também aparece no discurso da Terapeuta Holística ao agregar elementos religiosos a uma visão de homem no mundo, “[...] pra você entender o que acontece na sua vida, entender o ser como ser humano [...] você tem que entender também a sua posição dentro de um universo [...] pra isso é importante que você tenha fé [...]”.

O destaque na fala da profissional parte de duas observações. A primeira, decorre de um único depoimento que aglutina a opção profissional vinculada a uma busca espiritual, talvez por um processo de legitimação que o campo profissional alternativo esteja passando. E a segunda observação, está relacionada com a formação da profissional, na área da saúde, sugerindo um corpo de conhecimento científico limitado ou que pelo menos não responde a uma visão de corpo, de ser humano, de forma mais completa e total.

Nesse sentido, ao mesmo tempo que o profissional alternativo busca um reconhecimento no mercado de trabalho se apropriando de uma linguagem

científica e saberes milenares, por outro lado as limitações que a ciência apresenta é uma abertura para esses profissionais venderem serviços que atendam à necessidades subjetivas.

Um momento importante na atividade terapêutica alternativa é a primeira conversa com o paciente ou cliente, chamado de anamnese. Neste primeiro estágio, as informantes afirmaram ser realizado uma leitura particular de quem busca pelos serviços, exigindo do profissional uma sensibilidade “especial” associada com outros instrumentos adquiridos na sua trajetória profissional, como: cursos, práticas, especializações... . Entretanto, disseram que esse processo não é tido como acabado, ele depende das respostas, positiva ou negativa, de cada um durante o tratamento. Em outras palavras, a intuição e percepção profissional aliada com sua experiência aparecem nos depoimentos como um possível meio de reconhecimento profissional. Portanto, a questão da competência profissional associada a um chamado muito pessoal, denominado por Tavares (1998) de "poder intuitivo", concebido apenas para uma minoria privilegiada, é apresentado pelas entrevistadas como um diferencial. Estas características apontam para qualidades únicas que aliadas as especializações fazem do profissional alternativo um profissional especial. Assim, a mistura desses elementos confere um certo status que por ser um diferencial, encarece os serviços. A autora também descreve um distanciamento do universo religioso, como um possível encaminhamento de profissão, o que neste sentido se mostra presente apenas na metade dos depoimentos das profissionais denominadas terapêuticas. Já que a Terapeuta Holística associa o seu trabalho a uma visão espiritual e a Cromoterapeuta a uma ação caridosa.

Embora, nos depoimentos a questão da profissão tenha fornecido algumas regularidades, no sentido de ser atribuído as profissionais uma sensibilidade especial e uma necessidade de buscar novos saberes, sugerindo uma classificação grosseira, na medida que as análises são aprofundadas as particularidades evidenciam nuances autênticas.

Assim, cursos e especializações realizados durante a trajetória profissional aparecem sob duas formas: uma busca pessoal que englobe corpo, mente e espírito, e como mais um instrumento de trabalho que será acrescentado ao conhecimento profissional, decorrente de um mercado consumidor que busca por

novas alternativas. Tais elementos podem ser verificados na fala da Comerciante e Iridologista:

[...] no tratamento terapêutico, como coisas associadas, você dificilmente usa uma só, né, na verdade se usa toda uma rede de conhecimentos [...] descartando aquilo que é mais funcional do que não é [...] então, é por isso que a gente sente essa necessidade de tá vendo muita coisa [...] porque conforme a necessidade da pessoa é um tratamento que a gente vai usar [...].

Em síntese, a competência profissional para todas as informantes depende de conhecimentos que complementem sua formação, como: cursos, especializações, leituras, conversas com outros profissionais, uma busca contínua de novos conhecimentos, além do envolvimento emocional do profissional ao seu trabalho, ou seja, gostar daquilo que faz. Para melhor compreender a importância do envolvimento sentimental com o trabalho exercido aponto um trecho da fala da Massoterapeuta que consegue sintetizar a necessidade do vínculo com os demais elementos citados anteriormente, “[...] gostar do que faz em primeiro lugar, amar, eu tenho paixão pela minha profissão, amo o que eu faço”.

Mesmo duas profissionais que afirmaram ser fiéis a uma prática, no caso a loga, e que possuem trajetórias profissionais distintas, onde uma segue formação baseada em técnicas definidas e padronizadas e a outra se apresenta livre para aglutinar em suas aulas leituras, intuição, experiência e criatividade, ressaltaram a relevância de um constante aperfeiçoamento profissional, bem como paixão a primeira vista pela loga.

A questão de fazer o que gosta foi mencionado anteriormente na escolha da atividade profissional alternativa decorrente de experiências pessoais que deram certo, estas motivações foram mencionadas pelas profissionais como continuidade ao processo profissional. Assim, a opção de se especializar em determinadas práticas e/ou técnicas também podem ser discutidas sob o âmbito da socialização secundária, descrita por Berger & Luckmann (1976) como representações bem sucedidas que ofereçam legitimidade e status ao campo de conhecimento.

O discurso de um constante aperfeiçoamento profissional e ter amor no que faz, sugere um certo reconhecimento de autenticidade para a área, além de

resgatar um encantamento esquecido com a disputa de mercado, visto que abrange quesitos de profissões tradicionais, onde o status profissional e a lei da oferta e da procura muitas vezes dimensionam a escolha por determinadas áreas.

A competência profissional no universo alternativo de Rio Claro vem se revelando por meio da capacitação e envolvimento emocional profissional. No entanto, o espaço que trabalha com franquias apresenta um outro perfil perante outros espaços visitados, no sentido de possuir outros critérios de valoração profissional. Deste modo, os profissionais recebem treinamento para vender os produtos e técnicas personalizadas, os quais também passam por constantes reciclagens e avaliações. Com isso, não se denomina místico, holístico e/ou alternativo, pois esses termos podem denotar pouca credibilidade e autenticidade ao método que eles representam, além de ter sido enfatizado pela profissional um distanciamento, tanto de técnicas como dos profissionais pertencentes ao universo alternativo. Diante disto, cito alguns elementos mencionados pela Professora de Swásthya Yôga que considera ser necessário para se tornar um bom profissional:

[...] excelência técnica, carisma é importante, não adianta a pessoa conhecer profundamente a sua área se ela for uma pessoa arrogante, antipática, ela não vai conquistar seus clientes, então ela tem que ter carisma e senso administrativo [...] tudo tem que ser muito bem administrado.

Em outras palavras, o processo profissionalizante neste espaço se dá por meio da reprodução de técnicas e conhecimentos padronizados, se distanciando de alguns aspectos encontrados no universo alternativo. Já que na maioria dos espaços a liberdade para associar outros saberes e técnicas à experiência de vida, indo desde crenças religiosas a populares é uma marca da autenticidade profissional, bem como do reconhecimento de um trabalho diferenciado.

As associações de práticas, técnicas e saberes inventadas pelas profissionais é abordada nos depoimentos como parte de uma necessidade do mercado que busca pelos serviços alternativos. Ou seja, metade das profissionais disseram buscar diferenciar seu trabalho para atender uma clientela cada vez mais exigente e diversificada, bem como procurar se fundamentar em conhecimentos científicos para dar maior credibilidade profissional. No relato da Massoterapeuta fica

evidente essa preocupação: “Se eu explicar o que o médico falou e dar o meu ponto de vista, aumenta a credibilidade, porque é assim..., se você não der segurança o tratamento é bloqueado, ela tem que confiar, se não, não funciona”.

Em seu estudo sobre universo esotérico, Tavares (1998) evidencia uma linguagem cósmica cada vez mais próxima da científica, além de uma experiência prática como forma de legitimar sua profissão. Fatores estes que também foram verificados neste estudo, pois a experiência profissional é mencionada pelas informantes como elemento de destaque para ser um bom profissional, bem como para fazer propaganda do seu trabalho. Neste sentido, a prática é vista de forma positiva tanto entre os profissionais alternativos como para quem procura pelos serviços.

A experiência positiva da aplicação pessoal de uma técnica e/ou prática, também ganha evidência nos relatos, ou seja, validar determinado tratamento ou prática em si próprio proporciona uma certa credibilidade profissional, como se fosse “testado e aprovado”. A linguagem de que funciona porque deu certo em alguém é um meio de validar o incerto, de forma a dar garantias para resultados duvidosos.

O relacionamento com profissionais de diferentes áreas de conhecimento, há quem possa recorrer em caso de dúvida ou imprevistos, é considerado pela Comerciante e Iridologista um importante instrumento para pedir explicações de saberes que não domina: “[...] eu vou atrás de informações, e se eu não consigo através dos profissionais, eu vou atrás de literatura especializada, literaturas que são sérias para poder estar buscando informações que eu preciso”. Como um recurso a mais perante outros profissionais, além de mostrar que tem um bom relacionamento e respeito de profissionais de diferentes áreas.

Outras quatro profissionais também relataram manter contato com outros profissionais da área, se mostrando bem relacionadas e ao mesmo tempo mais independentes, no sentido de possuir uma certa autonomia de buscar informações em fontes seguras, como livros e apostilas. Essa troca constante com outros profissionais, não foi mencionado pela Instrutora de loga que diferentemente das outras entrevistadas disse não ter contato com outros profissionais para buscar informações adicionais, dando ênfase na troca de experiências com seus alunos.

O mestre ou um profissional com muitos anos de experiência prática são figuras importantes no contexto alternativo, por serem evidenciados não como um profissional disputando mercado, mas como uma pessoa que se encontra em uma condição superior, por saber mais que os outros profissionais. Entretanto, essa sabedoria sutilmente sugere uma condição de dependência perante outros profissionais, já que o tempo de prática é o fator determinante dessa relação. Este vínculo pode ser percebido na fala da Comerciante e Iridologista, no sentido de buscar informações com profissionais mais experientes, sendo considerado uma segurança, “[...] sempre peça o respaldo de uma pessoa mais experiente na área, para que se surgir uma novidade que você não saiba controlar ou não saiba identificar, você tem um respaldo de um profissional que já tem experiência”.

Uma outra vertente do emergente campo profissional alternativo a ser considerado é a questão da competição, expressa na fala da Massoterapeuta, “[...] em toda profissão tem, né, essa coisa de um fala mais e o outro segura, acaba tendo esse negócio de inveja”. Ela conta que alguns profissionais da área “seguram” informações ou muitas vezes fornecem dados duvidosos, além da “inveja” que diz estar presente em toda profissão. A existência de um aparente trânsito livre para trocar informações e conhecimentos dentro do universo alternativo se apresenta nas falas das profissionais como uma disputa interna de mercado.

Esta concorrência também é evidenciada no relato da Terapeuta Holística que se mostra com uma visão negativa, ao se referir ao campo de trabalho em Rio Claro, explicitando um preconceito ainda existente perante essas práticas, principalmente holísticas e espirituais, pontuando alguns fatores. Primeiro, grande quantidade de pessoas de terceira idade que prevalece na cidade, dificultando o entendimento de técnicas inovadoras, visto que são pessoas com doenças já adquiridas. Em segundo, questiona o status profissional obtido por meio da mídia, que diz favorecer alguns profissionais. O fator midiático aparece mencionado apenas uma vez, não sendo considerado pelas outras profissionais como um elemento negativo, talvez pelo fato de estarem há vários anos no mercado e possuírem uma clientela fixa. Por fim, a Terapeuta Holística pontua que em cidades maiores, com mentalidades mais abertas, o mercado se apresenta de forma positiva e emergente.

Contextualizando esta questão, de Rio Claro possuir uma dimensão pequena para um mercado alternativo, a Comerciante e Iridologista evidencia dois aspectos negativos que diz envolver essa discussão. O primeiro está relacionado ao tamanho da cidade, na qual algumas pessoas têm medo de que os especialistas falem para outros profissionais de seus problemas e a partir disto a notícia se espalhe e se torne fofoca, de forma que algumas pessoas chegam a omitir algumas informações, conta a profissional. O segundo aspecto se refere a insegurança das pessoas de se entregarem a profissionais que não tenha título médico, por não ser algo oficializado.

Sob este contexto, possuir um título acadêmico na área da saúde sugere um reconhecimento profissional, uma maior credibilidade, assim como uma maior confiabilidade para quem busca pelos serviços. Tal aspecto pode ser verificado em alguns depoimentos, por meio de preocupação por parte de uma profissional entrevistada, pedindo que fosse apresentado documentos de identificação acadêmica. Além deste caso, durante as conversas algumas profissionais faziam questão de evidenciar seu grau universitário e caso não tivesse falava que estava procurando fazer ou que fez cursos de especialização na área.

Com relação a busca de legitimidade no campo profissional, Venuto (1999) apresenta como necessário utilizar táticas que façam parte de modelos existentes e já valorizados socialmente. Sob esta vertente, o campo profissional alternativo de Rio Claro evidencia fatores avaliados de forma positiva socialmente, como a preocupação em possuir um título de terceiro grau, estar constantemente se especializando, utilizar-se de uma linguagem fundamentada em critérios científicos, entre outros.

A autora também faz um recorte interessante, onde coloca o saber científico no mesmo plano de outros elementos que envolvem o processo profissionalizante, como outras sabedorias e a importância de uma dinâmica social que estruture o corpo de conhecimento em questão. Tal aspecto pode ser verificado neste estudo através de um mercado estabilizado com espaços estruturados há mais de 10 anos e uma clientela permanente.

Retomando os relatos referentes ao campo de trabalho em Rio Claro, porém sob um enfoque positivo, metade das profissionais entrevistadas avaliam de forma afirmativa, já que vêem um crescimento pela procura de tais práticas,

atribuindo a um crescimento do estresse do dia a dia, insatisfação com tratamentos e medicamentos convencionais, bem como uma busca mais saudável de cuidar de si, tanto física, mental e espiritualmente, como conta a Massoterapeuta:

[...] Acho que é um mercado que tende a crescer e não vejo assim..., crise, lógico que tem altos e baixos, como toda profissão tem, tem dia que lota, tem dia que não, tem uns que vai e voltam, mas..., é assim ó, tem cliente que vem, acostuma comigo e não vai com outro, quem vai com a outra não vem comigo, é bem assim. Então, eu acho que é uma coisa que vai crescer muito.

A profissional que não apresentou uma posição sobre o mercado de trabalho, diz não fazer parte dele, já que seu trabalho é voluntariado, frisando em seu discurso “[...] nossa proposta é simplesmente de doação, não recebendo paga nenhuma, em absoluto, mesmo se a pessoa queira doar qualquer coisa nós não aceitamos”.

Tavares (1998) em sua tese sobre a rede terapêutica alternativa no Rio de Janeiro verifica alguns elementos considerados essenciais para consagrar um terapeuta, como um completo desligamento do seu anterior meio de vida, bem como um “poder intuitivo”, tido como fator principal, o qual daria sustentação aos outros saberes que podem ser obtidos através de leituras, conversas com pessoas mais experientes, cursos, especializações, vivências, prática e competência profissional. Neste estudo, a questão de um poder manifestado naturalmente é verbalizado pela Massoterapeuta:

[...] não basta você querer ser terapeuta, tem que ter o dom, é um presente de Deus, costumo dizer que foi o maior presente que Deus me deu, depois da minha família é a minha profissão, sou apaixonada, assim..., é um presente, é dom. Não é querer, não basta eu querer ser terapeuta, não, você tem que ter o dom, você tem que ter consciência do que está fazendo e responsabilidade acima de tudo, não basta falar que eu quero ser porque tá bonito, porque tá na moda [...].

Como conta a profissional, o dom é algo inacessível humanamente, ou seja, não está sob o controle de alguém que queira ser profissional, ele é tido como um presente, algo abençoado, o qual poucas pessoas podem ser privilegiadas. O

dom é qualificado pela informante como elemento norteador da profissão, já que sua obtenção não pode ser adquirida com a vontade pessoal. Assim, um profissional que possui o dom é tido como iluminado, de forma a ter que colocar em prática esse chamado, exercer essa benção. Portanto, o discurso de ser possuidora de um “dom” denota um diferencial para a profissão ao mesmo tempo em que sugere elementos que foram esquecidos com o excesso de especialização nas tradicionais profissões.

Sob este enfoque, alguns profissionais pertencentes ao universo alternativo de Rio Claro, relataram uma mudança radical em seu estilo de vida, em sua rotina, para ir em busca de algo espiritualmente especial e transformador. Tais características vão de encontro aos elementos mencionados por Tavares (1998), ao se referir a uma ruptura com seu anterior modo de vida. No entanto, a utilização de linguagens se mostra muito diversificada, no sentido desse “dom” se apresentar de forma implícita nas falas das entrevistadas, tendo variações para cada profissional, neste sentido a nomenclatura da palavra não era diretamente mencionada. Entretanto, eram sugeridas algumas pistas em seus discursos como, prestação de serviços diferenciados, provocação de sensações inexplicáveis, experimentações de coisas espiritualmente iluminadas, ser possuidor de elementos misteriosos e únicos. Tais fatores sempre declarados por quem recebe, ou seja, os profissionais apenas contam os relatos de seus pacientes. Além destes, também foram mencionados tratamentos tidos como perdidos pela medicina convencional e que tiveram resultados positivos, por meio de tratamentos alternativos, estes sempre associados com uma ajuda de algo inexplicável e sagrado.

Um aspecto interessante a ser apontado é a declaração de cinco informantes quanto a uma postura inquieta, no sentido de se pronunciarem como sendo pessoas naturalmente curiosas, que questionam muito e que vão atrás das coisas. Uma possibilidade de interpretação pode estar associada a competência profissional, ou seja, aquele que vai em busca de seus objetivos, que não fica parada no tempo, sempre buscando por coisas novas, ao mesmo tempo que sempre está refletindo e inovando, modelando um perfil profissional diferenciado.

As articulações realizadas pelas entrevistadas durante a trajetória profissional revela um envolvimento emocional e espiritual que se distância dos padrões já

estabelecidos, como o científico, proporcionando uma abertura para agregar conhecimentos e sabedorias de forma criativa e autêntica. Tais aspectos confirmam a hipótese inicial, de um sistema inovador e aberto que atende as características culturais da pós-modernidade. Além disso, as buscas pessoais também contemplam uma socialização secundária que vai de encontro com legitimações e status pertencentes ao campo de conhecimento em questão.

Por fim, o universo alternativo contempla carências e necessidades corporais que foram suprimidas no tempo, como mecanismos desenvolvidos e adaptados culturalmente, expressos em movimentos corporais mais “civilizados” e produtivos como apresentam Foucault (1979), Vigarello (1995) e Rodrigues (1999). Essa contenção e repressão são expressas neste estudo, como um importante meio de acesso para práticas e/ou técnicas alternativas. Deste modo, muitos relatos exploraram a linguagem corporal como forma a desestabilizar as regras, ou seja, extrapolar conceitos estabelecidos, buscar algo que atenda as suas reais necessidades, vivenciar e sentir o corpo em seu sentido absoluto. Portanto, a visão ocidentalizada de dividir o corpo em partes alerta para uma filosofia limitadora, onde os conceitos e valores precisam ser revistos, pois o universo alternativo nasce de uma necessidade social e seu processo profissionalizante como uma reflexão de modelos tradicionais arcaicos e limitadores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo, que ora se encerra, sobre o universo alternativo de Rio Claro, revela as possibilidades inovadoras, diferentes das tradicionais estabelecidas para o corpo, a religião e a saúde. Desse modo, a construção de novos saberes sobre o corpo, como uma tarefa positiva através da linguagem holística, que englobe o físico, o psicológico e o espiritual, mostra novas formas de expressar a corporeidade. Ao mesmo tempo, esses aspectos são característicos de uma cultura corporal alternativa, que se apresenta como resistência aos saberes e práticas oficiais.

Diante do exposto, pensar em uma visão totalizadora do ser, inspirada em outras culturas, traz consigo valores, tradições e símbolos que são traduzidos, ressignificados à luz da pós-modernidade, de forma a perder e ganhar novos significados em suas diversas maneiras de experimentar e vivenciar este corpo.

A cultura corporal alternativa não se estrutura a partir dos critérios tradicionais e apresenta identidades originais, como a valorização da experiência prática. Assim, o reconhecimento atribuído ao profissional também depende do tempo de prática deste no universo alternativo, visto que neste processo o conhecimento prático assume papel de destaque, tanto entre os profissionais como para quem busca pelos seus cuidados. Aqui cabe destacar o contraste com o campo da Educação Física, que desvaloriza o conhecimento prático e supervaloriza o conhecimento científico. Para isso, esta área construiu um discurso crítico aos práticos, também chamados de leigos, detentores da experiência, mas que não possuem um título acadêmico, alegando restrições e incompetência a

esses profissionais, por falta de um “embasamento científico”. Assim, essa sabedoria prática é basicamente anulada no processo de formação profissional da Educação Física, evidenciando uma tentativa de se aproximar das linguagens oficiais. Em suma, o encaminhamento profissional alternativo mostra-se com um discurso inverso ao processo profissional da Educação Física, pois parte de um reconhecimento prático, para depois buscar subsídios teóricos.

Sob esse raciocínio, o campo profissional alternativo emergente se vale de variáveis distantes da modernidade, como: carisma, prática, subjetividade e envolvimento emocional, revelando tanto características culturais da pós-modernidade, quanto um sistema original e inovador. Muitas vezes, tais elementos vêm agregados e/ou adaptados a saberes antigos e populares, conhecimentos teóricos, novas linguagens culturais, bem como cosmovisões religiosas, como mais um diferenciador do universo, que, ao mesmo tempo em que inova o tradicional, também aponta um encaminhamento para um processo profissional.

No entanto, essa versátil dinâmica profissional também se mostra competitiva no momento em que revela preocupação em buscar subsídios em diversos cursos, em aproximar-se de linguagens científicas, em procurar um diploma na área da saúde, assim como em adequar seu ambiente de trabalho aos aspectos clínicos. Essas variáveis indicam uma disputa interna no universo alternativo, como tendência a uma profissionalização, além de serem também estratégias criadas para aumentar o mercado consumidor.

Assim, o discurso mercadológico revela-se no universo alternativo por meio de novas necessidades de consumo, que envolvem desde técnicas para relaxar o estresse, decorrente de um estilo de vida urbano, até técnicas para aumentar o rendimento no trabalho, além de uma alimentação natural à base de frutas e verduras, sem adição de produtos químicos. Muitas vezes, a obrigação de estar constantemente saudável acaba gerando ansiedades, angústias e insatisfação, sugerindo uma relação de dependência diante das novas "mercadorias alternativas".

Outro aspecto que vale mencionar é a constatação, através do trabalho de campo, de uma penetração das técnicas e práticas alternativas dentro do universo acadêmico, por meio de disciplinas curriculares, cursos, palestras, etc. Estas

aparecem como complemento de uma linguagem corporal limitada pelo discurso científico. Isso se constitui também em necessidade interna dos próprios alunos, que procuram experiências construídas fora do meio escolar, e aplicam em seu ambiente de estudo. Com isso contribuem para uma maior adesão a essas práticas no meio acadêmico. Desse modo, conceitos e valores corporais podem ser repensados e discutidos, em busca de um afrouxamento das repressões e imposições disciplinares da ciência. Enfim, o contato com outros saberes e conhecimentos seria fundamental para o campo da Educação Física, tanto para dar maior mobilidade e abertura na sua concepção corporal, como para pensar na importância da experiência prática, aspecto ignorado na sua busca de legitimação científica. Para tanto, a valorização da prática e também do prático são fatores tão importantes quanto o conhecimento teórico, que muitas vezes não consegue ser aplicado em situações reais.

A circulação de profissionais alternativos no contexto acadêmico também merece menção, já que esses profissionais estão constantemente proferindo palestras, cursos e vivências na Universidade, assim como participando de cursos de extensão que o Departamento de Educação Física oferece à comunidade local. Nesse sentido, aponto o “livre trânsito”, característica do universo alternativo, como uma preocupação em se interar de linguagens oficiais ou científicas, como uma de suas possíveis especializações.

De modo geral este estudo trouxe uma grande riqueza de dados, que sugerem questões a serem exploradas. Dentre elas, aponto a loga, que teve uma ampla aceitação no Ocidente desde os anos 60 e permanece como forte atividade alternativa no mercado, sendo observada nesta análise como a única prática que tantos os profissionais como os praticantes não agregaram a outras em suas trajetórias profissionais, ou seja, é uma prática que tem a fidelidade das profissionais. Por isso, pode ser considerada a mais importante no universo alternativo de Rio Claro, sendo-lhe atribuída um caráter peculiar.

Enfim, ao apresentar essas características do universo alternativo, que surgiram durante o processo de investigação, não se tem a intenção de esgotar o tema e muito menos fechar outras possibilidades de questionamentos, mas espera-se provocar nos leitores inquietações e indagações para novas análises. Assim, encerro esse estudo fazendo uma analogia do processo de pesquisa com

uma plantação de um pequeno agricultor, que precisa preparar e adubar a terra para depois lançar as sementes no solo. Depois do preparo, a semente depende de fatores naturais para se desenvolver, crescer e dar bons resultados. Nesse momento, comparo minhas inquietações com uma pequena plantação, com a qual tive que ter muito cuidado no preparo da terra, estudar o melhor método, verificar os procedimentos adequados para determinado universo, pois, depois que a semente é lançada, ou seja, no momento em que vamos para campo, dependemos da paciência, dedicação e gentileza das pessoas envolvidas no processo, visto que as informações só podem ser colhidas com a ajuda, a boa vontade e a colaboração de todos. E os resultados positivos só podem ser obtidos com esforço mútuo, tanto de quem semeou quanto do meio, da população analisada. Por fim, uma pesquisa só é bem desenvolvida, só colhe bons frutos quando lança novas sementes, quero dizer, quando estimula outras discussões e/ou novas pesquisas.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, P.. Pesquisa em Ciências Sociais. In: HIRANO, S. (Org.). **Pesquisa Social: projeto e planejamento**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987, p. 21-88.

ALVES FILHO, F.; TARANTINO, M.. Esforço pela Saúde. **Revista ISTO É**: Publicado no dia 24 de outubro de 2001.

ALBUQUERQUE, L. M. de . Revista Planeta: imagens do corpo, imagens da alma, 1998. **Trabalho apresentado na VIII sobre Alternativas Religiosas na América Latina**, São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. Orientalização e novas gestões do corpo. **XXIII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, Caxambu, 1999.

\_\_\_\_\_. As invenções do corpo: Modernidade e Contramodernidade. **MOTRIZ**, V. 7, nº. 1, 2001a, p. 33-40.

\_\_\_\_\_. Oriente: fonte de uma geografia imaginária, 2001, p. 1-7. Disponível em: <[www.pucsp.br/rever/rv3\\_2001b/i\\_albuqu.htm](http://www.pucsp.br/rever/rv3_2001b/i_albuqu.htm)>. Acesso em 20 de maio de 2002.

\_\_\_\_\_. **O reencantamento do corpo**. Relatório de Pesquisa apresentado à Congregação do Instituto de Biociências do campus de Rio Claro-UNESP, 2002, 67p..

AMARAL, L. O divertimento e a dor: como é possível curar o corpo, recuperando o espírito, na Nova Era? . **MOTRIZ**, Rio Claro, v. 5, nº 2, dez. de 1999a, p. 183-188.

\_\_\_\_\_. Sincretismo em Movimento – O estilo Nova Era de lidar com o sagrado. In: CAROZZI, M. J. (org.). **A nova Era no Mercosul**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999b, p.47-79.

\_\_\_\_\_. **Carnaval da Alma: Comunidade, essência e sincretismo na Nova Era**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

BARBOSA, M. L. de O.. A Sociologia das Profissões: Em torno da Legitimidade de um objeto. **Revista BIB**, Rio de Janeiro, nº 36, 2º semestre, 1993, p.3-30.

BERGER, P. L.; BERGER, B.. Socialização: como ser um membro da sociedade. In: FORACHI, M. M.; MARTINS, J. DE S.. **Sociologia e Sociedade**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977, p. 200-214.

BERGER, P.; LUCKMANN, T.. A sociedade como realidade Subjetiva. In: \_\_\_\_\_ . **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976, p. 173-195.

BETTI, M.. Educação Física e Sociologia: novas e velhas questões no contexto brasileiro. In: CARVALHO, Y. M. de & RUBIO, K. (Orgs.). **Educação Física e Ciências Humanas**. São Paulo: Editora Hucitec, 2001, p. 155-169.

BONELLI, M. G.. Estudos sobre Profissões no Brasil. In: MICELI. (Org.). **O que ler na ciência social brasileira hoje (1970-1995)**. São Paulo: Editora Sumaré, 1999, p. 287-323.

BOURDIEU, P.. As contradições da herança. In: LINS, D. (Org.). **Cultura e Subjetividade: saberes nômades**. Campinas: Papyrus, 2000, p. 7-18.

CAROZZI, M. J.. Nova Era: A autonomia como religião. In: \_\_\_\_\_. **A Nova Era no Mercosul**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999, p. 149-189.

CLASTRES, P.. Da tortura nas sociedades primitivas. In: \_\_\_\_\_. **A sociedade contra o Estado: pesquisas de Antropologia Política**. 5ª ed.. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1990, p. 123-131.

COURTINE, J.J.. Os Stakanovistas do Narcisismo. In: SANT'ANNA, D. B. de. **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 81-114.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

FEATHERSTONE, M. A globalização da complexidade: pós-modernismo e cultura de consumo. **RBCS**, nº. 32, ano II, outubro, p.105-124, 1996.

FERREIRA, A. B. de H.. **O Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986, p. 966.

FOUCAULT, M.. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1975, 277p..

\_\_\_\_\_. Poder – Corpo. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 145-152.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 10ª ed.. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

FRIEDSON, E.. Para uma análise comparada das Profissões: A institucionalização do discurso e do conhecimento formais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ano 11, nº 31, junho de 1996, p. 141-154.

\_\_\_\_\_. Renascimento do Profissional: Teoria, Profecia e Política. In: \_\_\_\_\_. **Elucidando as questões**. São Paulo, EDUSP, 1998, p. 47-65.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.(Orgs.). **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 1646.

MAGNANI, J. G. C.. **Mystica Urbe um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole**. São Paulo: Studio Nobel, 1999a.

\_\_\_\_\_. O circuito neo-esotérico na cidade de São Paulo. In: CAROZZI, M. J. (Org.). **A nova Era no Mercosul**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999b, p. 27-46.

\_\_\_\_\_. **O Brasil da Nova Era**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, 63p..

MARTINS, P. H.. As terapias alternativas e a libertação dos corpos. In: CAROZZI, M. J. (Org.). **A Nova Era no Mercosul**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999, p.80-105.

\_\_\_\_\_. Religiosidade dos Terapeutas Alternativos: Um Sincretismo Gracioso, 2000, p. 1-18. Disponível em: <[www.antropologia.com.br/arti/colab/a7-phenrique.pdf](http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a7-phenrique.pdf)>. Acesso em 10 de agosto de 2002.

MAUSS, M.. Noção de técnica corporal. In: \_\_\_\_\_. **Antropologia e Sociologia**. São Paulo: EPU; EDUSP, 1974, v. II, p. 212-33.

MOLLER, R.. **Terapias Holísticas no Esporte**. São Paulo: IBRASA, 2001, 120p..

MOREIRA, A. F. B.. Currículo, Utopia e Pós-Modernidade. In: \_\_\_\_\_. **Currículo: Questões atuais**. Campinas: Papyrus, 1997, p. 9-28.

PEREIRA, J. B. B.. A linguagem do corpo na sociedade brasileira: do ético ao estético. In: QUEIROZ, R. da S.. **O Corpo do Brasileiro: estudos de estética e beleza**. São Paulo: Editora SENAC, 2000, p. 67-94.

PINHEIRO, D.. Promessa de Milagre. **Revista VEJA**: Editora Abril, ano 35, nº 17, 1 de maio de 2002, p. 96-103.

PINTO JÚNIOR, A. E.. **Nova Era no Campo Religioso de Juiz de Fora: Mapeamento e dinâmica de grupos alternativos de cunho esotérico-espiritual**. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Religião). Juiz de Fora, 2000, 325. p..

PORTER, R.. História do corpo. In: BURKER, P. (Org.). **A escrita da história do corpo: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 291-326.

QUEIROZ, R. da S.; OTTA, E.. A beleza em foco: condicionantes culturais e psicológicos na definição da estética corporal. In: QUEIROZ, R. da S.. (Org.). **O Corpo do Brasileiro: estudos de estética e beleza**. São Paulo: Editora SENAC, 2000, p. 13-66.

RIBEIRO, A. R.; MAGALHÃES, R. (Org.). **Guia de Abordagens Corporais**. São Paulo: Summus, 1997.

RODRIGUES, J. C.. Corpo ou Corpos?. In: \_\_\_\_\_ . **Tabu do Corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980, p. 43-49.

\_\_\_\_\_. Proximidade e Distância. In: \_\_\_\_\_ . **O corpo na história**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999, p. 83-96.

RONDINELLI, P.. **Terapias Alternativas: um estudo de caso**. (Monografia apresentada como requisito necessário à obtenção do título de Licenciatura em Educação Física). Rio Claro: UNESP, 1999.

ROSENEAU, P.. Modern and Post-Modern **Sciense**. Review-Fernand Braudel Center, v. XV, n°. 1, Winter, p. 49-89, 1992.

RUDIO, F.V.. **Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica**. 2° ed.. Petrópolis: Vozes, 1978.

RUSSO, J.. O movimento das Terapias Corporais. In: \_\_\_\_\_ . **O corpo contra a palavra**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993, p. 111-166.

SANT'ANNA, D.. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 121-140.

SILVA, T.T.. O fim das metanarrativas: o pós-modernismo. In: \_\_\_\_\_ . **Documentos de identidade, uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 111-117.

SOARES, L.E.. Religioso por Natureza: Cultura Alternativa e Misticismo Ecológico no Brasil. In: \_\_\_\_\_ . **O rigor da indisciplina**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 189- 212.

TAVARES, F. R. G.. "O Holismo Terapêutico" no âmbito do movimento Nova Era no Rio de Janeiro. In: CARROZZI, M. J. (Org.). **A Nova Era no Mercosul**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999, p.106-129.

\_\_\_\_\_. **Alquimias da Cura: Um estudo sobre a rede terapêutica alternativa no Rio de Janeiro**. (Tese de Doutorado em Sociologia e Antropologia). Rio de Janeiro, 1998, 225p..

VENUTO, A.. A Astrologia como Campo Profissional em Formação. **Revista de Ciências Sociais**: Rio de Janeiro, v. 42, nº 4, 1999, p. 1-27.

VIERTLER, R. B.. A beleza do corpo entre os índios brasileiros. In: QUEIROZ, R. da S. (Org.). **O Corpo do Brasileiro: estudos de estética e beleza**. São Paulo: Editora SENAC, 2000, p. 153-181.

VIGARELLO. G.. Panóplias Corretoras: Balizas para uma história. In: SANT'ANNA, D. B. de. **Políticas do Corpo: elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p.21-38.

## BIBLIOGRÁFIA CONSULTADA

AMARAL, L.. Modernidade e Religiosidade, 1999. **Trabalho apresentado na Conferência da Academia Brasileira de Letras**, Rio de Janeiro, 3 de maio de 1999.

BERGER, P.; LUCKMANN, T.. A sociedade como realidade Objetiva. In:\_\_\_\_\_ . **A construção social da realidade**. Petrópolis: vozes, 1976, p. 69-77.

GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu & Vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: RECORD, 2002, 3358p..

QUEIROZ, R. da S. (Org.). **O Corpo do Brasileiro: estudos de estética e beleza**. São Paulo: Editora SENAC, 2000, 181p..

RONDINELLI, P.. A face encantada da Cultura Corporal Alternativa. **MOTRIZ**, v. 7, nº 1, p. 41-44, 2001.

SANT´ANNA, D.. Descobrimo o corpo: uma história sem fim. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 25, nº 2, jul/dez. de 2000, p. 49-58.

TAVARES, F. R. G.. O circuito "Nova Era": Heterogeneidade, Fronteiras e Resignificações Locais. **X Jornada sobre alternativas religiosas na América Latina**, 2000, p.1-17.

## APÊNDICE I

### Roteiro do Questionário

Sexo: F( ) M( )

Idade: 20-29( ) 30-39( ) 40-49( ) 50-59( ) 60-69( ) Mais de 70( )

Estado Civil:

( ) Solteira

( ) Casada

( ) Viúva

( ) Divorciada

( ) Coabitação

( ) Outros

Escolaridade:

( ) 1º Grau Completo

( ) 2º Grau Completo

( ) 3º Grau Completo

( ) Pós-graduação e/ou Especialização

Especificar: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

—

Religião: \_\_\_\_\_

—

## APÊNDICE II

### Roteiro da Entrevista

- Como você veio a conhecer o universo das práticas alternativas/holísticas?
- A partir dessa experiência o que foi que te levou a se tornar um profissional alternativo/holístico?
- Como você vem se preparando para aplicar as práticas alternativa/holística?
- Quais os critérios necessários para se tornar um bom profissional alternativo/holístico?
- Como você avalia o mercado de trabalho que lida com as práticas alternativas/holísticas?
- Você tem algum contato ou se relaciona com outros profissionais alternativos/holísticos de Rio Claro ou de fora?
- Tem alguma experiência que você gostaria de relatar, que te chamou a atenção durante sua trajetória profissional?